A ESMERALDA DE NERO

(RÉZAS D'ESPUMA E DE SARCASMO)

EDIÇÃO DA RENASCENÇA PORTUGUESA PORTO

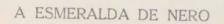


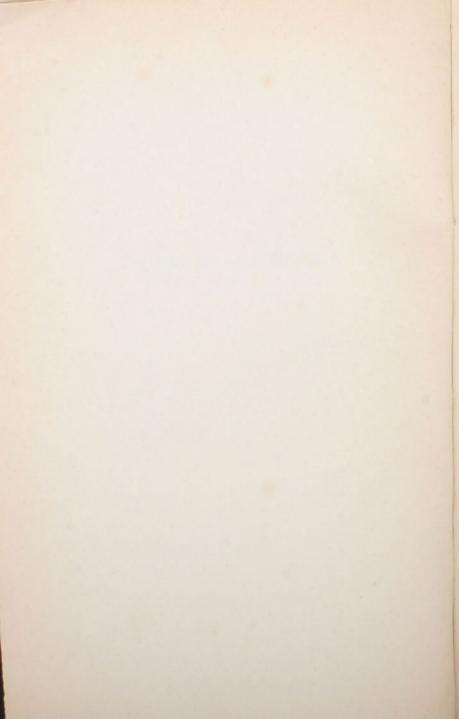




1/2 Femana Pesson pelo ser helo Talento

a mai fraterno
estimo Carly Paneins Cabo Verte Mais 181818



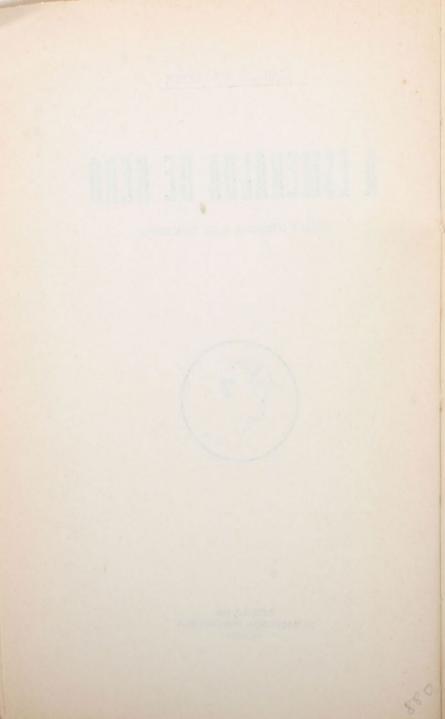


A ESMERALDA DE NERO

(RÉZAS D'ESPUMA E DE SARCASMO)



EDIÇÃO DA RENASCENÇA PORTUGUESA PORTO



On ne doit jamais écrire que de ce qu'on aime

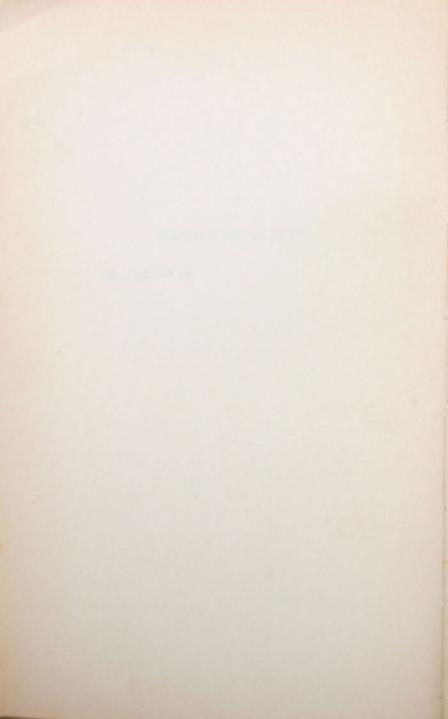
Renan — Souvenirs d'enfance et de jeunesse





TÉSE SOBRE O HUMOR

Ao Ribeiro Lopes



O humor devia ter nascido duma contracção dolorida.

Foi no Egypto, o doce escultor das figuras imoveis e monótonas, o terno constructor dos tumulos. Um dia um desprezivel camponez, que lavrava as ceáras, teve de curvar o dorso ruivo á vergasta de palmeira, por não poder pagar o dizimo das colheitas. E a dôr sentida foi tão brutal que o rictus convulsionado da mascara se lhe converteu numa hilariante pantomima de galhofa. Então um rir estridulo rasgou na face do seu dono uma gruta enorme de sombra, e, encantado, o senhor mandou suspender o castigo.

O humor estava creado. E assim o humor começou descrevendo pelo mundo a sua trajetória inexoravel, devastadora.

Mais tarde, na India, elle protegia o misérrimo sudra do brahmane despótico, e, depois de ter produzido, na Judeia, a indecisão e o medo de Poncius Pillatus, o humor contribuiu em França para se instituir a guilhotina. Em 93, em 48, os craneos rolando numa expressão macabra e pitoresca, o que eram senão pequeninas crispações, mômos impossiveis, sobresaltos elásticos do humor, contagiando tudo da vivacidade espumea, da ironia alérta e subtilima que os ceramistas etruscos acharam para os seus frisos?!

Elle inventou Ariosto, Arlequim, Voltaire, Cervantes, o jardineiro Karr, quixote dos paradóxos ligeiros, sancho pansa dos tratados de

floricultura. E quantos mais!...

Como os miopes vêem as flambagens noturnas das luzes rodeadas duma névoa caustica, mordente que as epileptisa, elle olha pra uma Dor e transfá-la num Esgáre; e os gritos, as lagrimas, as coleras, os odios azues-lividos, os soluços esfibrantes, na sua pupila daltonica abrem-se ao ar em loiras corólas de risos, em couplés de Offenback, raivasinhas mansas e flatulencias.

0

O humor creou os cerimoneaes e a etiqueta que fez das realezas manequins irrisorios. Quando Philipe III d'Hespanha, por causa da etiqueta, se deixou queimar por um *brasero*, o humor, invisivel no ambiente magestatico, ria voltaireanamente. O humor deslocou a essencia

religiosa das procissões introduzindo-lhes o vaudeville dos «anjos».

E porque é que, pela Semana Santa, se perde de todo a ideia dum Jesus de bondade, crucificado para nos redimir? — porque veio o humor e transmutou-o num pingue manancial dos confeiteiros. Elle surripiou aos enterros o seu «fato solemne», creando o chapeu alto e a sobrecasaca preta. O humor, emfim, foi á face da Tragedia e besuntou-a dum vermelho imprevisto, esfusiante, mas na da Farça traçou toda a sorte de arabescos tristes: de maneira que nas nevropathias contemporaneas não ha olhar, por mais aguçado, cujo frenesi analitico diferençá-las agora consiga.

E irremediavelmente se ha-de ir Hoje misturando o sonho com as materialidades, a magua com o ridiculo, o amor com a descarga dos sentidos.

I

Aquelle cadaver rigido no seu caixão, que atravessa, como uma cicatriz imensa e lassa, a fisionomia sem inteligencia das ruas e sob o nojo das janelas, onde suam todas as ignominias e sujas sensualidades dos «interiores»— esse resto de idealista tem uma historia.

Eu não vou agora, encostando-me aos

velhos processos, dizer — que a encontrei no espolio dum mendigo, morto no hospital. A razão é por não acreditar que elle ou qualquer outro se sujeitásse a escrevê-la. Esse apreciavel estilista não se preocupava com futilidades; redigiria antes uma «petição», dizendo-se — operario despedido pelas suas ideas republicanas; passava-a ás portas com a sua politica e seria presidente dum centro, onde depois demosthenisaria a grossas diatribes, o capital e o patrão.

Foi hontem no teatro, aonde me levou a halucinação deliciosissima de nunca deixar de vêr a tua graça clara de britanica, desabrochada ao sol peninsular — foi hontem que eu a inventei. No logar ocupado por ti a noite passada, um busto incaracteristico tinha gestos viscosos de salamandra.

Embora! eu sentia na pélle o teu halito de flor, os olhos reviam o meigo tom do teu vestido lilaz e o meu ouvido bebia no ar sonóro a tua religiosa voz onde ha reflexos flávos de joia, emoliencias de luar e embalos de musicas veladas.

Tu aparecias-me toda, radioso facho de perfeição, nas tuas minimas atitudes — primaveras precóces onde ha risos d'amendoeiras —, tu, que és um tanto joia, perfume, musica, luar. Um burguez que exhalava um cheiro torpe a gorduras e a cavalariça, irritava-se com a

minha mascara d'artista, perfumada a trevo e a pó d'arroz. Entanto iam entrando dos adulteriosinhos, dos spasmosinhos e das extravaganciasinhas nas alcovas mediocres de Marcel Prevost, as mulheres de Maeterlinck, com fundo d'estopa em vez de fundo moral, serpentinando a murcha hesitação dos seus corpos de'tites amies de convento: e no encalco lhes vinham os homens vulgares de Octave Feuillet, que falam de virtude fechando os olhos e com as preocupações, com as dedicações e o mysticismo lodoso de Mr. de Camors. E umas e outros, todos elles levitas grosseiros do Deus Phalus, moviam em póses de galhofa, as figurinhas nostalgicas de regressão. Então deante destes homens e destas mulheres - pretextos alegres para uma nacionalidade pretendidamente civilisada-um desfalecimento me entrou na alma, se me alastrou na sensação e eu assistia agora ao enterro dos meus sonhos, dos meus horisontes, dos meus enthusiasmos. Ah, tudo finda!

E ephemeras, vivas, dum catitismo desconjuntado, maneiras fininhas, cheias dum picante féro e epigramatico, duas figuras surtem em passo humoristico de dansa, fascinando o olho de periquito meditabundo dos espectadores.

O' corpos amaciados para satisfazer a gula tôrva das cóvas! Mais tarde, quando passos indiferentes arrastarem a sua atonia por entre os cemiterios; dos jazigos, das simples lousas terra-á-terra, das cruzes humildes e elegiacas ha-de saír um murmurio timido, como um alvoroço discreto de creaturas palidas e maceradas, que falam baixo, que riem baixo e olham a susto.

Nas lousas súplices, enchendo de vago medo, irritando com a sua impassibilidade de mascarão, de traz de que não ha nervos, nem claras sensações, nem energias, nem o rútilo sangue; naquelles jazigos dum luxo tagarela, vêem-se uns nomes. E é tudo o que resta dos vossos frenesis creantes, das vossas grimacerias, das noites de gloria e das angustias pela estupidez irremovivel das plateias, ó comicos!

Estes pensamentos foram, ó Unica, o germinal que em mim fecundou a visão desse idealista no seu esquife, resvalando alem, com a sua historia... como essas imagens d'espectros angustiosas, duma sensação doentia alevantadas por certos poentes côr d'absinto palido e folhas sêcas.

H

«Agora que eu a seguia, as suas toiletes eram sempre cassas graceis, fazendas ligeiras de tons ternos dando-lhe um ar de *confiture* preciosa, irrompendo de papeis de seda. E o seu cinto a fios d'oiro de fábula oriental! com entrelaçamentos, folhagens e tonalidades matutinas d'azas hieraticas; o seu cinto onde sonham, num fundo de gloria, poentes d'outubro condensados e auroras de carnes puras de creança, envolvendo de cambiantes moreno-doiradas a sua juvenilidade gracilima de magra!

Mas bem me lembro de tê-la encontrado já, ainda em saias curtas de bambina precoce. Os seus estofos eram então dum preto austero.

Nostalgias d'inverno quando a natureza veste o albornoz das brumas passionaes e os pungitivos ceus esfiam o pranto da chuva-Niobe esmanchando as tranças dolorosas... Nas teorias imbecis e azafamadas de chapeus abertos pingando, homens de galocha e esculturas sem arrojo de galateias bisonhas, ella punha um destaque maravilhoso de frescura, com os seus gestos em curva, derramando claridades pelo ar, como esses esmaltes cheios de caracter que nos chegam das manufacturas chinezas, seu melodioso perfil de Cecilia de Mantua, da medalha de Pisanelo; vivaz como o champanhe-essa bebida esvelta e paga em cujo capitoso ambar residem não sei que remeniscencias da alma grega, phantasmagorias, Deus o sabe! de Páris e Helena, cujos corpos músicos se enroscam e sugam, em frenesis doridos.

0

Onde sobretudo a minha admiração gosta de contemplá-la é no teatro, por ella ás vezes enobrecido com a sua presença. Ali, no imenso navio sonóro, que os burguezes apulhastram, com seus dichotes fulvos de marujos, eu sou excessivamente feliz e desgraçado, conforme ella é afavel, consoladora, cortante, desdenhosa. Um sabado, por casualidade, ficámos juntos, a minha cadeira logo atraz da sua. Deus justo! Eu tinha-a ao alcance do meu braço sem que um sequer dos meus desejos - todos de pureza-a podesse aflorar. Ah, mas tendo-a perto foi um orgulhoso remarcar das suas perfeições. A sua fronte soberana parece ter emigrado, luminosa e suprema, dos magazines d'arte; basta fixá-la, e rapido, na lanterna magica da memoria perpassa a caravana melodiosa das grandes figuras dramaticas: Theodora, Phedra, Margarida Gauthier, Lady Macbeth, Julieta, Electra, Ephigenia, Antigona; as creaturas que as realisaram, plasticas e vivas, com a sua vida noturna de estremecimentos, combates, de amores, de delirios, as dynamisaram entre paredes mal juntas de lona ficticia, apenas com a energia halucinatoria dos seus nervos suprasensiveis: Sarah Bernhardt e Eleonora Duse, da vecchia Italia do melodrama.

Um pouco Duse nas atitudes, ella guarda,

certos momentos, a expressão extática de quem recorda phrases esteláres e um calafrio d'arte parece que lhe percorre todo o corpo, torna incoercivel a linha ritmica do seu perfil de Billy Burke.

E a esvelta florescencia das suas mãos! as suas mãos que sugérem, segurando o leque, as fêtes delicadissimas de Watteau! Mãos inquietas e hiper-sensiveis que tendes a maciesa das rosas-chá e onde as veias, as pequeninas veias lembram os filamentos d'oiro dos crisantemos. mãos que Balzac celebraria, mãos para erguer a resa convulsa dos violinos — esses Leopardis do som — mãos para tocar Beethoven e as melodias elegiacas de Schumman... pudesse eu sentir-vos poisar na febre a 39.º dos meus olhos e debelar-m'a! Ah, seres tu a minha mulher!... - e nos jornaes diriam que em tais noites, tal teatro, uma mensageira do Bello daria tantas récitas... tu que possues a excelsa nevróse das grandes sensações imorredouras e uma curiosidade superiormente inteligente e intranquila de sublime, entrarias, anciosa, no camarote: eu desapertava-te o bournous de Serenissima Infanta, bordado à jour, e, como um suor imundo, exhalar-se-iam da pelle alcachinada da multidão, para a tua loira graça de veneziana, os murmurios toscos e neutros que o meu orgulho nunca escuta...

Esse sabado, porém, nunca se fixaram em

mim os teus olhos inconstantes. De redor, palmas saudavam no seu begaiement imbecil, não sei quê. Tinhas partido e, crudelissima, nem te voltáras uma vez unica para me vêr.

> Sou o Barba Azul, olé, Ser viuvo é meu filé...

Então, horas altas, no meu quarto de terceiro andar, quando a Noite dorme, toda nua, estendida ao luar das planicies, triste mulher de seios infecundos, cuja respiração povôa d'enigmas os echos dos valados e de cuja cabeleira de musa trágica se desprende, dirieis, a inquietação das sombras carbonosas...—sempre que eu recórdo os teus desdens ou a fluida meiguice dos teus profundos olhos crepusculares, onde esmaecem longes de paisagens—a voz do meu visinho, roufenha, congestionada, resumo da vida grosseira, miseravel, crapulosa, irremediavelmente, a voz detestavel saltita:

Sou o Barba Azul, olé, Ser viuvo é meu filé...

E esta perseguição sardonica hade levar-me ao suicidio.»

Dezembro de 1909

POR UM CREPUSCULO SENTIMENTAL

Ao Mario Beirão e Villa-Moura



qui va, non du sentiment à la forme, mais de la forme à la pensée et à la passion. Parfois le monde crie contre quelque charmant artiste poéte, parce que, pour se servir de la vieille phrase niaise: "Il n'a rien à dire,. Mais s'il avait quelque chose à dire, probablement le dirait-il, et le résultat serait ennuyeux. C'est justement parce qu'il n'a aucun nouveau message qu'il peut faire une belle oeuvre.,

(Intentions - O. Wilde)

- "Emilio Freire. . . ,,

- Simples amanuense?

O meu amigo fixou por um momento a fisionomia bronca do Largo e depois de ter o sorriso em losango, automatico, que vem nos cartazes das marcas de charuto, voltou para mim os olhos leaes, corrigiu:

- "Simples romantico.,,

Houve um intervalo em que o meu amigo se levantou para falar a um rapaz côr d'açafrão, panamá tristonho — que só admitia talento num escritor quando trajasse cheviote lagarto e achava, por exemplo, muito mais apetite numa oravata desespero d'opala que em qualquer periodo dos Goncourt - carne endolorida que o delirio remórde, fibra a fibra. A sombra vinha-se desagregando dos cimos, lôbrega, estrangulante, como um miasma do sol, cujo cadaver apodrecia, lá longe, entre coágulos de purpura e ruivo alaranjado. Ha pouco ainda, havia para além, nas janelas, pequeninas crispações luminosas de pontas acêsas de cigarro, agora os prédios conservavam atitudes lancinantes de viuvas cobertas de luto. Mas breve. sôb o magestatico erguer das luzes, os andares resplandeceriam de nuances estridentes, auroras de risos e uivos de pianos: assim as viuvas enterram bem fundo, nos armarios, as suas crépes, para a reprise ideota do casamento.

Eu comparava o largo a um salão grotesco de sociedade de recreio e os burguezes a inverosimeis pares balançando-se ao som estrepitoso duma valsa, ganida em exhaustinadas guélas de quartteto.

Emtanto perseguia-me o desejo ruivo de encontrar para lá das cadencias angulosas, dos gestos magros ou gordos, murchos ou crespos das outras mulheres, a geometria suprema dos teus gestos... e, sobrelevando á sarabanda monotona dos seus corpos, á teoria libidinosa

dos seus cabelos, á lascivia desabusada dos seus olhos - cadélas que se espojam, em desfalencias, por todos os esgotos e imundicies - os homens... a gracilidade lilaz do teu corpo, divino himineu d'espumas e rosas-chá, cantico dos canticos da carne, todo em suspirosas cadencias de epiderme e extasis azues de veias, duma magia rútila e febricitante, como a chimera ultima, estatuisada, dalgum doce artista, morto na manhan sofredora da sua obra: e os teus constelados olhos de pubere que parecem feitos de musicas e lethargias. d'espelhamentos d'aguas e fulvos soes de meio-dia: e os teus nimbados cabelos de Julieta, orgulhosos por saberem todos os intangiveis sonhos, visualidades translucidas, loiros projectos e devaneios de colibri, que formam o dia-a-dia do teu cerebro.

Ah, neste crepusculo que a melancolia inenarravel das arvores apenas sentimentalisa, resando o miserere pungente das suas nostalgias d'ar livre, confrange-me a idéa de que nunca mais te verei e tu serás perdida para mim. E outro pensamento mais cruel se vem juntar, dizendo lithanias roucas, ao cortejo de duvidas e desesperanças que me passa e repassa no espirito: se por acaso nesta multidão brutal, atropelando-se, empurrando-se, esbaforindo-se aqui perto, propulsionada por mesquinhos afazeres e necessidades miudas, não irá resvalando, triumphador — o teu marido d'algum dia!

Mas, impossivel. Oh, a tua sensibilidade é uma triplessencia dos cristaes, das joias, das flores e dos perfumes; nos teus silencios presinto atitudes magistralissimas d'arcos de violino, vibrando, calafriados de celestes, luminosas harmonias, e devem helenisar as tuas aspirações, vislumbres d'existencias angelisadas d'arte, ethereaes amores, horas lilazes, em que os dedos se procuram, os olhos têm bôcas ciciosas e as almas se enlaçam, dão beijos, tranzidas de audelà, entre os veludos das penumbras...

O teu noivo, por conseguinte, ha-de ter a superioridade dum deus-da-terra, lucido atheniense da vida alta, voluptuoso e casto, mystico e pagão, Lohengrin hamlético do amor.

Burguezes que passam ôcos e grazinas, pretextos alegres para alfayates... certo, elles provocam *hiatus* de desprezo na nupcia auroreal dos teus labios d'infanta desdenhosa!

- Uma salsa?
- Sem gelo.

O meu amigo traçava agora o retrato do seu romantico:

«Extrema simplicidade de tons no vestuario; sempre de preto ou azul (as côres de Brummel);

a cara glabra dava-lhe um aspecto um tanto clergyman, olhos cheios de longe, musicos, pelo habito de se apasiguarem na alma beethoveneana dos ocásos — por cima de tudo isto a porção de grotesco exagerado e ao mesmo tempo de imponente que tráe logo alguem, magot que por acaso não saiu uma obra d'arte, Apollo por peças desencontradas, que, em justo equilibrio, dariam as linhas puras duma estatua grega...»

la colocando as palavras, umas traz outras, com cálculos saboreados de quem justapõe as

suas pedras, ao dominó.

Como uma velha ignobil que mostra o craneo pelado onde se enclavinham chágas, a noite ia descobrindo, estupidamente, uma agora, logo outra, as suas pústulas — que são as luzes dos cafés, das lojas, dos passeios, dos teatros; e o meu ouvido escutava a sua voz plangente, macabra, irreal, em toada de cantilena, pedindo baixo, o desabelhar dos esturdios, a anesthezia dos taipaes, os ultimos actos das peças, o fenecer dos reverbéros, emfim, o bocejo cinzento da ante-manhan... Já o luar alagava todo o ceu, como uma cheia, o ceu côr de nevoeiro d'opala, onde as estrelas frissonavam como espaduas de mulher numa corrente d'ar, mas era uma lua de triumpho e de campo de batalha, meu Deus, já liberta da «palidez ophelica» contraida em viciosas frescatas com poetas

gágos, dirieis um elan titanico, expulso ao ar por herculeos haustos de locomotiva.

Ai de mim!

Ao meu recanto de brasserie, fóco lastimavel das vozes mais lôbregas e dos risos mais contundentemente farfalhantes, nunca chegará a gloria da sua Luz e eu somente posso, confuso e silencioso, notar-lhe a trajectoria magnifica: assim quem sabe se tu terás de passar, altiva e cheia de desdens, fóra do circulo mediocre da minha vida e eu apenas poderei recolher de longe, ulcerado de martirio, a curva incoercivel da tua imagem?

E estas suspeitas tomam corpo, ganham som no Waterloo angustiosissimo do meu pensamento, como uma phrase melodica que se vai acentuando e caracterisando, cada vez mais transparente, até se desenvolver em motivos similares duma musica triste.

Bem te vejo! bem te vejo, na sombria camara da retina! e a tua bôca—a tua bôca d'extase e d'orgulho—orvalha um sorriso lapis—lazzuli, matinal; poisas na minha aspereza os teus olhos inesqueciveis de lady Ligeia, em cujo rastro lunar quêdam, pacificados, os meus sonhos, os meus enthusiasmos, os meus orgulhos de rebelde, o mais diaphano dos meus gostos e o mais impecavel das minhas paixões—e, punhal escondido numa grinalda de myrtos, a duvida de não te merecer...

- CÁ'STÂO LEITURAS SÓ P'RA HOMEM!

Como essas verdes figuras desconexas que se alevantam e tresvairam nas visões dos epilepticos, um homensinho apareceu, com passos de pesadelo, dum tragico hilariante á Hoffman, as abas duma sobrecasaca prehistorica batendo-lhe desenxabidamente os cirios das pernas magras; caminhou para nós e com palavras que pediam misericordia ou azorrague, oscilantes, gesticulantes, dando bórdos, sugerindo destróços de calças em paus de janela, ás vaias cinicas do vento—n'uma vóz embuçada, ofereceu:

- Cá'stão leituras só p'ra homem!

O horroroso fantoche! Aquela figura era o substracto irrisorio da vida moderna, exhalando escarneo, suando ridiculo, salpicando de lama a face apolinea dos sonhos, das visões, da sensibilidade e da desgrenhada phantasia, e eu estabeleci-me doloridamente, na idéa de que ela seria o comentario infame passando a acompanhar com um rir estridulo de blasfemia, a historieta do meu amigo—como esses diabos cinicos que, nas velhas gravuras alegóricas, marcham atraz dos enterros.

-"...No dia seguinte, um domingo, festa famosa no passeio da Estrela.

Ella estaria lá!

O meu romantico, seis dias antes, já me fa-

lava d'Ella, por imagens musicaes e com um interesse tão comovido, com um enternecimento tão religioso, que outro mais positivo julgaria perceber nas suas palavras uma exaltação morbida do amor. Então eu apreciei, caro amigo, quanto a sua imaginativa ultrapassava, no bizarro, os catalogos extravagantes dos grandes armazens de Paris.

Ha mulheres que fixadas pela primeira vez deixam na alma, bem adstringente, a sensação dum perfume, ou muito intenso, ou muito tenue ou muito grosseiro, conforme são morenas, loiras ou sardentas; ha-as ainda, misera conditione, que sugerem imagens perfeitamente vegetaes, exemplos: as leitoras das chronicas politicas, as viuvas dos chefes de repartição, as mulheres dos influentes republicanos. Estas entidades são bem dignas, vá sem dizer, das comparações classicas de espinafres famélicos, couves repolhos e maleguetas afogueadas.

Ella despertára no meu romantico uma emoção toda musical; espectador deliciado, elle experimentava ao reconstituir a imagem bem-amada, o enlevo absorvente, a comoção super-estética de quem reconstitue as phrases duma melodia wagneriana. Isto conclui eu, durante os seis dias que antecederam o domingo, das suas palavras, onde havia o carmezim, côr do enthusiasmo, o azul vago e ocianico, côr da metaphora, o côr de rosa

palido do idealismo e do optimismo e os setins verde-mar, imponderaveis, que são o misterio e o symbolo, e até o roxo da rétorica, atufando em prégas scénicas.

Devo dizer-lhe que eu alimentava entre os enramados claustros do jardim, a curiosidade inquieta, nervosa dum artista que vae ser iniciado numa grande obra d'arte. «Se não viria...» e um tremor convulsivo chicoteou o seu corpo de bébé espigado, um sofrimento japonizou-lhe o rosto, tão remordente que cheguei a pedir ao Deus das velhas orações e dos livros de moral cristã—que Ella viesse...»

-ENTÂO NÃO ME QUEREM AJUDAR A VI-VER ? CÀ 'STÂO «OS AMORES DUMA FREIRA»... e o homem não despegava de nós, farrapo tropego amachucado pelos frenesis halucinantes da vida, imagem da cidade empenhada em escorraçar o ideal, para em seu logar erguer a kermesse das associações de beneficencia, da philantropia e da hedionda caridade; o homem não despegava de nós e tão prolongado para a minha germania que a todo o momento eu esperava vêr desprender-se-lhe do tronco, como fardo inutil e incomodo, a cabeça d'alcoolico, injectada, rolar para o chão, alcançar a porta, espalhar sobre os asphaltos das ruas e das pracas, sobre o montão incaracteristico dos predios-jazigos, sobre o pesadelo de caliça parda que é Lisboa, o seu fedor eterno, terrifico, ofensivo.

— «... de repente, que magico encanto! dir-se-ia ter havido uma pausa na fadiga viciosa dos olhares, na fealdade dos rostos, no tom murcho dos cabelos e no bambalear monotono dos passos de todas as creaturitas neutras que arrastavam a sua trivialidade e a sua ambição dum aspirante, e, clarão ilusório, pareceu-nos a nos haver agora nos olhos sem reflexo, minusculos frémitos d'azas, tintas alegres nas caras, lividas ha pouco, sobresaltos de viço nos cabelos murchos e um rascunho de viveza nos passos monotonos.

Era Ella e a Irmã.

Assim, sôb a claridade helenica do grande sol, se espiritualisam nos museus as estatuas que á luz grossa do azeite, tinham atitudes deploraveis de pantomima e de burlesco.

Corpos em caule esguio de flôr rara, nos seus gestos ha brilhos pulchros de filigranas d'oiro, maciezas plumosas, ondulações, impaciencias de calhandras presentindo o rosicler das manhans exhuberantes d'azul e oiro, castidades cuja mimosa graça aristocratica dirieis rescender a «chocolat edelveiss», distinções poeticas de miss, catividades astraes, volitantes, como notas fugidas d'alguma aria lenta, incomparaveis primaveras de coqueterie a mais não deliciosa e pura...

Vestiam de claro, rendas chá-hysson labirintisando nos corpetes arabescos duma chimerica tessitura, os seus olhares vinham para nós num rithmo hieratico; mas á sua natureza de timido pesava aceitar a idéa de que «Nossa Senhora notasse Triboulet», portanto, seria a ultima vez que as encontravamos.

Quando eu convencia o meu romantico a não esmorecer, uma banda, num corêto, tocava os *Palhaços*.»

—TAMBEM TRAGO CANÇONETAS BRÉJEI-RAS, PÓDEM VÊR Á VONTADE...—a vóz desmantelada de voyou onde se condensavam as agonias e os aviltamentos, as materialidades, as paixões obsoletas, os cansaços e picarescas torpezas dos burguezes! O' interprete infame do impudor, do reles, do odio sem garra, das tendencias mercantis e dos servilismos, apupando-nos a todos nós, pensadores e artistas extaticos, que possuimos uma grande alma heroica e sufocamos e caímos sobre o palco estreito dos empregos publicos, entre os lazeres vesgos d'escritorio!

Mas como os antigos monjes que nas célas desguarnecidas afugentavam Satanaz, só com um ávido mover de labios, eu refugio-me na contemplação da tua Imagem, e é agora como se uma colonia zingara de passaros celebrar viesse no meu peito os seus concertos trans-

cendentes, espanejando o pouco d'alegrias que nele teia-d'aranham: eu sinto, eu sinto que ellas sobem para ti num religioso murmurio d'agradecimentos, para a tua Imagem que só as motivou, para a tua Imagem que tem as linhas solenes e fluctuantes das catedraes góticas e onde as atitudes resplandecem, como ogivas maravilhosas na hora extasiada dos poentes.

O' suprema razão do meu orgulho infinito, ainda hontem na archi-banalidade do teatro aonde o afavel acaso nos levou a ambos, eu pude recolher a certeza de que não sou para ti—um-qualquer, indiferente. No palco, um homem flácido, cheio de deslocações e agilidades, exhalava imundicie, era, apenas, mais uma forma execranda da mentira contemporanea, irremovivel, eterna. Eu recebia nos meus olhos (que te olhavam) dir-se-ia um afago de ramagens cobrindo de frescura e sombra um ermo triste e pude surpreender nas linhas puras da tua testa a cristalinidade do teu pensar, no teu sorriso tenro uma superioridade intelectual, desdenhosa do mundano.

Ah, ficasses tu sempre fitando-me assim com arco iris d'infancia nos profundos olhos de meia noite, e eu triumpharia da vida de baixesa, d'egoismos d'aço e raivas d'interesses...

— . . . E BILHETES POSTAES COM «O DES-PERTAR DUMA NYMPHA»; SÂO MUITO BONITOS.

Era de mais. Eu contraí, em febre, as minhas mãos de anemico, finas e cerosas, e o meu amigo, indignado, levantou a bengala para o pelitrapo que fugia, com espavoridas pernadas de cegonha; assim, ó intangivel senso pratico, ó materia omnipotente, ó calculo, ó pilhéria, assim vos encolheis e debandaes, coxeando, ante a ameaça dumas bengaladas!

— « Quando, pois, eu convencia o meu romantico de que deviamos porfiar, uma banda, num corêto, tocava os *Palhaços*. Mas não era aquela estelar comunhão de sons, de formas e de ondulações que se escapa das orchestras, como um jôgo d'aguas, tornando a partitura italiana numa elegia lilaz do amor traído; era um aspero, insistente, selvagem delirar de harmonias, onde havia assobios, poses de galhofa, soluços reprimidos e raspar de risos, era, emfim, toda essa amontoação funambulesca d'estridencias que sae da vóz antipatica dos metaes.

Mas nós já não ouviamos os préstos retumbantes atravez de que passavam as esfalecidas suplicas de Pierrot e os sanguinos desprezos de Colombine, com figurações de phantasmagoria medieva, desenrolada em pannos muraes da grande época, alheios á algazarra e aos giros desymetricos da gentana, nós buscava-

mos agora e encontravamos, um ponto d'onde mirar discretamente—porque *Ellas* tinham-se sentado, e paes nobres, ouço dizer que levam a sua ferocidade!...

A distancia, na penumbra, viam-se-lhes os perfis onde o luar e a musica, o extase e o ritmo se fundem num acórde. Sentadas, havia n'Ellas uma tão excelsa christianisação nas atitudes, um tal opiamento na belleza nevralgica dos gestos que nos recordavam essas creaturas de Rosseti que parecem ogivadas por um pincel em transe, com tintas extasiadas.

De momento a momento, caro amigo, um angelico fio de luz mui benefico, parecia d'Ella librar-se para o meu romantico, fazendo todo translucido o intervalo de sombra separador... e em frente a nós viravolteavam, sonambulos, os burguezes — como noitibós atordoados, procurando um refugio consolador nessa atmosfera calma de claridades, pelos seus olhares estabelecida.

Badaladas para lá, numa sineta, e ia voltar-se a ultima pagina do evangeliario da felicidade: um frio de melancolias agitava as ramagens das arvores e os bicos de gaz que dormitavam; ao réz da herva as tigelinhas de barro deixavam cair, numa celeste expressão de magua, silenciosas lagrimas de cera.

E este soffrimento das coisas, não tão desalentado como a angustia do meu roman-

tico e o sofrimento do seu monoculo, alastrouse-me nos nervos, produzindo-lhes um langôr espesso, mão oculta e cruel apagando-me todas as relações com o exterior, como a luzes muito vivas dum candelabro, um entorpecimento em que já não havia nem sonhos nem imagens, nem evocações, e a alma se retraía, sôb a presença visivel duma fatalidade, perseguindo-a, martirisando-a com a fixidez macabra de dois olhos de gato, phosphorentes no escuro.

... e Ellas tinham partido. Segui-las? participar-lhes «a ardencia dos nossos afectos» e «a constancia dos nossos corações»? ó meu amigo, que insuportavel trivialidade, que insofrivel horror! e não desviar um passo da trajetoria bestiaga do namorosinho lisboeta?

Abominavel humilhação...»

—...Ou a nova cantiga da Rosa tyrana, não querem? então não ajudam a viver um homem de bem?

Lamurienta e jactitante, com rouquejos de rãs numa laguna verde, a voz do homensinho, rastejante agora junto a outra mesa, chegava até nós — corrente maldita dum rio d'aguas lodosas, engrossando, engrossando até formar um oceano imenso de ignominia, que já alagava toda a cidade baixa, apagava nas

lojas as claridades faiscantes das montras, desfazia miseravelmente os donaires arabes das plumas cujo aristocratico mimo e galanteria vão dizendo, parece, ritornelos sardonicos de conforto aos que nunca o tiveram, punha nodoas torpes nos albornozes de arminho e rapozas prateadas em cujo amoroso setim reside não sei que arrebatadora atração de pelle de mulher, alastrava cyanoses pulhas nos tons de carne-rosea-inubil das gazes, salpicava de baba caustica as vidraças das carruagens, rolando com molidões de prequica...e, colera céga onde balouçavam, como mastros naufragados, cadaveres de sonhos altivos tornados estereis por entre a febre humana do chinfrim e o desespero vindo da injustiça e da miseria, craneos putridos de especulações, de mesquinhos negocios e labutas inuteis, agonias d'arvores derrubadas na vespera do parto mystico das florescencias, anatomias tisicas de reverbéros vomitando, pela guéla hiante da luz, o seu odio de não poderem reduzir a cinzas Capharnaüm...colera diabolica estrangulando todas as coisas onde ha inteligencia e consciencia - invadia, de rustilhão, os paraisos nitidos do lar, insultava sobre as mesas os doces remembers dos mortos, torcia d'esgares e mômos impossiveis os retratos austeros dos avós: e ja subindo e subia sempre e subia mais, agitava de vibrações lubricas os fios bambos do telegrafo, galgava o cucuruto das egrejas e apupava, alfim, a inteligencia estoica das estrelas.

Mas o ceu desdenhoso conservava uma fria magestade sem saber que na noite ha vilanias, medos, clownismos d'honra e dignidade, monomanias e vertigens, dissipações da vontade e da pureza, ganidos d'odios, d'uma raça finda que estertóra; o ceu conservava a impassibilidade dum turiste assistindo da janela do seu hotel ao acotovelar torturado duma população extranha. E isto porque podia ostentar superiormente sereno e perfeito, o viço imortal do luar.

Mas tu não passavas, ó fugidia, eu não veria atravessar o asphalto a tua preciosissima escultura, desenvolta, elástica, penetrante; e cheio de desesperações cravei na orbita o vidro amarelo do meu monoculo para surpreender rictus de febres corroedoras, vicios zanagas, fastigios ameijoentos, nas silhuetas côr de ceruza do macadam tornado em lazareto. Porque sem a tua presença, todas as coisas quêdam nulas, infimas, inertes como pobres monjes desamparados da Graça.

- Empresta-me o seu lume?

- Pois não!

E o meu amigo, tendo recolhido duns dedos fôfos e gelatinosos o cigarro que arremessou, concluia a idilica historieta do seu romantico. O que elle já me contára tinha-me ficado na memoria em zig-zagues de chamma, semelhantes a esses relampagos que nas bravas estampas tombam dum ceu de lôdos aflitivos.

— «Seis dias passados em contemplar o drama em porcelana côr de rosa e roxo palido dos poentes e em murmurar: «como é bonito!» e apenas as vislumbraramos uma vez, passando num carro, á Patriarchal. Era a hora em que os fura-vidas rareiam ás portas dos ministerios; primeiras convulsões da tarde debatendo-se na nevróse invasora do lusco-fusco, hora suicida, quando a agua balbucia humildades pelos caes...

No poente vitoriosamente belo, que Delacroix escolheria p'ra nelle espojar o estertor ululante dum anti-cristo, toda a parte ocidental da cidade destacava com um contorno saliente, como a querer libertar-se das vilanias e das vertigens — existencias cheias de lagrimas, de tristezas e preocupações vulgares — do infernal struggle quotidiano que a sufoca, meditando a ressurreição escalafriante dos cataclismos, desaparecer agora mesmo, dissipar-se em fumo... Se alguma coisa a vista podia apreender com nitidez, d'aquella agua-forte sinistramente indiferençadora, eram as janelas abertas, lembrando olhos obsecados pela visão das grandes ignominias dos «interiores» e

onde, aqui e alem, já trepidava a pupila epileptica da luz.

E dava assim a ilusão duma peça colossal de fogo d'artificio onde colaborassem o horror e o delirio, o medo, o fantastico enervante dum Edgar Poe que fosse pirotechnico; a course à l'abime da loucura que certas vezes atinge a estilo-clown de Barbey d'Aurevilly; tudo o que ha de disforme na dor e de aflitivo na miseria. Lá longe, na placidez monastica das aguas, costados de navios punham aras cinzento-chumbo, sobre que as linhas ethicas dos mastros iam murmurinhando pater-noster, cristianissimamente... mais distante, e, rematando, montes esfumaçavam, detraz de que as fulvas populações dos campos, com risos de beicos escarlates e juvenilidades pagans nos olhos garcos, todas as manhans entôam a pastoral meyerbeereana da vida sadia - apupo cruel ao estancado alfacinha.

Depois... era mais um domingo.

Certos pintores impressionistas, quando nos querem transmitir as suas apercepções, ópticas puramente, ante um jardinete publico com vegetações municipaes, dão-se a empastar tintas sobre tintas, perdularios, num desperdicio infertil mas soberbo: assim o meu romantico empastava as razões mais pueris: uma borboleta branca, por exemplo, de manhan entrando p'lo seu quarto em curveteios d'im-

da superstição com certos phenomenos de telepathia e magnetismo, a misteriosa corrente de sympathividade exercendo-se, a distancia, entre creaturas que se conhecem... para emfim me assegurar ali no teatro aonde nós arrastaramos o nosso desalento, para me assegurar, caro amigo — que Ellas não faltariam. Eu proprio, p'ra quem as religiões sempre foram formas mysticas da scie humana da toilete, eu proprio senti despertar em mim o fundo de catolico embuscado no mais positivo e uma oração, sutilosa, se me esfusiou do peito, com picuinhas de insecto, quando se levanta uma pedra á beira dum campo.

Wagner, o Shakspeare diluviano da melodia, recomendava a «sombra favoravel», para a perfeita compreensão das suas figuras musicaes: pois tambem eu e o meu romantico estendiamos sobre a nossa confiança preciosissima a «sombra» duma incertesa, para melhor as apreendermos, ondas todas-poderosas e gemeas dum oceano symphonico e sem esquecer um fio minimo dos seus cabelos, sequer uma prega, a mais tenue dos seus vestidos.

Subito, escutadas, parecia, por uma porta invisivel, que nervosamente se estivesse abrindo e fechando, vozes hiperboreas murmuravam por dentro, aos meus ouvidos: endoideceu a orchestral endoideceu a orchestral

E' que, meu amigo, uma vibração electrica de saude se produzira na tisica em 3.º dos instrumentos e uma mocidade exuberante golfava agora das gargantas vivas dos bordões. Ah, sumira-se, dissipára-se a jota importuna da «Alegria de la huerta» que dá a impressão de pular nas cordas a pé coxinho, merencorea, de boina e jaleco. Vermelha e festival uma musica se esboçava, acompanhada pelos globos, ao alto, no seu côro gigante, arquejante, eschyleano de claridades.

Cinco cadeiras a separa-l'A do meu romantico, tres cadeiras entre mim e a Irmã. Para lá d'Ellas a multidão grazina lembrava uma moldura execravel cercando um quadro divino... e quando lhes poisavam nos regaços as suas mãos eram colombas alvissimas aninhando num sobresalto esvelto. Avocada pelo magico poder dos seus olhos, toda a innocencia das coisas penetrava em nós e eram as horas azues da nossa infancia remota que reviviamos, quando mãositas gorduchas de bébés somnolentos se erguiam para Nossa Senhora, bemdita entre as mulheres.

E não despertar nunca mais! e seguir sempre desvendando a inscripção enigmatica de sonho que ha no arco tendido da felicidade...

> Meu coração por ella bate Eu sinto aqui muito bate-e-er...

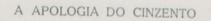
Estes versos não seriam ainda uma vez mais, a vida, obesa e barbara, grotesca e falasona, tentando, em vão, reproduzir o inesculpivel sentimento intimo, como essas figuras impossiveis de madeira pretendem sugerir a imagem dum Jesus todo-perfeição?!»

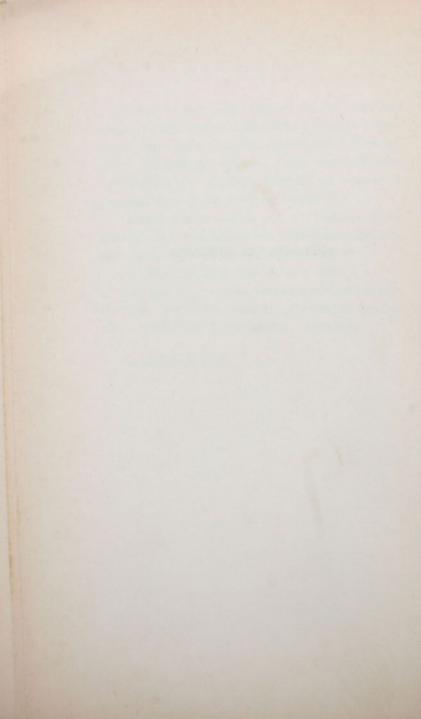
O meu amigo esteve por um instante a saborear a intensa delicia das suas fráses, depois, com uma urgencia dolente, concluiu:

- «Ha oito dias que as não vêmos.»

Um garoto passava apregoando os jornaes da noite; e chamou com ancia, para mergulhar olhos vorázes nas partidas e chegadas».

Dezembro de 1909.





O cinzento é a côr das melancolias de outubro e da saudade que devem sentir os frascos esquecidos, onde já resplandeceu a alma helenica dos perfumes; e o vidro baço dos dedos moribundos, onde já ardeu a triumphal aleluia das joias; e as ruinas hieraticas sonhando, no rigoroso luto das noites axaroadas, com o halito sonambulo do luar; e as pelissas perturbantes, memorando, no ergastulo dos adélos, corpos hebraicos de pecado que já envolveram...

II

Quando eu acordo do meu sonho onde tu outônisas o teu sorriso misteriosamente doloroso, philosophico e mystico a um tempo, sorriso de Rahel, *l'amie d'esprit* de Henri Heine; a testa constelada de diamantes e phalenas de pedrarias, como uma Hespanhola do tempo de madame d'Aulnoy—quando acórdo e olho mal desperto, todo o ambiente do meu quarto tem um sabor ternissimo a cinzento. Mas, prompto, tudo se aclára sob o caustico apupo das realidades.

Ellas, as realidades, como a desgraça e a miseria, tem a crueza nitida do branco.

E agora me lembro, ó Enigmatica! Sempre que tu vens n'aquelle vestido branco que te dá um ar de camelia artificial transbordando d'uma japoneira de láca, presinto na tua mascara hiper-sensivel não sei dizer que frio desdem, que abre feridas rubras onde tóca.

III

Mas trazes o outro, cinzento... então o teu olhar é um afavel bilhete d'esperança.

IV

Sempre que vou a sair de casa e durante o meu lento jour dolente, se umas alvacentas borboletas surtem, n'uma farandola d'ébrias, machinal—a minha alma de supersticioso diz: não a verei!

Com effeito, ó amargura! n'essas noites, nas ruas por onde eu vou, solitario, evocando a tua graça a atravessal-as, só ha reflexos algidos de sabre-vindos da luz sequiosa dos candieiros que clamam, os deixem pegar fogo a toda a cidade, como o poeta Nero, do delirium-tremens das arvores, princezas exiladas do ar livre, apostrophando a injustiça dos homens; da face letargica dos predios, cansados de ver torpezas inconfessaveis, que não querem mais ocultar amores hediondos, vergonhas, miserias e roubos d'ideias, sonhando com a volupia dos desabamentos... emfim de todas as coisas, cheias d'uma angustia livida porque lhes falta a tua purificadora presença momentanea.

V

Hontem, no meu quarto, uma pequenina borboleta veiu chapar na claridade viva do candieiro, o seu rascunho histerico de sombra.

Tive-a, por um momento, fechada na mão em febre, a sensivel d'azas raiadas de cinza... Agora no jardim esperava que passases, ó Fugidia!

E tu vieste, aristocrata, altivola, senhoril, como um desenho de Gandara, figura d'Iphigenia, direita e alta «como uma bella planta

que crescesse sob um bom sol», delgada e esvelta, como esses colunélos das egrejas da renascença, alando-se, em impetos, ao ar, hossânas de marmore palido ao logogrifico deus da bondade.

VI

O vermelho esse é a côr do grotesco.

Ás vezes, n'um theatro, eu rememóro a tua Imagem notavel. Lado a lado, passam e veem e tornam a passar, como modulações similares d'um estribilho flácido, mulherinhas espigadinhas, meladinhas e identicas, fogachos sem prestigio, sem amôr, sem inigma, sem as perversidades loiras do Desejo, reproduções barbarengas d'aquelle barro divino com que o Deus fabricou a vaga e afrontada Eva (afrontada p'las odes dos poetas) ... e essas manchas côr de lagarto que são os homens, sem o contorno d'uma extravagancia galharda e onde as ancias de libertação moral, de justica. das renovações intensas devem passar como tracos a tinta n'um mata-borrão, que os absorve e reproduz mediocremente.

Então olhando essa multidão saltitante de kaleidoscopio, eu tenho na vista um sabor a vermelho de sangue—o sangue que vão pingando nos açougues os porcos esventrados.

VII

Hontem, de noite, horas velhas, torturado pela angustia de não te haver visto, conversava com um amigo sobre litteratura scandinava, longe dos frenesis das gentes grulhadoras, n'um passeio sentimental.

E como a conversa tivesse derivado para uma novela de Blicker, onde uma perversão adusta aniquila duas existencias de catastrophe, nas vesperas da sua felicidade compensadora, eu sentia os meus enthusiasmos afundarem-se n'um atlantico de magua.

De subito, uns sons de piano para além.

—Vamos lá?

Era «uma infanta de Velasquez» que o meu amigo já encontrára, sumptuosa como um cardeal, pelo braço do seu fauno. E ella movia, embevecida, n'uma expressão sonambula de loira, a sua cabeça de aristocrata, amorosa e perversa, nimbada de dandysmo e bêtise archi-poetica—entre reposteiros sangrentos e athenienses garbos de camelias, Mimis da vegetação, fazendo sobre as mesas, com seus colóquios hiperboreos e transcendentes coqueteios, deliciosas noces d'um parisienismo astral.

Ah, puder eu escutar-te, perto de ti, na tua sala de musica! N'uma imobilidade de esphinge, cravados na tua distinção risonha, os meus olhos dolorosamente sensiveis, eu, silencioso, em ti plasticisava a alma apolinea da musica, a nec-plusultrica figura d'olhares d'extaticos, pondo na nossa miseria as suas azas fluidas de meiguice, a afavel, a consoladora, a sóror-enfermeira Arte, que aos nervosos amansa o seu mal paroxistico de viver.

VIII

...E seria ao crepusculo, quando a dubia claridade se enclavinha aos moveis, tresvairada, e escuta mas não pode, atenta e se sobresalta, louca s'estrangula ante uma queixa convulsa que vem do chão—além, mais acolá...—e logo augmenta, rebôa, torvelina um instante e s'esfarrapa em soluços no ambiente, marcha do odio das coisas que vão ser subjugadas pela noite...

...e o Carcel ensaia pelo quarto a convalescença da sua luz, tão doce que dirieis uma

taça de leite que se illuminou;

...e o vento irrompe lá longe, Beethoven do desespero, trazendo na sua voz a sinthese de todos os gemidos, de todos os gritos, de todos os apupos; cassas imponderaveis de sons, lamentações de rei Lear, desafios, rézas, tão

escalofriadas d'angustias suavissimas, como a preghiéra que diz a Gretchen na cathedral, murmurios submarinos de balada scandinava, onde um luar azula a nostalgia humida dos lagos, como um pranto luminoso por vestidos brancos d'Ophelias loucas; hossânas triumphaes, de noite, em hebraicas synagógas subindo e dispersando-se, borboletas incautas, na chamma azul-purpura-e oiro dos vitraes -brocados venezianos que sugerem, na luz, ticianas tonalidades de poentes vistas atravez d'um véu d'agua; cavalgadas de walkirias (bachantes libitinas d'olhos glaucos); conciliabulos de conspiradores erguendo punhaes, que silvam na escuridão como rasgões freneticos em pannos negros; notas de flauta povoando de sensiveis abelhas d'oiro o inquietante silencio da noite-lamentos, quem sabe, de vidas emparedadas p'ra cuja dolora não existe sequer o musico mors-amor d'um olhar, cujo desaparecer não tem in-memoriam; fragores de refréga em waterloos dramaticos de perdição; suspiros de gigante amoroso, encarcerado n'alguma esguia torre de menagem; chôros musicos de Aphrodites pagas exiladas em furnas de coral, claras do luar lascivo dos seus olhos, esmeraldas incrustadas em marmore, calices verdes, fixos n'um tapete aquatico de nenuphares; emfim, - ondas longuissimas que se espraiam, velados tropeis de caravanas

á lua, com beduinos de alcatroados olhos abertos ás miragens, como morcegos encandecidos, cantando a agonia das vidas lazaras e sósinhas, entre ossuarios lividos de perigos e ameaças, vindas de tudo, que se refractam no ar em cabeças de horriveis Hecates...

IX

Ah, esse acaso que nos levou até ao palacete isolado, motivou-o, ó Inteligentissima, um capuchon cinzento, entrevisto ao entardecer n'uma montra bizarra.

X

Mas sumiu-se, escarnecido o céu de dalmaticas gritantes, que um bom sol helenisava d'adolescencias maritimas d'oiro-ruivo... o céu das minhas chiméras.

Outro veiu substituil-o, nocturno, pungitivo, aflicto, mordaçado de pavores: o das minhas desesperanças.

XI

Enganei-me. Tu nunca me fixaste, eu nunca te mereci interesse, ó minha Nossa Senhora do spleen! E como não ha para mim no teu olhar, a força do bem querer, transfiguradora, tu verme-has, indifferente, correcta, soberana, escorregar ao teu lado—sombra grotesca e amachucada.

Horror!

Aquella figura impossivel, que ha pouco não desviava de mim o olhar circumflexo, não será, por acaso, o teu *futuro marido*, «esse bom rapaz, tão probo e respeitador, que tem um altar em cada coração»?

Não saber nada! ninguem saber nada! sermos uns dons-robertos pelitrapos que cada dia vae desengonçando e maquilhando de rugas, n'um galope escandente de Offenback!

XII

Eu homen/quiz comparar-te ás grandes fi- nolum guras dramaticas que veem sobre os palcos declamar a sua tragedia, d'onde escorre o luar enervante das melancolias incuraveis...

...e chamei-te Julieta.

Mas não! Julieta é uma pura flôr de morte, como as wilis da lenda allemã, noivas sem hymneu; por vezes nas melancolicas violetas dos seus olhos, eu surprehendo sabbats dolorosos d'espectros que fazem da sua alma aromal uma «grotta azura» de halucinações. Julieta é

a Biblia christă da dôr humana, que, cada um de nós, excentricos malditos, martyres lançados ao colyseum da vida, que cada um de nós traz impressa na sua carne, como uma tatuagem sinistra e imortal. Ha portanto no seu olhar a vertigem do infinito; elle parece que vem até nós, já adormecido no opio macabro do audelá... e tu és inflexivelmente calma como um mar tranquillo!

Tu lembras essas virgens esveltas, flôres de lótus da pureza, que brilham, como medalhas enigmaticas, nos poemas sanskritos, e em cujas veias ha frémitos que são ázas satisfeitas, agitando de plenitudes o elançado caule dos seus corpos.

XIII

Mas não recrimino.

Que sômos todos nós, artistas extaticos, que uma familia d'imbecis traz constantemente irritados? eu o que sou?—uma alma que se atormenta.

Quando meditava n'estas coisas, na plantaforma do carro que te levava para casa, sem adivinhares que eu ia ali—hamlet grotesco no meu Elsenor d'escárneo—vi de repente surgir, á esquerda, o enorme espectro da cidade.

Dava a impressão d'uma joalheria ardendo

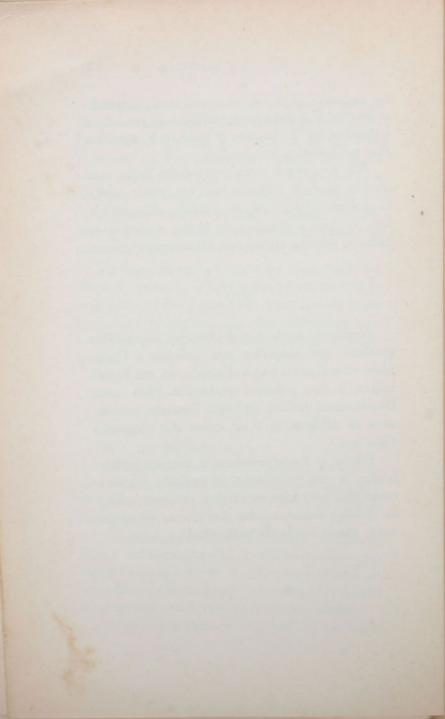
na convulsa lagôa de tinta da noite, tentando a luxuria e a cobiça, os desejos de roubo, as halucinações corruptas, a loucura incendiaria das multidões phrenesiadas.

Ah, não era a cidade prospera, farta, feliz que se entrevê rolando com um ruido alto e magnifico de blue devills, partidas d'écarté, idilios de joia e traições de léque, movendo-se tudo ao assobio cortez das chronicas elegantes.

XIV

Nem este amôr é o delirio dos «exquisitos gordos» que suspiram por Julinhas e Phélinhas e moram no bairro Estephania, em homenagem a uma princesa conhecida. Para esses, Desdemona, Julieta, Ophelia, Traviata, pertencem ás bibliotecas e ao cofre das emprezas theatraes.

Elle é, ó Superiorissima, ó Enigma perturbador, a voz suplicante, arquejante, anciosa, onde choram todos os sonhos despedaçados e as illusões despedaçadas dos poetas excepcionaes, almas irmãs da tempestade.



OUTONO (HARMONIA EM OIRO E VERDE)

A Alvaro Pinto



Estamos nas agonias do estio. Já o outôno ensaia abrir a sua pupila côr de cinza, elanguescente.

O vento nas arvores tem o ritmo magnetico das grandes paixões... e vão turvelinhando—silhuetas fugaces d'oiro velho—os vagabundos corações das folhas.

Pelos campos, entre os apêlos sonambulos da noite, é uma quéda em voz baixa, um chôro japonizando d'enigmas as catalepticas negridões, dirieis uma ária nostalgica de renuncia que as arvores—sêres de febre—fossem gemendo pelo sensitividade trémula dos ramos, nas vesperas de se librarem, hieraticas e nuas como dryades, ao sagrado misterio das nupcias hibernaes;—e erratica, perturbante, intensa, barbara, de cuja essencia afflicta parece revolutearem espectros de quantas inenarraveis angustias! resumos d'um seculo de nervos, convulsivo: de bôcas murchas que se offerecem ainda para a ultima comunhão d'um beijo, de braços subitamente paralisados para a victoria

ruiva dos abraços, d'aguias reaes moribundas fitando os cimos que nunca mais irão cortar com o punhal frenetico das azas, de corceis esbeltos que tropeçam entre o pó d'oiro dos hipódromos e escutam aplaudir os outros contendores, de vazios d'orbitas, aonde dantes vinham espreitar olhos veludosos de vinho, olhos adejantes reflectindo a perversidade auroreal de ephebos juvenis - extases de carne exangue, onde os nervos teem predominio sobre os musculos, e a pelle guarda qualquer coisa da chamma rósea d'um glôbo e do brancolua de pétala de camelia dentro d'agua... belos, dessa beleza sonhante, sensibilissima, nevropatisada das paisagens da Escocia sobre que poisa um sol em surdina, dir-se-hia decomposto atravez dum store de seda violeta, como filtrado por um soffrimento, tanto a sombra delle parece morder no solo lagunas de carvão endolorido.

Foram-se os crepusculos d'agosto, crepusculos atrabiliarios de cidade, que parece que se revolvem em sangue como os sacerdotes possessos de Belona.

Agora os poentes apresentam todas as nuances phantasiosas das velhas tapeçarias. É um hymnario pictórico que vae do côr de rosa meigo, riso matutino de creança, ao rôxo opacento, cabochão de mitra arcebispal, o rôxo em que se comprazia no emmurchecer da exis-

tencia o olho de Deschamps, já morbidisado de fadiga.

Soluços vagos estilhaçam-se no ar, no ar que tão soberanamente puro, que de tão immortalmente calmo faz reportar a memoria ás origens da India—panthera humana da superstição—, quando elle era um deus vago e hospitaleiro dos hymnos védicos.

Eis a hora de Beethoven, amadornando as populações que abafam nas suas roupas asphixicas de cobiça; hora lilaz, em que os burguezes aspiram a vidas isóchronas de pendulo e os artistas, os hypernervosos, escutam remorder nos musculos a febre alucinatoria dos amores estereis; hora em que nas fundas alamedas dos parques as arvores ogivam attitudes de préce, apaziguadas já das inquietações coreicas em que esfuriavam minutos atraz; e nos grandes olhos de gomma vitrea das lagôas se estréla o presentimento fatidico da canção do salgueiro - como Desdémonas afflictas, estagnadas no terror da sombra que escorréga pelos troncos, maligna, ressumando morte, se insinua aos dorsos das raizes, vem-se fundindo á terra, traiçoeira, té que se revéla emfim, em travestis de Othelo vingador, sob o riso falso e frio dos mochos-almas d'Iagos.

...Uma estrela scintila com nevroses de caracter todo contemporaneo, como esses primeiros extases de sons que nas partituras antecedem a graça móbil e noturna das simpho-

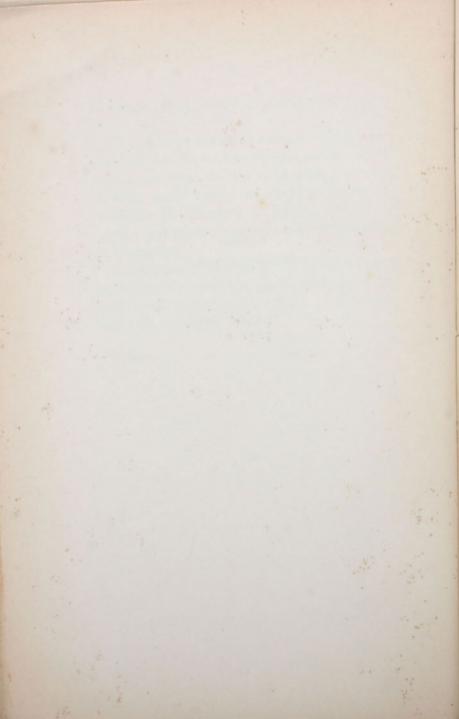
...e a tarde cada vez mais se achega, com arrepios de tuberculosa, o seu manto cristianissimo da noite, tocada da nevróse goetheana de licht, mehr licht... as sombras andam sonambulas fluidificando as coisas, dando aos carvões dos predios-carceres uma alma latente de desesperos.

E quando, subito, nos candieiros da via a luz irrompe, tem-se a sensação dum grito, colossal, estrangulado, angustioso, que pertur-

basse um profundo silencio.

1908

A VIDA
(NOTAS DUM VADIO)



«Parece haver homens que nascem sôb uma boa estrella.

Até aonde vão as minhas recordações eu nunca soube o que isso é.

Minha tia, uma velha secca e aspera como cortiça, (não lhe paravam em casa os criados porque ella não lhes pagava, e por isso me recolheu por caridade) se os seus modos bisonhos a consumiam, costumava dizer-me que eu era um tumba, sem prestimo pra nada, que daria em vadio, n'um malandro... «n'um malandro, ouves?» E gritava-o bem alto, jogava-m'o aos ouvidos, como chicotadas, para eu o não esquecer nunca, o diabo!

E não esqueci. Aquellas palavras, sabem? davam-me a impressão d'um martello a bater, a pregar, a enterrar bem fundo a minha felicidade que eu, afinal, teria, em algum tempo, que me pertencia a mim, como molecula d'esse corpo sempre moço e triumphal—a terra, aos outros dizendo a canção escarlate da alegria. E certos momentos, quando nos ceus melodi-

cos se declara a crise nervosa de soluços, a que se chama o crepusculo e o lusco-fusco vae mamando o seu biberon de sombra e pesadelo... bem as escuto, com um murmurio inflexivel: ondulam na minha alma, são gotas d'um sangue frigido nas minhas veias, particulas d'aço nos meus ossos, fibras de pavor nos meus musculos, agitam-se por todo o meu corpo em sarabandas ébrias e monotonas de canavouras gesticulando ao vento.

A minha vida é uma caricatura, deformada e grotesca. Às vezes surprehendem-me a rir sem motivo, a rir como um bebado, a rir como um idiota... factos só por mim conhecidos, coisas pequenas, manhans brancas de desgraça, dias cinzentos d'esperança desenham-se-me na ideia em posições tão comicas e escocegadas que eu não resisto. Que querem! se não ha lapis com mais espirito, com mais ridiculo que a Fome e a Miseria!

Os senhores já repararam no burlesco d'uma bôca esgaçada e torcida pedindo pão?

— mais um momento, e essa creatura vilissima, rebaixada, humilde que nos condoeu, far-nos-hia dilatar o rosto n'uma grossa jovialidade.

E os gritos? e as lagrimas? não teem lá dentro toda a expressão tregeitada d'um palhaço, divertindo-nos com um esgare inédito?

E porque é que no homem só existem

A VIDA 71

rudesa e materialidade, a ignominia e o obscuro heroismo?

Porque todos somos reminicencias das pedras, dos metaes, dos charcos, das raizes.

Certas figuras que passam — perscrutem bem — n'um tic-tac amarelento e inquieto, com a rábida preocupação de trazer uma ponta de febre ao ciclorama apático das ruas, parecem « vestidos brancos que veem da egreja ». Todavia, ó sapatos de verniz, ó scintilações calmas de polimentos! quando passardes por elles, desviai — porque trazem lama na orla.

Um meu amigo, que tinha uma grande alma heroica e já fez a viagem pálida dos tisicos, poude encontrar, um dia, a sua mulher. Era sob os ceus de cinza, mortalmente lividos, de dies irae, quando a chuva, com acres deslocações de chanteuse de café-concerto, declamava, sobre o proscenio tosco dos asphaltos, a sua cançoneta estesiante.

Elle de guarda chuva, mas com um ar de principe da emigração poláca. Ella uma cabecinha furtiva de toutinegra friorenta, seus feitios vibrantes de franceza e com um desembaraço de britanica, escultura moderna de ancas orgulhosamente estereis, por não poderem fecundar um genio n'este British Museum d'imbecis, e tendo o culto estético das violetas — rêveries de Schuman corporisadas. Elle ia-se desfazendo dos bem-amados livros, para assim

a poder contemplar, borracho d'extase, no fulgor ficticio dos teatros; ella, cortante, rispida, metalica.

Recordações de quando foi minerio, insensivel ás surdas exaltações das temperaturas.

O mesmo nas coisas:

A desgraça, querem crer? tem a energia funebre e sinuoza das raizes.

E a moral? e a austeridade de caracter? não é verdade possuirem a solida naturesa do ouro?

Ó moral, da tua essencia fazem-se os botões das camisas dos burguezes e o castão das

suas bengalas.

A vida—os senhores naturalmente sabem por ser uma coisa velha como a dôr e o odio—é um fardo opulento que esmaga. Ora eu, que tenho uns hombros fraquitos, sempre que vou a pegar-lhe, bate-me não sei quê nos olhos, como uma mão fechada, fazendo-me cair redondo e acordando o mais das vezes na cadeia.

De resto tanto me habituei áquillo, que ficou sendo para mim uma segunda natureza, uma parte integrante e muito querida da minha existencia. E curioso: escorraçados, como eu, velhos habitués do crime, cynicos e ladrões, ouvem falar na cadeia tremem e perdem a serenidade. Doidos, afinal! Pois pode haver mais liberdade que no calabouço? mais caridade

que a do pão requentado que nos deitam? maior esmola que a das tábuas onde descansamos? Ter tudo isto, e livres da acção envolvente da policia que vigia e nos dá guerra; todos estes confortosinhos e longe do nosso odio, da nossa inveja e da nossa humilhação, o espectaculo da riqueza, do luxo e dos prazeres.

Ah, eu ainda não lhes contei... A cadeia ficava ao cimo d'uma rua franca e bôa senhora...— Interrompo aqui para vos apontar uma impressão muito intima que vós não compreendeis.

Eu que sempre fui um sorumbatico, um desafeiçoado, conservo ainda da minha mocidade pisada, um grande amor — o sol.

E nunca pude definir a ancia que me animava quando elle vinha estrangular, com os seus dedos barbaros e tostados, o ferro das grades.

Chimera! Este sol que eu digo nem aquecia; e tão murcho e desalentado antes lembrava uma hemoptise da Luz. Então, quando eu assim o comparava, dir-se-hia manchar-se todo o lagedo da cela d'espectorações de sangue, e até, ó meus amigos, rectas frenéticas riscavam de sanguino, a curva arquejante dos meus pensamentos.

Porque havemos de olhar a vida com a luneta amarella das verdades? se toda a verdade deixa n'uma existencia, por mais tenue que ella nos roce, o sabor odioso do cobre?!...

Gloria ao sonho! vergonha ás realidades!

Ellas teem a atitude grotesca e deploravel d'esses gessos mediocres, sahidos das officinas dos canteiros, onde cada linha deformada parece guardar a ultima demão do artifice, anjinhos de tumulo burguez, soerguendo braços valetudinarios, implorando aos abstratos ceus a misericordia d'um martelo, que faze-los possa em pedaços...

A rua; como vos disse-pacata e alegre. De maneira que o edificio enorme da prisão punha na harmonia simples e caiada d'aquellas casas, uma immundice de nodoa alastrada em papel muito branco. Eramos muitos, lá. Quasi todos, rostos hirtos de vicio e derrota, alguns

tristes, desertos e sem expressão.

D'onde vinham? - Dos bairros pittorescos onde uma multidão de cano d'esgoto pragueja inane, e morre de fome e de miseria; onde as ruas estreitas e funambulescas, enjoadas de ouvir, todo o dia, torpezas sem nome de bôcas sinistras e de ser pisadas por sapatos d'ourello, manteem uma compostura nauseabunda; onde nos botequins, todos vibrantes das sonoridades gastralgicas dos pianos, gente desfeita das fabricas, costureiras viciosas e prostitutas ameijoentas, gesticulam no vortilhão das suas conversas d'onde agonias gólfam e aviltamenA VIDA

75

tos, cansaços, premeditações de roubos e facadas.

Ah, essas figuras, em concavo, de bazar d'excentridades!

Tive sempre por elles, por esses companheiros, uma piedade egoista. Mas os que mais exaltavam a minha sentimentalidade grotesca de vadio, eram os pretos. Um principalmente... chamavam-lhe o «Macacôa» porque não tinham sorte nenhuma; commettia faltas pequenas e davam-lhe sempre grandes castigos, porque era preto, p'ra se rirem d'aquelle diabo—tão ridiculo, Jesus!

Tinha uma maneira de murmurar: «por amor de meu filho», que arripiava.

— «Era lá possivel! actor! um filho... isto?!» e elle retrahia-se, rastejava, os olhos tentando evadir-se-lhe das orbitas, n'uma expressão spasmodica de pavor, como ratos apanhados n'uma ratoeira.

Mas de que valem as troças, as vaias, os apupos? o que é a ironia?—um peitilho lampejante para não revelar o sujo das nossas camisas.

0

Quando entravamos liam-nos os regulamentos da cadeia. Artigo 4.º—«o trabalho é obrigatorio para os reclusos». Um dia um, que tinha os dedos todos n'uma

lastima, revoltou-se.

Era intelligente; dizia-se pierrot, morrendo pelos desdens tragi-comicos da vida-colombine voluvel. Soube uma manha o seu crime; contou-m'o elle, todo prolongado para mim, cheio d'esgáres e deslocações. Eram remorsos? era o produto de uma exaltação morbida de loquéla, em certos temperamentos succedendo-se aos pesadelos? Não sei dizer. Mas eu assentára n'isto: remorsos, se elle os sentisse, teriam menos importancia no meu homem que os pesadelos de molas de arame e pedaços de estopa que devem sentir os polichinellos nas lojas dos quinquilheiros. De resto, não se dizia elle proprio-um polichinello? e não somos nós todos polichinellos com «fundo moral» d'estopa e opiniões, linhagens fidalgas, conviccões, honra e virtudes de arame?!

Ó sabios, ó inconcussos, ó heroes de Africa!

—«Matára a companheira. Havia d'eu conhecel-a... magra, sem exagero, d'esses corpos afusados que as voluptuosidades adelgaçam, quasi espiritualisam; braços de canéphora ardendo de um reliogiosismo lubrico. Tinha uns cabellos anellados e fortes, e movia-se barbaramente, com movimentos magneticos que gritavam alto gostos agudos... E havia de assistir á lenta dispersão dos seus encantos? espreitar, impotente, o declinio quotidiano do

seu fastigio? ah, aquelles olhos—dois hemispherios de vivacidades pulchras—iriam tornar-se mortiços? e alcachinada a frescura da sua pelle? era, pois, irremediavel que semicirculos de rugas viriam traçar-lhe, de redor da bocca, arabescos de um ridiculo intoleravel? Quantas torturas!

Contou-me tambem as horas passadas em seguir na rua curvos casaes de velhos, a estudar-lhes a ruina dos rostos; os esforços improficuos de abstração para lhes surprehender nas corcovas gebas dos malares, nas prégas gelatinosas das palpebras, a antiga mocidade e os antigos rubores, as mortas alegrias, as longinquas sensações...

Então, ulcerado de martyrios, estrangulou-a.

Mas torturavam-no agora grandes ciumes: pensar que ella ficaria para todo sempre entregue ás bochechas libertinas dos vermes, globulo a globulo embebedando-se com o seu sangue, até abandonal-a como uma forma indeterminada e repelente.

Deixal-o! A ultima imagem d'ella conservada continuava sendo a de uma maravilhosa tulipa de carne».

Curiosa esta prisão pela disparidade de typos, para quem tenha preoccupações de analyse. Nenhum por roubar uma corrente n'um ajuntamento ou lenços d'assoar, ou por anavalhar outro sob a excitação reles do vinho ou por traição de amantes torpes.

Querem crêr? N'estas creaturas o crime seria um desvio macabro do Sonho. Quantas coleras mudas, na verdade, quantos vôos constantemente de rojos, quantas caminhadas perpetuamente na lama, quantos odios deante de triunfos indevidos, de acclamações irrisorias, do bem-estar canalha, quantas lagrimas de desespero e esfalecimento na lucta, para alfim, ser, apenas—o n.º tantos da secção tal!

Um baixo, crispado, com um ar de soberana e imperturbada impassibilidade entrou durante a sua demora transitoria por lá, nas

minhas confidencias.

A gola da blusa levantada dava a impressão de que tinha sempre frio. Com effeito arrepiava. Estava-se á sua beira com a sensação de permanecer na humida intimidade dos subterraneos. Quando fallava do «seu futuro» cravava-se-lhe ao canto dos olhos não sei dizer que fantastica indiferença, ali ficando a noctiluzir com uma fixidez halucinada, logo traindo um monomaniaco do suicidio.

Eis aqui a sua historia:

—« A sua vida? — era um quadro hofmanico a duas tintas: o cinzento e o sanguino. Nem arvores nem o grande sol, pondo cambiantes rosa e oiro, nem a vivacidade dos regatos, poetas ruraes entretecendo sobre a A VIDA

relva frescas éclogas decadentes. As arvores lazaristas, os carvalhos—missionarios de capuz verde negro, fugiam de prégar o seu «sermão da montanha» a uma região tão pervertida e endemoniada.

Luz, nenhuma. Apenas uma sombra livida, colerica, insistente, projetada pelo sol das outras vidas por ele acotoveladas na lufa-lufa das ruas, que se sentavam com ele nos bancos côr de chocolate da Avenida, de que ele aspirava o tenro aroma, escapando-se dos andares, do olhar sinuoso das mulheres, do fascias tranquilo dos homens.

Como vêem - um cinzento amargo.

Ah!, mas o ar, a atmosfera, o ceu, esse tinha uma coloração vermelha de crime.

Não ha vida que não possa ser representada por uma imagem material. Assim, revelem-nos quaesquer factos de certas existencias, e a gente vê, nitidamente: dorsos curvos, espinhas desprezivelmente vergadas, semblantes viris duma arrogancia impavida e triunfadora, viuvas mudas estendendo a mão, toiletes doidejantes em grandes linhas ébrias de *chic*, garrulices de pierrots resaltando com tons sadios d'aguarela inglesa, e chagas incuraveis...

A minha vida é isto: qualquer coisa amolgada, rolando, aos empurrões, entre paredes de ferro. O motivo do seu enclausuramento era simples: matara-a e tentára matar-se depois.

Toda a mulher ama sem quasi nunca refletir na belesa oculta do seu preferido. É preciso, por conseguinte, que o seu exterior tenha o feitio geral e tenham o feitio geral a forma dos seus sapatos, o talhe das suas rabonas, as linhas quebradas do seu bigode e a trivialidade das suas maneiras e modos de vêr—que tudo seja nele identico e monotono.

Um dia destacou-a.

Magra, nervosa, irisava o ar da graça ingenua e flexuosa que havia nela. Um gosto requintado em envolver-se de veludos negros e austeros. Lembrava o Norte, os gelos hieraticos, trenós atravessando vesanicamente a solidão grandiosa das steppes, pelissas traçando no ar espiraes caprichosas... e seguia-a, mas sem esperanças.

Contaram-lhe que estava apaixonada por «um rapaz sério, de boa familia, bom compor-

tamento, que havia de fazêl-a feliz».

Ó Deus injusto! Ele via já o homem em camisola d'algodão e chinelas, passando-lhe os dedos pelas costas, com chulices de taberna.

Quando ela teve o ultimo estertor levavam-no, em sangue, para uma enfermaria do hospital de S. José.

Vou terminar estas notas desconexas e

pobres:

Sempre que eu acabava o meu tempo como vagabundo, o director da cadeia, á saída, di-

VIDA 81

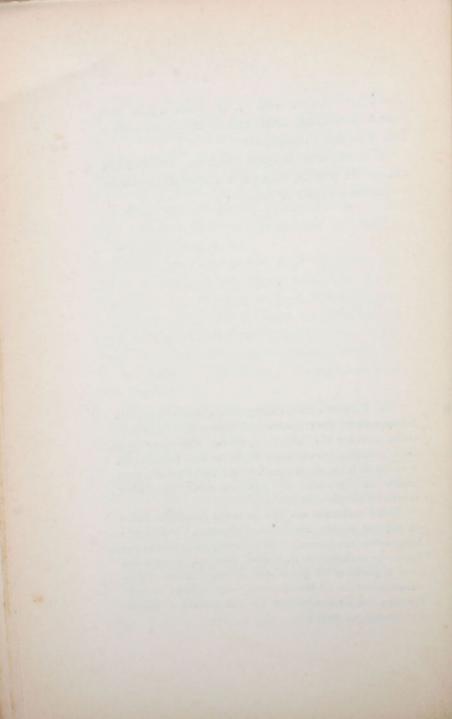
zia-me:—«Agora vêja lá se volta a caír nas faltas cometidas, acostume o corpo ao trabalho, não seja mandrião!»

E com uns magros vintens, certificados cheios de pontos escuros e a minha liberdade — partia a tentar a vida.» (1)

1909

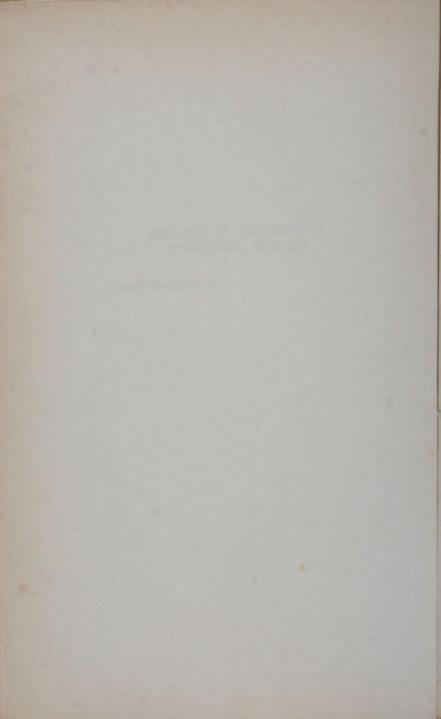
(1) Para os terriveis discipulos da escola naturalista ha-de parecer desgraçadamente romantico o facto dum vadio escrever tão "dificil,, e chamar a interprete dos seus grotescos infortunios o moderno dizer febricitante, o vocabulo bohemio, serpentino, de patria errática, arcoirisado de imprevisto, que, pelo som e pela côr, melhor morda no ouvido e na retina...

Numa sociedade em que os asnos invadiram todos os logares e são: literatos conceituados, jornalistas e banqueiros, amanuenses e directores-geraes, pilotos batidos nas noitadas de S. Carlos, infaliveis ao cicio das aves migradoras da grand'arte, os ungidos das languidezes plumosas do mundanismo, — que admira os inteligentes, os suprasensiveis, os complicados consigam ser, apenas, os vadios?!



ESTUDO PARA O ROMANCE DE DOIS CARACTERES

Ao Fernando Pessôa



Sob as boutades gaulezas da chuva que dir-se-hiam notas á margem comentando o final de vaudeville a esbandalhar-se na lama, os dois amigos, que uma curiosidade mutua, hiper-aguda, agora irmanava indestructivelmente, vinham marchando no Crepusculo egotista, ataxico á força de, em vão, ter querido surpreender um rascunho de sinceridade e motivos superiores nas monomanias e nas vertigens, nos esforços e nas traições, nas crucificações e nas cobardias, nas materialidades e nos odios que cada dia vae erguendo para elle numa espiral de fumo de cozinha.

Ah, era um sadismo d'agua torsionaria, uma chuva rispida, sem lirismo, d'essas que sinistrisam de mortaes angustias o olho côr de môsto dos lavradores; uma chuva em que o espirito se recusa a constelar-se de sonhos porque, p'r'alem, em qualquer parte, detraz das persianas cerradas, só adivinha ridiculas farças, destinos escuros, horas vêsgas; e na lanterna mágica das ruas creaturas neutras,

com bigodes de actor e opiniões proprias, linhagens fidalgas, convicções sérias de actor, perseguem com tossesinhas merencóreas galatheas desenxabidas.

E eram teorias de penteados e chapeus babylonicos que lhes passavam rés-vés, teorias de barbeiros diplomatas e amanuenses diaphanos, hortaliceiras da alta-gomma e leões horridamente cabeças de bichano, de casacos, fardas, chapeus altos, côcos, carapuças, bengalas e tacões tortos, curvando-se, derreados, ainda! pela anemia romantica do «noivado do sepulchro» e com as olheiras de bistre da «Festa de caridade», — anemia e olheiras que são grotescas mesmo assim dentro do proprio grotesco porque, atravez, um olho verrumante como que surpreende um vago motejador de couplet de «Madame Angot».

E estas mulheres palidasinhas, perversasinhas, cochonesinhas, parecem todas apostadas em repetir, qual com mais infidelidade, as idas e voltas dos romances de 3 fr. e 50 de Bourget, em copiar, sem veia alguma, todos os bric-á-braquismos da «Phisiologia do amor moderno», que os seus maridos e irmãos lhes trouxeram das excursões baratas a Paris.

Não são corpos gráceis e afusados, guardando o ar dessas esguias floreiras que teem no tôpo a mancha nervosa dum crisântemo, condensações de musicas e auroras, vivazes como taças d'orgia; mas manequins impertigados, nulos comparando-os ás proffessional beauties do lá-fóra, com muito pó d'arroz nos cerebros d'algodão, paradoxos gágás, manias de bibetôtagem e agua de Colonia enxarcando tudo, traduzidos em galego, para o ar livre, das paginas de M. Paul.

E os homens! ah, os homens! Marneffes, Camusots, Du Tillets, Vernous das «Ilusões perdidas», e Bazilios, Rufinos, Gouvarinhos, recitando ora os monologos realistas da Comedia Humana e dos Maias, ora atirando rajadas hugoescas dos Miseraveis, logo baixando á linguagem de boião de mel de Pierre Loti e atolando-se nos desbocamentos vermelhos do lirico Mendés, elles não conseguem ser, neste desmanchar de kermesse duma nacionalidade, mais do que fantoches de guinhol faceto, minados do cancro das bôas-maneiras, dons-robertos pelitrapos enojando-nos com as suas fifias de escanzelados.

E cada homem pelo braço da sua mulher, cada mephisto murcho e bisonho no encalço da sua margarida de strass, infeliz e dubia, cada falstaff gordanchudo e reboludo perseguindo gordamente a sua miragem duma perna de capão, elles e ellas dando ás pernas com desalento (como nas paginas dos nossos poetas, dos nossos novelistas e dos nossos criticos d'arte cada substantivo vem com o seu adjectivo,

cada verbo chega com o seu sujeito, derrancadamente, em atitudes amachucadas, formando assim fráses idiotas, alegorias macacas, piruêtas retoricas e assobios conceituosos); todos, mas todos caminhavam, já com movimentos aváros de espinafres batidos do vento, já com cadencias de barcaças acossadas pela vaga, pondo uma chateza de vinhetas jeroglifadas neste livro d'escandalos drolaticos á Brantome que é Lisbôa, traíndo-se, prostituindo-se por aforismos.

E nem uma só figura perturbadoramente original com seu luxo desenvolto e scenico, sua viveza de serpente, movendo a curva esbatida das ancas numa isenção hieratica d'esteril, a dar a impressão duma chicotada petulantissima, audaz, castigadora da cara solerte d'aquele meli-melo agandaiado de côro de revista.

Porque emfim... todo esse mundo identico vinha a ser uma consequencia logica do momento imoral que dir-se-ia crispava o ventre da cidade.

E era do bafo intoleravel, exalado dos predios, da madorna betuminosa que pesava sobre as fabricas e os bancos, áquela hora como giboias repousando depois de terem digerido todo o dia perdigueiros lividos e magricélas, era das gesticulações das luzes dos cafés, dos armazens de modas e d'ámargem dos passeios,

rompendo o ergastulo dos globos para virem espojar-se junto á animalidade dos asphaltos, onde certos aspectos do mosaico sugerem grandes olhos coruscantes, escandecidos de devassarem marmores veinulados de pernas, espumas multicolores de saias, rescendendo ao halito estésico das alcovas, meias de seda e ligas estonteantes; era, emfim, do forte fedôr a tolice humana que rolava das livrarias e mais: das respirações inquietas da gentana, enchendo as ruas, os largos, dizendo asneiras nalguma esquina celebre, parando ás montras das lojas ou absorvendo, com metodo, góles de mixordia, da gente que sofre, que labuta, esmorece e rasteja, automaticamente, vazia de cerebro, - que á Natureza tambem advinha o ar absurdamente besta que a revestia.

No entanto fazia vinte seculos que um loiro e mistico epileptico tinha nascido para prégar o Bem, a Verdade e todas as coisas justas.

Fazia vinte seculos que o tinham crucificado os mesmos burguezes que, em sua gloria, caíriam bebados na *media-noche* obesa das familias.

0

Numa epoca em que toda a gente, com uma obcessão divertida, fixava os grandes olhos parvos de kangurús em Z, um tal, ministro, que havia de suceder a X, tal outro, demissionario, - Emilio e Gustavo, num isolamento aristocratico, liam Tolstoi, Dostoiewsky, Gogol, Ostrowsky, o Ramayana e o Sama-Veda, o Rig-Veda e o Mahabárata, a Biblioteca das sciencias contemporaneas e as diatribes clastomanicas do phisiologista Max Nordau, Shakespeare e o Journal des Savants, e mantinham secretamente, como uma nervosa lampada votiva, o culto goetheano da Grecia do Paganismo. O mesmo desdem magnifico pelas ternuras de familia; o mesmo instinto atávico de vagabundagem que já impelia os Aryas, no seu sonho mystico para o Oriente, mais tarde despolarisava os Phenicios, com a sua monomania centrifuga de instabilidade, que de geração em geração, sempre, sempre, viera atingir a sua forma olimpica e perfeita nesse heleno-latino Lord Byron, Ashaverus do spleen e a elles os levava em marchas, para longe, onde escapassem ao grifo deprimente do homo silex que as civilisações ressuscitaram; o mesmo sentimento de intransigente analise com o qual olhavam todas as coisas, um odio egual, nevrotico, desconcertador, por quase todas as frases feitas que um habito imbecil consagrou e os philisteus repisam imbecilmente, e então requintes particulares, fraternos, da vida psychica: a impressão de voluptuosidade intelectual e organica, triplessenciada, que a chuva lhes produzia nos nervos de aristos, hipersensiveis, sobrexcitando-os doridamente, assim como certas montras bizarras duma japonezeria extranha e fiévrosa; as nuvens que rolam cheias de cinza, num ceu brumatico, como corpos nús, atropelando-se, debandando d'alguma Sodoma androgina, destruida pela colera d'um Deus; os amorosos lilazes irradiando n'um copo a sua nubilidade mimosa, cuja folhagem parece beber na agua o philtro magico, fecundante dos amores de Tristão e Isolda: a côr de ametista vibratil do champanhe que a Emilio tambem o reportava, convulsivo, por uma instantanea associação de ideias, ás lutas athleticas da antiga Helade, á graça rithmica das suas solenidades religiosas. ás canelures dóricas, volutas jónicas e frontões polichromos da sua architetura; e ainda as reproduções de certas esculturas internacionaes do francez Rodin; fitas côr de berilo e oiro-sol, cingindo com frenesis libertinos lascivos cabelos perfumosos de loira ou de morena; o mesmo desprezo atróz pelo burguez, jornalista ou literato, republicano, anarquista, industrial, pelas celebridades muito divulgadas, pela exteriorisação de todas as homenagens, desprezo altivolo (em Emilio exageradamente egotista) que na rua os levava a quasi não olhar ninguem, não podendo-por uma especie de delirio de profundar tudo—, como os antigos monjes, possessos de catolicismo e o Des Esseintes de Huysman, subtrair-se ao duro contacto do labôr quotidiano, do struggle do soldo a soldo, mesquinho, desprezivel, americano, em que os vivos queimam, coração leve, a borboleta da sua ancia irrefragavel de sonho... Tudo isto, pouco a pouco, constatado pelos dois, com mimicas vermelhas de regosijo, viera estreitando as suas relações.

Emilio, mais novo que Gustavo dois annos, era uma figura sêca e franzina, em cujos olhos duma tristeza infinita e serena, em cuja mascara imprevista de pezadelo, a vida parece que teimára em fundir todas as nevróses, caprichos morbidos destructores da vontade e do caracter, que pelos seculos fóra ella tem vindo a acumular.

Com efeito: irritabilidades deante dum mau quadro ou dum acto de malvadez, das conversas, onde o philisteu chupa, ao desespero, o cigarro das suas parvinhas opiniões ou da prosa calma, dócil á força de cosmetico, da prosa arenque-fumada, com resguardos de baeta e maximas de João Felix por via da compostura, que é o rabo-leva das literaturas contemporaneas,—de tudo, em suma, que o philisteu consagra ou venera, ou festeja ou adopta, e pelo exatamente oposto, entusiasmos calidos, fogos de bengala de ditos, saphi-

ras de humor feliz, danças de S. Guy de paradoxos, vitraes de lucidas sinteses, flexas vivazes de sol; terrores nocturnos, halucinacões, sonhos de ter o craneo aberto e bicos d'aves raivosas lhe estarem repuxando o encephalo, fibra a fibra, de ver uma esquelética mulher côr de absinto, toda angulos, o olhar em adaga, estender para elle os braços filiformes, pegajosos como vermes, e acordando então em suores d'angustia, pedindo-luz! luz! luz!-Meu Deus, não saiam d'ao pé d'elle, ah, não o deixem p'r'ahi só!-; incompatibilidades subitaneas para atravessar um quarto ás escuras, não vão retê-lo devagarinho, tentar sufocá-lo alguns invisiveis dedos malfazejos; um horror fisico pela finalidade, desvairamentos por ter de ficar na lôbrega intimidade da cova, insensivel ao tohu-bahu convulsivo que faz a vida esbofeteada pela Dôr; uma extrema timidez e o amor exagerado pelos animaes, (1) a megalomania e a psicopatia da du-

(1) Emilio era o que Guyau chama um fetichista ou naturista. Para elle cada objecto exterior possuia ou uma ululante malignidade ou uma alma toda nervos, ataxica, uma alma-frisson. Assim certas coisas imoveis, onde dir-se-ia uma voz implora num intimo longinquo, sugeriam-lhe vidas que estagnam em angustia, sofrendo a melancolia suicidante dos mudos, desesperos em voz baixa, sorrisos diafanos dealbando nuns labios juvenis, sem esmalte, á hora de morrer, já quando os olhos murchos ulcéram de soluços gorjas de mãe semiroucas.

vida, a melancolia exacerbada no momento conturbador dos crepusculos, tão viva, terrivel e martirisante que dirieis um gume de sabre riscando na espinha dorsal, atrocissima e glacida a ponto de lhe ser forcoso voltar-se a cada momento, como se um olhar d'odio o traspassara; uma brava alegria se tinha noticia de naufragios e explosões de minas, massacres ou catastrophes onde baldeiam centenares de pessôas (oh, que expressões de agonia cruel a surpreender! incomparaveis, completos, japonizantes rictus de estertor, fascies tão voluptuosos do calafrio fulvo do in extremis como os de Rochegrosse na sua «Morte de Babylonia »!); a acrescentar ainda, um desgosto irremovivel pelas horas do dia, quando o sol, grosseiro Offenbach, anda viravoltando nos salões das praças, pelos corredores das ruas, polkas de luz ribaldeira (1) que lhe acendem

⁽¹⁾ Elle só tolerava os dias cinzentos, outônaes, dum frio acariciador e voluptuoso, dum frio que sugere contactos de veludo e onde parece que ha plumas, nervos agudissimos de miss tuberculosa e nostalgias soluçantes de sol; e os dias d'inverno, beethoveneanos, em que toda a materialidade se funde numa melancolia quase phisica, esfaceladora, remordente como a ulcera imensa do corpo de Job, e, pingando, sob o sarcastico ceu alcatroado dos guarda-chuvas, se sonha com viagens, se plasticisam aspirações: as caravanas que param, nomadamente, junto ás aguas doentes das cisternas, emquanto na tarde azul-purpura-e-oiro palmeiras se

no cerebro a scie orgulhosa de em todos os vultos só ver inimigos irresponsaveis, pequenos monstros infectos, apostados em irritá-lo; tudo coincidindo, para mais, com phenomenos phisicos, taes como: fraquesas musculares, sensações de torno e de capacete na cabeça, perturbações digestivas... tudo, com effeito, dizia eu, conspirava em Emilio para o lançar, Deus

imobilisam em atitudes budhistas e o crepusculo constéla de angustias inenarraveis os olhos nazarenos dos camelos; viver com pescadores em cabanas encapuchadas de neve, no elyseo paiz dos fiordes, ouvir-lhes as lendas cheias de presentimentos e da religião estatica dos povos irmãos da bruma, ás horas em que a lua, como um ladrão surprezo, deixa cair no fundo dos lagos fabulosos colares de pedras preciosas, cujos fios de prata se partem, espalhando-as; dormir com os pastores, sob o mesmo manto, á claridade das estrelas; aspirar em leitos de sátrapas a mândrágora venenosa das luxurias halucinantes, ou numa alcova gótica, quando os poentes-médiuns evocam sobre os moveis cambiantes flores que esplendem e se esfolham, deixar a imaginação errar em mundos translucidos, sofrendo o doloroso maleficio da musica, envolto na tunica crista das penumbras; emfim, num magestatico aposento de antigo palacio, junto dum fogão e aos pés duma lady Lygea, declamar paginas modernas, altivas como aguias, dum phantastico rithmo febricitante... e toda a familia escuta num pasmo obtuso, e no velho jardim a chuva suplicaamante preterida - e o temporal regouga, atira contra os vidros, com apetites zolaicos, a virgindade violada das arvores.

o sabe! em uma hora maldita, á carbonosa noite da loucura.

Na sua marcha, por cada cinco minutos, conforme as sensações vertiginosas, dominantes, surpreendia, ora o andar resoluto, hidalgo, frappant du talon, como em Barbey d'Aurevilly, ora o passo irregular, delirante, dos diabeticos na escuridão.

E quando ria, um riso por pausas curtas, sibilantes, lembrava essas facesinhas sem dentes, caricaturaes, dos bébés que têm um ar de vélhinhas trôpegas memorando não sei que gasto entrecho de tragedia classica. A reflexão, d'onde, diz Taine, vem a melancolica moderna, transformava, certos dias, essa mascara talhada no bronze de Miguel Angelo, numa cariatide de sombras desgostantes.

Tinha só vinte anos, mas no enigma da boca, no palôr dos olhos, cuja luz vem para nós com «tics» de dedos tremulos sobre feridas, na curbatura patrícia do tronco, uma maturidade lazara, murcha, cançada, errava, como phosphorescencia da mocidade morta bem antes de ter nascido, traindo o frenesi duma existencia toda debruçada sobre livros e imagens tristes, donde parece que goteja o sangue de espiritos esperecidos de insonias, escruciados em torturas de prometheus.

Sobrio de movimentos, como um oriental, os seus gestos eram raros e simples, instanta-

neos, electricos, semelhantes aos primeiros efforts dum incendio latente.

Oscar Wilde, levando ao delirio o seu requinte nevrotico: crear animosidade, passeava em pleno Pall-Mall de Londres em gibão e calções, com um toque pitoresco na cabeça, um girasol na mão. Pois no meu vagabundo lucido, no meu desalentado sardonico o mesmo bysantinismo megalomano. Durante mezes vilhe eu na orbita esquerda, mordacissimo, um extranho monoculo, óca de côr.

Tinha o amor pelos costumes sumptuosos despejando-se em prégas hieraticas, evocadores da grand'epoca, ultra-decorativos, que, segundo os phisiologistas, é uma aberração do instincto da especie. E como nascera pobre afligia-o não poder ostentar um dandysmo cuja caprichosa geometria fosse antisocial, irritante.

As raizes psicologicas da vis morbida de Emilio vêm em todos os tratados sobre a degenerescencia dos egotistas, motivo porque eu passo sem as enumerar (¹).

(1) Como "origens,, podem citar-se em primeiro logar: a hereditariedade. Pae nervoso com anomalias de conducta, mãe demi-histerica com tédios grisalhos e a susceptibilidade mais bizarra nos aparelhos da digestão; uma ascendencia deliquescente de tisicos e nervosos que por si só já prognosticava um producto malsão no nevropatha actual com caracteres fisicos, tipo-re-

Como o Stockman do «Inimigo do Povo», elle me dizia: «meu filho, o homem mais poderoso é aquelle que é o mais só» e de facto (a vida m'o tem ensinado) falava verdadeiro. Misantropo, á maneira de Ibsen, só tolerava, como o noroeguez, uma unica revolução na humanidade — o diluvio; essa imperfeita, todavia, e o mundo bronco, miseravel, carniceiro, com a sua faina sonambula, não conseguia interessá-lo, escadeirado clovn sem verve.

A esta anomalia psichica ou daltonismo

sumo dos delirios azues do artista moderno, figurino falho e complexo do sensorium morbide, sem mocidade, sem frescura, sem pulsos, sem sorriso. Veem depois successivamente: uma infancia precaria, apodrecida em casas mulatas, sem ar, sem luz, sem espiritualidade ou bonhomia e as miserias duma educação martirisante. brutal, chineza, que mais tarde dá o urso, bisonho de convivio, amordaçadora das ruivas expansões fisicas, que faz gelar na alma, para sempre, a chama rozea da alegria e anemisa o caracter, destructora dos áços do amorproprio, dos vehementes julhos da força viril que cada vez mais se requerem no duelo da vida, obliquo, desleal; doze annos de envenenamento, dia a dia, nesta cidade - páteo, onde invariavelmente se repete a invariavel senhora-vizinhice, (elle que tanto ama o fogo d'artificio das viagens, a polichromia arqui-vigorosa das civilisações diversas vislumbradas em livros e revistas e a delirante natureza livre onde o gaz não apulhastra a magia das noites, bemfazejas sórores do Sonho, cuia embevecida calma Mozart simbolisava pelos sons de flauta); finalmente, o abuso intensivo do cerebro em detrimento de todas as outras funções.

moral se deve, decerto, o seu culto hespanhol, edade-media, por Miguel Angelo, em quem, a par dum genio todo d'agora mesmo, plurinevrotico e sublime, feito de combates, de tempestades e pungentissimas dolóras, Emilio admirava, supersticiosamente, a exasperada insociabilidade, desconcertadora dos intimos a ponto de o considerarem doido ou orgulhoso.

De resto a mesma especie de admiração por todos os doentios, os dolorosos, os convulsivos, esses anjos rebeldes que Deus derribou, vingativo e bôbo, dos paraisos fecundos do Bem, athenienses olimpicos que vão passando de mão em mão, em turbilhões de vesanias febricitantes, o facho angustioso do tédium vitae.

Aquela arte, suada de medos, livida de pezadelos, como que forma esculturas vivas de soluços, beijos, injurias, imprecações, donde, subitamente, gritos estálam que se smórzam, apóz, desfeitos em estrelas... e nessa desvairada noite o pobre franzino se prosternava, sofrendo, cheio dum mediévo pavor lubrico, com toda a sua carne, com todo o seu sangue, com toda a demoninharia dos nervos açoutados (1).

(1) A sua voluptuosidade hiper-aguda em gozar as formas mais diversas da inteligencia e da imaginação, havia de transfazê-lo num dilettante, num buscador ancioso da novidade. Elle percorria as bibliotecas dando

Elle não lograva sofrear guinchos de espanto e ao mesmo tempo um horror jupiteriano, um horror de Brummel e de Petronio, se ao pé de si, num café, entre philisteus archiprosaicos que espectóram a sua philistinice, algum conhecido escrevia de seguida, sem levantar, ou um capitulo de romance, ou uma scena dramatica ou um artigo, uma simples estrophe, uma facil carta.

«Sómente, para o seu fragilissimo organismo esculpir a purpura plastica das emoções, era uma agonia d'esforços sobre esforços, uma raiva sem tréguas, improficua o mais das vezes!»

Marchando, marchando sempre, num delirio ambulante, entre o indigno contacto do
mundo que elle não olha, que elle não ouve,
ou, longe, no momento dos crepusculos, sob o
olhar verde-torvo das arvores, olhar d'ondinas
preteridas meditando desforras tragicas, nesse
cerebro as sensações entrechocam-se em tu-

caça a toda a especie de revistas onde vêm revelações sobre tudo: as arrières-boutique da creação artistica, apuntos para a reconstrucção do "eu," intimo e social de cerebraes e emotivos, os comos e porquês de tal quadro, de tal escultura, de tal pagina, de tal simphonia, curiosidades pulantes, onde surdina um sol bronze-tonkin de bric-à-brac, coisas de historia, coisas de critica, coisas d'arte e sciencia...—esses artigos neutralteinte, esses estudos-bibelots, a que o meu precoce nevrosado chamava—divans do espirito.

multo, com regougos d'alienados angulando facies humoristicos d'entre a implacavel tréva que os embota. E fugas, evasões, zig-zagues. tremulinas d'instantaneas loucuras eis que surgem; exasperos de virgindade erguendo bracos sem mãos, carcomidos, medonhas ressurreicões de sensualidades, ha quanto sofreadas! se conflagram, alongando os seus horriveis ventres de hermaphroditas marinhos (como viboras que libertas d'um demonio hipnótico lhe insinuam a áspide, traiçoeiras, em crispaturas verde-negras de revindicta); forjando labyrintos sardonicos ao fio d'agua da idea ou da imagem que se entortilha e hesita, vae a esvaír-se e lá insiste, cada vez mais debil, para se sumir em lamas de impotencia, sem, quase sempre, uma fibrilha ao menos ficar da exhaustiva luta.

Emfim, extenuado, o espirito sangrando, o systema nervoso lasso de vibrar, as sensações lá se tornam (quando se tornam) imagens: mas agora ainda outro grande martirio, um flagelo maior para as moldar em phrases com sentido, sem multiplicações de ques nem termos repizados ou velhótes, phrases que nos deem as coisas como creaturas, com a vida delirante que ellas teem, e quando definam sons nos turbem o ouvido, quando um perfume, sejam perfume, um quadro ou escultura, deliciem a retina. Se por acaso ei-lo consegue

jeroglificar as taes phrases no papel, Deus sabe se o satisfazem, se o não ulcéram de furias pelo sem sangue de tal passagem e a falta de heroismo de tal outra...

Isto tornava-o casmurro, basfemador das artes da escrita. Estava constantemente, portanto, em desacordo contra tudo o que existe. O facto de um conhecido concordar com elle trazia-o, muitos dias, cheio de coleras.

Preocupava-o ultimamente a ideia de poder ir, como o heroe de Huysman (de quem herdara a allotriophagia) corromper os pequenos operarios que desabelham d'uma labuta inutil, errantes, bambaleantes, maquinas rudes de servilismos, grisalhos e em bandos, pondo uma agua-tinta de pavôr na sombra côr de terra-de-siène do entardecer; infiltrar-lhes, por successivas, pacientes cathechéses, os germens de sinistras revoltas que os inflamassem numa explosão vermelha, pirotechnica. Era de vêr tambem as glutonerias postas na construção de blagues, trocadilhos e neologismos (rei-learismo, por exemplo, em vez de demencia senil) (1) e o seu amôr histerico pelos perfumes -« uma das suas razões de existir. »

⁽¹⁾ Faculdades de sintese, tambem, verdadeiramente surpreendentes. Para exemplo a sua definição celebre em que tinha certo orgulho:

⁻A arte é a natureza vista num luaceiro.

È já agora copio algumas das imagens, boutades

Tinha o horror pelos termos baixos, vulgares, como esse Alcibiades, duma beleza insolente e soberana, que sustentava dialogos com Socrates.

(como a ironia habitual não seja senão a marca dum sofrimento profundo), pontos de vista mirabolantes que lhe ouvi na sua conversa com um ou dois, cuja convivencia lograsse a inaudita fortuna de interessá-lo, porque, como Mallarmé que "n'offrit son exemple qu'à l'élite d'une élite", Emilio, deante dos rabo-levas da literatura, permanecia gôche, timido, hermetico, distante.

- -Os artistas, os histericos, os hiper-sensiveis que entram na vida como Agamémenon no banho fatal, emquanto a loucura e a miseria espiam, Klitemnestres lôbregas ...
- -Dante, funebre corvo da superstição, olhando a vida constantemente inclinado sobre um abismo, legando á Renascença, como um tropheu de purpura, o fantasma endemoninhado da edade-média...
- -Ophelia, em cuia alma dolorosa e vaga os caprichos e as vontades alheias deixam ficar a impressão de dedadas num barro ductil, - não é a virgem scandinava, melancolica irma da bruma, tendo em vez de sanque clair-de-lune; nem tão pouco a imagem da mulher, hiper-nitida, tangivel, esposa estimada do "virtuoso conselheiro que sabem,, e do solicito amanuense-tão sagaz! Ophelia é a eterna Eva falaciosa transfigurada por um temperamento - o do pobre homem de genio de Stratford.
- A literatura do seculo XX deve ser um paroxismo escrito.
 - Flaubert, colorista do tédio e da bétise...
- -O delirium-tremens dos crepusculos sentindo-se asphixiar entre os raivosos tentaculos da noite-essa

A sua hantise pelos «olhos pretos» era preciosa. E sobre uns olhos pretos que certa noite o fitaram (noite de festa num jardim) são estas phrases de febre: olhos de lady Macbeth

aranha imensa que segréga os espectros do Medo e as visões desconexas e angustiosas...

— Quando me lembro de que o homem sempre será o mesmo fulo animal que vende as aves e as flores, veem-me remorsos de viver.

Sobre a prosa de Henri-Heine, cuja leitura dos quatorze volumes das obras completas o trouxe maravilhado por dois mezes, se tanto, havendo nelle a necessidade—de passar, assobiando sobre os idolos d'hontem—, transcrevo este bocado escrito:

- "Prosa duma belesa formidavel, enervante, crepuscular, com eternidades d'extases, que passam em rondas, as mãos em cruz, numa langorosa beatitude; prosa, onde ha reflexos d'opala, em cujas veias circula um grande luar quase fisico, como na Noite, de Miguel Angelo; ralos de moribundo, que são um addio a toda a esperança humana, e gorgeios d'aves, cristianissimos, risos rebeldes de aretino-diabo e chôros de nymphas sôb as aguas, paradoxos de bruma chicoteando estios vehementes-sangue e alma de Rubens esparsos na natureza-; feerias de sombra e luz que tem as estatuas, de noite, á claridade dos fachos; pesadelos de mina grisalhando o espirito de halucinações e em cujo abismo alarmante, hostil, brutal, não ha consolação nem esperança. Prosa dando as arvores como dryades esbeltas, angulando góticos de aflição, chorando de as haverem arrancado ao seu sonho duma noite estiva da antiguidade, para o feodalismo contemporaneo da dôr humana, em cujos troncos violados, outr'ora corpos musicos e esguios, dir-se-ia inda os beijos ruivos palpique parecem feitos de coágulos de sangue azul do rei Duncan, ora spasmicos ou convulsivos, como se por dentro uma vibora constantemente lhe estivesse mostrando e escondendo

tarem de faunos adolescentes e nús, como num codex palimpsestus se adivinha, atravez de hieroglifos barbaros, uma estelar poesia helenica. E o encanto continua: atitudes de montanhas eis se esboçam, um instante despindo a sua aspera melancolia de Prometheus encadeados para, serenas, beberem o côro das virgens oceanides

que o velho mar rebôa a seus pés.

Inda no ouvido esfalece a melodia, já recordações dilacerantes alongam as grandes pupilas verdes d'insonia, para ver passar essa bysantina visão de Maria-amorta, cadaver duma rosa branca co'a palidez elegiaca dos marmores. Mas dominando tudo, perturbador e tragico, le petit manteau gris de Bonaparte-Macbeth do exterminio, Hamlet numa segunda existencia, cuja exquisita nevrose agora só repousa em catedraes de sangue, entre sombrias naves d'estertores,..

Esboço duma carta que nunca chegou a escrever,

sobre a C., uma conhecida Aspasia de Lisbôa:

- Na marcha lembra uma Juno que em vez de modelada em marmore fosse feita de nervos e de musculos. Ella possue toda a grandesa epica das mulheres shakspeareanas juntamente com toda a perversão das endemoninhadas de Barbey d'Aurevilly. No estandarte da sua belesa estão escritos os nomes dramaticos de lady Macbeth, Ophelia, Desdemona e Julieta porque existe nessa triumphadora do asphalto, qualquer coisa de dolorosamente nocturno como na Macbeth, de crepuscular como em Ophelia, de meio-dia ardente como em Desdemona e de amanhecente como em Julieta. Encontrei-a uma tarde numa pinacoteca, toda absorta nuns grotesa terrivel cabeça maligna, nocturnos olhos ataxicos como se em tudo vissem chagas incuraveis e olhar lhes fôsse, por conseguinte, um inferno; garras de pantéra envoltas no mais inefavel dos veludos... olhos que eu sinto, em horas de delirio, virem poisar nos meus, como duas borboletas negras agoirando.»

Contudo este sceptico de vinte annos, este pessimista á Nietzche, punha pó d'arroz e havia nelle o sentimento do belo hiperagudo, a mesma ancia de *jouissance* estética que impelia Euripedes a combater nos jogos de Eleusis e o jovem Sophocles a apresentar ao povo de Athenas a harmonia loira da sua nudez.

Tambem não pertencia, de modo algum, a essa hórda de barbaros, azafamada e bronca, a quem a ideia duma souffrance na volupia enche de pavores, como a sombra de Banquo a Macbeth: bem imperialmente se lhes distanciava, porque havia na sua sensualidade biceps de gladiador, ancias de gritos e de crispações, raivas de dolorosos spasmos e fulminantes combates.

cos Roberts-Macquairs gentis-homens da pintura. Tem o perfil audaz dessas histericas, topadas em todas as gares, esveltas figuras sem sexo, lançadas em flûte, olhos vampiros, sacudidas por impulsões vertiginosas de viajar! viajar! viajar!, serem esmagadas pelo abraço estridente das cidades corruptas lá-debaixo, esperecerem no miasma azul dos seus vicios pantanos.

Corpos esguios e flexuosos de ephebos, bustos de Antinus, primaveris, estatuas vivas de coral, onde os olhos brilham como duas melancolicas estrelas da tarde; e vós, precóces mulheres inda sem sexo, cujas saias curtas dirse-iam ter nas pontas gumes de chasco, implacaveis, vós que sois em carne, musicas de Meveerbeer, alegres, vivas, cheias d'impetos e fugacidades, desfraldando ao ar pavilhões escarlates de saude, auriflamas de humor e graça lúcila; tranças magneticas onde deliquescem tons d'ambar-gris ou com reflexos raivosos de asa de corvo: olhos cristalinos de creanças, mais crueis que a ponte do inferno dos turcos, feita dum gume de sabre atravessado num abismo... oh, vinde apaziguar-lhe a queimadura horrivel da volupia que o halucina!

Como requinte maximo elle gostaria de amar, com um amor suicidante, heretico, antihumano, alguma hiperbórea musmée ainda impubere, num pagode, ao fundo dum parque, á hora da noite «em que a gota d'agua cae sobre a clepsydra de jade sonóro e a flor que eresce no palacio da Lua abaixa a sua sombra sobre o cimo das arvores»; ver-lhe tumescer, tetanisada de lascivia, a facesinha de oriental, toda em linhas chimericas e silvando luxuria as pequeninas mãos tão diaphanas que deixam de ser mãos de carne p'ra sugerirem estofos de seda bordados a fios de casulo; senti-la

emfim monstruosa, esfuriada e nua, sobre o seu corpo, prosternado na liana do gozo, ah, senti-la estortegar-se em furias azues-lividas de vampiro.

D'ahi, dessa sensibilidade, exageradamente maladive, a sua prosa não ter « o estilo aulico e cardealesco » pelo Dante preferido e antes ser uma admiravel convulsão de nervos em delirio que lembra a opinião de Taine sobre Michelet: « il outre l'excès de la passion; il n'ecrit que par petites phrases saccadées qui ressemblent à des accès de douleur. » Prosa para ser lida declamando, onde ha coleras, insultos, sonhos, esgares, phantasmagorias de noites brancas, dolorosas ternuras e eclampsias cruciantes, soluços de nereide, embevecimentos e esse riso de hiena, rir de dentes carniceiros, ávidos de prêsa—para mim vedeta da loucura que avança cautelosa.

Exactamente porque no mundo tripudiam hediondez, animalidade e o obtuso senso pratico é que o meu amarelento detestava o mundo.

No Hospital da caridade, em Sevilha, Valdés Leal tem um quadro... Representa um caixão aberto com o cadaver, cheio de vermes, d'um arcebispo em capa e mitra. Pois atravez de cada vaidade, de cada imbecil passando em cadeira de ródas para o nada das glórias terrestres, em cada rosto de mulher por esses

passeios resvalando com um tom idiota de estribilho, repetido em edições phantasticas, por costureiras falhas d'inventiva—, Emilio via o cadaver do arcebispo cheio de vermes. A imagem da contradição entre este cerebro feito de delirio e extravagancia, de desesperança e histeria e os equilibrios normaes da vida, encontrei-a numa reprodução da Barca de Gleyre:

Sentado na praia, com um olhar que bebe na alegria as energias halucinatorias da dor, o Poeta vê ainda as coisas plasticas e belas, para elle representações, alegorias triumphaes do amor e da esperança, entoando evohés, do Desejo reussi. Como uma bandeira estendida sobre o corpo dum heroe, o crepusculo vem trazer, com a sombra inefavel, a recompensa, postuma, ao fulvo sol, moribundo e vencido. E elle compreende, elle adivinha, elle descobre a frivola mentira dessa vida radiante, tangivel ainda e já afastar-se. Mas a noite espia, a funebra amante dos corvos, a noite vem ahi, cada vez mais proxima, cada vez mais inexoravel, razando as azas, aguia duma fauna d'impossivel classificação, esfuriada, louca por escorchar a pupila cor de opala do dia a extinguir-se, que trepida acolá, desvairada, afóga-se em névoas, bruxoleia e céga na grande agua imovel.

...E a barca desaparece, levando consigo as Imagens magnificas... e, como as tres pa-

lavras do Festim, terrificantes, os olhos vêem ficarem sós, amarissimamente — o ceu sem reflexo, a agua imovel e o Homem que se resigna e cála.

Mais um momento, só um momento... agora apenas se distingue uma mancha espessa de bitume, por onde, dirieis, a morte vem arrastando a sua cauda lastimosa. (¹)

Phisicamente o pólo contrario de Gustavo, em quem o enfézado admirava o vigor muscular á Antéro e como um Santo Antéro preocupado com equações d'algebra de pro-

(1) Concluindo:

Emilio era, antes que tudo, um nihilista teorico e limphatico da acção, especie de cadaver lucido e vibrante da vontade, um histerico, ulcerado d'arte, com todas as perversões sexuaes, enclausurado na vida como num seminario de sombras e castigos, odiando as profissões pelo que ellas teem de anti-estético, de brutal exploração do homem pelo homem, votando o mais orgulhoso dos desprezos á arraia miuda, pela sua subserviencia animal e rubra ininteligencia, ás mulheres, pela sua estupidez grosseira e maldosa, emfim, a todos os gôrdos, como definia Claude Lantier, pelo seu execravel fedor de bêtise impudente e combativa. E se é certo as nossas paixões serem muitas vezes presentimentos da nossa morte, os seus agudos apetites do macabro, do estranho, do imprevisto, dum hipnotismo quase doloroso, não estão ahi a revelar, nesse mutilado superior, o instincto, cheio de noite, a adivinhação jungida de frissons, dum horroroso acabamento?!

gresso moral. Com efeito o que Gustávo detestava em Emilio era o seu descarte da sympathia - base do edificio social, era o seu pessimismo feroz.

Elle ainda acreditava em renovações lentas, serenas, transmudando em phalanstério lúcilo, a malfadada Capharnaum de embustes. Este renovamento viria, dizia elle, pela ascenção nas almas do progresso moral, paralelo ao progresso scientifico, social. E ficava sonhando humanidades môcas a comungarem a hostia da Bondade, da Egualdade e do Amor panteista; os homens aspirando, como buddhas iluminados, purificados de toda a culpa, por um ideal de graça que morreu, a mulher tornada de odioso impecilho em afavel colaboradora de todas as horas do homem, redimindo pelo amor cristalino, altissimo, sem calculo, o seu pecado de ter nascido mulher; toda a obra d'arte e da inteligencia tornada, emfim, producto imprescindivel na harmonia estelar do universo e cuja recompensa variasse conforme o seu valor intrinseco ou relativo, o tempo gasto, as inergias dispendidas.

«Sê bom para tudo o que existe. Vivâmos felizes, não odiêmos aquelles que nos odeiam, vivâmos livres de odio no meio d'aquelles que nos testemunham odio ». Os versiculos do Dhammapada hindu e do Fo-sho-hing-tsan-king chinez, as doutrinas moraes dos brahmanes e

dos áryas, prégadas pelo principe Buddha e que pelos tempos fora vieram espalhando Confucius, Mahomet, Socrates, Jesus Cristo, Antero e o mujik Tolstoi, archi-possesso de genio...

Mas tinha conhecimento d'alguma traição, d'alguma cobardia ou d'alguma mentira tramada por inimigos reptis, então a sua colera relampaguejava, colera euripideana dos justos por Emilio comparada aos acessos epilepticos que, conta Renan, paroxismavam, no emurchecer da vida, o doce rabbi da Galilêa.

As mesmas preferencias intelectuaes em ambos.

Gogol, das « Memorias dum doido » e do « Manteau », Dostoiewsky, Tolstoi, Ibsen, Oscar Wilde, Huysman, os dois Goncourt, o Ramayana, a Biblia com o Cantico dos canticos, o Livro de Job e os Evangelhos, os hymnos buddhicos, quase toda a literatura oriental, os gregos e livros de sciencia, provocavam nestes supremos gozadores da vida do espirito, extases de Santa Tereza devota. (¹) O mesmo

(1) Dos prosadores portuguezes Ramalho e Eça, aqua-fortista do grotesco, l'Iamlet resolvendo pelo escarneo as suas temerosas duvidas, morrendo do esforço de procurar uma toilete cinica de desprezo ao seu exaspero teogónico de Apolo en exil, e cuja obra é uma simphonia diluviana de Wagner, onde impéra, como motivo avassalador, implacavel Medusa da canalha humana, a

gosto em recitar pateticamente certas phrases das «Almas mortas» de Gogol e as ultimas linhas, magistraes de piedade, das « Memorias dum doido », ou ás noites, nas suas marchas sentimentaes, sob os solucos lascivos da chuva entregando-se debilmente á erotomania furiosa do vento, murmurar, convulsos, numa religiosidade, onde lagrimas se cristalisam, versos de Verlaine ou fráses de Fialho, esculturas sideraes da emoção, duma beleza unica em todas as literaturas.

Na leitura da Biblia e do Ramayana encontravam elles a verdadeira vida, a vida una e

ironia inflexivel, à outrance, sufocando todos os outros motivos que mal vão a erguer a voz ei-los tresvairam, oréstes foragidos a um côro babilonico de euménides. Fialho d'Almeida, especie de sombrio Deus punico devastador, que vae flagelar multidões miseraveis mas de subito pára e volta a doida cabeça, apaziguado na côr de berilo dum estofo, scintilando em prégas nobres; Jeovah que cahiu entre o delirium-tremens contemporaneo e, desvairado, sonha catastrophes, incendios, tragicas represalias e a volupia grisalha dos grandes estertores.

Na prosa deste quanto inauditismo! Aquelas linhas não juntam frases mas fios torcidos de nervos, onde labutam gritos, latidos de sarcasmos, crépes de soluços, calamitosas crises de gigante, revolvendo-se em sensualidades hiper-agudas e sêdes de beleza, formando a mais espantosa organisação de emotivo e intelectual de todos os tempos. Amoroso como Dickens da lufa-lufa embravecida e dos sanguinos clamores da leva humana, a sua

toda poderosa, diversa da vida falsa que os burguezes fizeram com a sua civilisação, da vida abhominavel que os nossos paes nos legaram e de quem nós herdámos, com nuances maravilhosas, os tics degenerativos, os medos, os esperecimentos do caracter e a resignação vaidosa na fatalidade. Precisamente o que os fazia preferir a literatura adusta do Norte a todas as outras literaturas modernas, era o visivel antagonismo moral, na primeira, entre a fatalidade e a consciencia.

A apavoradora impressão de fatalidade que pésa sobre a vida, e que é nos escritores do

alma entusiasta de muhezim canta a gloria da paysagem e das catedraes, a agua-tinta dos longes e as barbaras expansões da seiva, o mar d'infinita suavidade, como a pupila de Julieta e o sol largo, o sol fulvo, o sol teutão que em tudo põe escarlates de saude e alevanta dos olhos das mulheres a tulipa venenosa da sedução.

Vem depois Teixeira Gomes, esse escultor gentilhomem de livros fragmentos, Antonio Patricio, Anthero de Figueiredo, Raul Brandão, cujo estilo curto, em gume, reflexo da hiperestesia contemporanea, lembra um rictus cataléptico de bocarra, e Villa Moura, romano que nascesse, por contraste, no tempo das comédias de Plauto, entretido em traduzir do seu altissimo desalento, rithmos maravilhosos, um instante fundindo-se em lumbradas de pedrarias e alando-se, apóz, borboletas, em góticos de vôos.

Estes em detrimento dos Herculanos e dos Castilhos, dos Latinos Coelhos e outros minusculos grandes homens do seculo ibseneano. norte o elemento principal de toda a souffrance, o romancista saxonio ou latino (o Deus Zola e o grande Balsac á parte) não a sabe fixar senão por kodaks dum bysantinismo frivolo, em vez de insculpir, com ella, como os verdadeiramente grandes, baixos-relevos cheios do horror gélido e da angustia pesada que tem certos cantos sombrios do Inferno e os capitulos dos tratados de teteralogia. Nas monografias nervomanicas, estravagantes, das populações loiras ou trigueiras do sol e do ghin, a victima, não podendo ter repelido o seu vencedor, refugia-se numa resignação absoluta, numa quase passividade satisfeita, tomando philosophicamente prompto-alivios.

Ah. mas como tudo difere nesses analiticos dos gelos arcticos! Ahi constantemente passa o vortilhão ululante dos « humilhados e ofendidos », arrastando o castigo de haverem acolhido na sua argila o fogo divino de Prometeu, caindo debruços, tetanisados de remorsos, bebados de sofrimentos, sob o calmo flagelo dos fiordes e da stéppe, faces crispadas de vicios, horriveis ankyloses moraes, que a memoria se lembra de ter encontrado já nas mesas de marmore dos frigoriferos.

0

Emilio e Gustavo vinham entrando a rua do Ouro. A multidão d'agora era a multidão d'ha bocado, asymetrica de craneo, fisionomia fruste, mongoloide, a que as claridades dos reverberos apupam, com vaias vermelhas de garotos, as gambias tortas, em feitio de quarto-minguante. Mas uma turba humoristica de ruraes fê-los parar, deliciados, pela dissonancia crespa rapido estabelecida co'a fadiga das gentes nevrosadas.

Os bons camponios! E cheiravam ao humus, os olhos cheios ainda dos verdes esponsaes das vegetações, larvas silvestres d'alguma écloga latina, que uma absurda razão do estado, invocando não selt qual criminosa lei, ia transformar em insolvaveis bilhóstres.

— Agora mesmo essa grosseira ronda de maltezes caír sobre a multidão d'estancados, num acesso pernicioso de revindicta, com uivos terrificos de esfaimados lobos!... E ficaram saboreando o intenso regalo da sua visão, como reis lears tragicos e vehementes.

Onze e meia, meia noite...

Sim, ha vinte seculos nasceu um loiro visionario para prégar o Bem, a verdade e todas as coisas justas. A'quela hora os mesmos phariseus que o crucificaram caíriam bebados, em sua gloria, nas consoadas de familia, famosissimas. Yi

Sons erraticos de sinos chegavam até elles, como gritos de naufragos que o vento pegásse e fosse exagerando, velho Shakspeare brutal, entretido em revelar os bastidores machethicos das almas; e na silhueta hamletica dos candieiros, que intoxicavam de luz o cerebro convulso da noite, iam vendo espectralisações de anxiomanias, pupilas macabras de vesania á espreita de sensibilidades que enloucar...

A terra tinha parado o seu misterioso tohubuhu, onde ha premeditações de cataclismos e livores de febres, para, emfim apaziguada, beber a elegia recondita da chuva.

E elles seguiam, reis Oedipos errantes a que falta o amor duma Antigona, expiando a ignominia duma raça proscrita de Cains. Sós, na noite messianica mordiam-nos a lembranca de cadaveres, sufocando no saguão lobrego das valas, apostrophando a injustiça dos vivos que esquecem depressa - cadaveres de suicidas candidos, cadaveres vulnerados de prostitutas, de bisonhos poetas e raparigas loiras.

Mas de repente, luzes num andar, risos, to-

ques de piano...

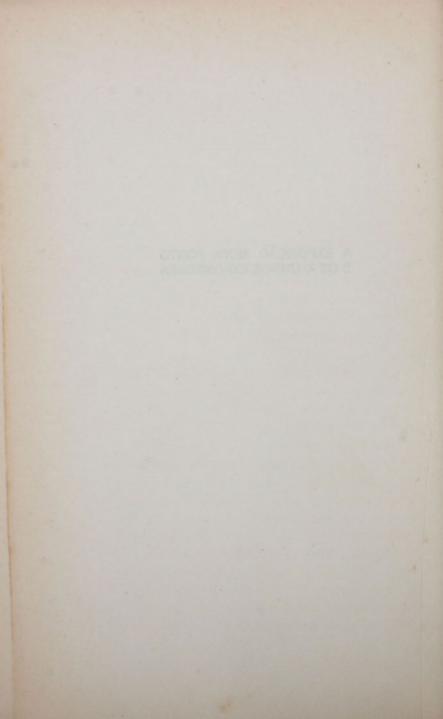
... – E ter uma esposa de « olhos de lótus e membros suaves» e ouvi-la tagarelar num babillage róseo e infantil... E a mesa estaria posta, sua toalha de linho alvo, seus jarros de flores; e «o mais velho» exígia o deixassem 'star mais tempo levantado, por ser noite de festa... e é vê-lo mexer-se, inquieto, ora p'ra uma banda ora p'ra outra, com gestosinhos architraquinas de bébé inglez, movendo a cabecita dum oiro-floco d'algodão, por entre fileiras, curvas em colchete, de ladys babosas... e os pobres batiam ao portão de ferro com os seus cajados...

O' meus bons, ó meus simples Irmãosinhos! Rogae a Deus pelos ofendidos, pelos perseguidos, pelos que uma obstinação ironica endurece e pelos que trazem a alma suja de pecado, por não haver caridade, por não haver carinho que venha purificá-la e erguer do chão maldito o seu sonho imenso.

Lisbôa. - Dezembro de 1908 - Novembro de 1909.

II

A EXPOSIÇÃO SILVA PORTO E OS ALUMNOS EXPOSITORES



Nas salas da Academia de Bellas Artes de Lisbôa esteve aberto um certamen de paysagem em que a meia duzia de discipulos aprouve espojar os productos das suas locubrações espirituaes, de malta com outro tanto de já—professôres, curiosos, mais o inevitavel pensionista.

Devo dizer: eu não considero os alumnos da referida Escola. E não considero porque do convivio que tenho tido com um ou outro nasceu-me a convição viva da sua irremovivel estupidez geral, da sua hilare obtusidade sempre patente, nessa dança de S. Guy das palestras, chamados que sejam a manifestar-se no proprio campo p'ra que os empurrou, tiranisadora, a scie megalomanica das familias. Não obstante a sua tendencia helenica, sobrepairante para as coisas da sensibilidade, explicada facilmente e fisiologicamente por uma anomalia na conformação dos seus aparelhos visuaes, delles fazendo um centro egoista, sanguesugante, despotico, monopolisador — não obs-

tante essa qualidade fulgural, as suas opiniões sobre literatura, sobre bellas-artes sobre o amor, sobre a estética duma vitrine, sobre a concepção dum ideal de vida lucida, lucidamente vivida, são dumas acabadas aventesmas, reveladoras dum alarmante vazio cerebral, obesos disparates, lugubres amostras sem espiritualidade, sem alcance, um calafrio sequer d'independencia.

O talento que nestas democracias contemporaneas, grazinas, agitadiças, archipraticas, deve ser no exilado artista como uma especie de delirium-tremens doloroso; essa vibratilidade extranha e doentia, que faúlha em coleras jupitereanas, em horrores de Brummel, ao contacto das execrandas platitudes da vida... nada, nada, nada disto elles possuam e presintam-no em alguem, dizem-lhe chufas, vão-se a encanziná-lo, se elle passa, de sorrisos lôrpas de mulher.

Porém, compensando, pobres fétos! adoptam ainda a hedionda gravata de laço e a trunfa romantica, com uma basofia de irritarem de morte os barbeiros e merecerem as vaias dos garotos. A gravata de laço e a cabelugem... as unicas afirmações com que pretendem creditar-se uns aos outros, — umas almas eleitas.

Ah, mas no reclame duma acobreada persistencia. Fulaninho, um tal, expõe pastel onde 10

as côres, a perspectiva e o desenho se assembleiam, numa furiosa kermesse de incompetencias. Pois semanas antes já essa geba figura emaciada por todos os jejuns (fémeas, jantares, bons cigarros), com a úlcera do anonimato, já a sua silhueta perdigueira galga as escadas das redações, passa, sub repticiamente, ás mãos do reporter-artigoleiro a photogravura da carantonha, que, com efeito, no dia inaugural, a gazeta lá encrava, debruada de «parabens, seu compadre», nas suas columnas, noblificadas, diga-se ao passar, p'lo fascies do gatuno que empalma carteiras ou do criminoso que empalma vidas.

E até o proprio Seculo assegura que um genio desponta...

Por outro lado o professor, que nas suas rútilas primaveras de cábula professo, espirrava lampejos, audacias de Apolo adolescente, agouvarinhou-se no conhecido magister dixit e arvóra, como um pendão surrado numa cégada, — a copia dos classicos, que não possuiam nem as mesmas côres, nem os mesmos processos hodiernos. Atitude teimosa de saloio, modo de ver, crasso, antipathico, catracego, contra que se insurge o subtil Véron e ajouja de indignações as paginas cristalinas da sua Estética.

E ninguem grimpe «que o gajo é casmurro » e compromete o estudante no fim do anno.

Não entendem esses mazombos ratazanas que não se deve copiar os quadros d'outrem, se não o tempo necessario para «assentar a mão» e filar o emprego razonado das côres! E' entre os modernos que é preciso procurar os mestres e forçoso se torna antes examinálos com cuidado e delles sacarolhar conhecimentos da harmonia geral duma paysagem, do que emparvoecer-se a reproduzi-los.

«Sêde sinceros!»

Tal é c grito lançado por Corot, o fundador da escola paysagista moderna.

Sinceros os nossos borramuros? nesta Zululandia em que só frequenta as exposições um publico de mulatos e trancadas as portas os quadros lá vão todos empanturrar d'ideal os lazêres vesgos dos mercieiros e dos estadistas e as almas de cozinheiras de suas filhas e madamas! sinceros, quando raro, rarissimamente um artista pode adquirir a tela cubiçada que, na intimidade pobre do seu quarto, lhe apazigúe um pouco a devorante melancholia?!

0

A exposição que encerrou dias atraz, era a decima. Não vi as outras, essa, só aqui e além, longe a longe, fazia appelo tenuíssimo aos nervos das mulheres superiores (se algu-

mas lá foram) e dos artistas. Quem lá entrasse, com os seus olhos, p'ra logo notava faltarem ali as qualidades altissimas de embevecimento que tornam a pintura e a escultura—logo apóz a musica—em bemfazejas sórores do Sonho, embelecedoras da vida moderna, desprezivel, brutal, americana.

Todos aquelles 146 quadros, somiticos ou excessivos, mantinham não sei que silenciosa atitude mendigante.

E pois que essa impressão resaltou para mim, viva como um angulo, eu procurarei (um pouco tarde, advenho) ser magnanimo dizendo, lésto, das minhas impressões, verbigratia, de grosseiro ignorante do mistér.

Se se reclama valentia e uma aptidão muito especial para a pintura de genero, um pouco de gosto e d'amor pelo campo podem fazer dum paciente cultor de pespontos um artista vibrante da paysagem. O campo, vou dizê-lo, emascúla a phantasia mais dessórada, acende fogos de Bengala na sensação mais incapaz de revivescencias, a qual, á magia da sua luz, ganha arrojos, fulguraes imprevistos, graças inauditas, como uma planta do ar livre que definhasse misérrimamente, transportada á serrechaude das regras severas da figura. E não será esta a razão porque muitos se abalançam, com um meio triumpho, ás vezes, por recompensa? No entanto os srs. alumnos nas suas

provas, é lisonja afirmar que passaram duns aplicados aprendizes.

Os assumptos por elles escolhidos são os eternos themas: ceus histéricos de bruma, atrabiliarios de canicula, sombras côr de Sherry-brandy, nuvens d'algodão sujo, emmaranhadas, que um meu amigo comparou a essa lanugem que fica no pente duma mulher, apóz a sua toilete matutina; mutilações de paredes e arvores, arvores, arvores que pelo seu enfezamento mais parecem essas meninas - sousas da vegetação, Mimis chloroticas da botanica, que o municipio enclausúra e numéra nos seus jardins. Certo nephlibatismo tambem nas legendas: Sol e poeira e Sol das 10 horas de Lucena e Um justo de 80 janeios e Sete da manhan e sete da tarde do professor Trigoso.

Como é diferente desses venezianos lirismos dos poetas extaticos do pincel! das tonalidades loiras que surdinam, dos escarlates que dão beijos e enchem a alma duma flamenga alegria, irisações de lilaz — essa morbbidezza feita côr, em que os olhos poisam com tics de dedos tremulos sobre feridas, tons ossianicos de opala, em cujas veias parece que circúla um grande luar adormecido!...

A populaça estudantil, com o habito de arrastar pelos cafés o seu livido desconsolo, e onde abocanha nos colégas ou, merencórea, se imprégna das verrinas politicas dos jornaes, movendo-se, cretina, sem analise, entre os bairros lobregos ou peraltas de Lisbôa; a populaça estudantil não ama a natureza, não a contempla com ternura não se embébe das suas infinitas nostalgias e miseréres pungentes; se alguma vez vae até ella só lhe dispensa os minutos precisos para depois a envilecer nos seus trambôlhos picturaes. D'ahi resulta uma coisa: acanalhar de trucs até esse momento beethoveneano da paysagem que é o crepusculo, quando os ceus são melodicos, as arvores ogívam atitudes de réza e o lusco fusco envolve tudo dum alhornoz de sombras e tristezas.

Só com mui bôa vontade a gente se não irrita e chega a presentir no Sol e poeira de Armando Lucena, um sol selvatico, flagelisante, queimoso, que atrigueira o ar e reverbéra com frenesis crueis d'inferno, galvanisando no ouvido a halucinação bizarra dum vozear obsecante, queixume ou apupo, que exhalassem mil invisiveis bôcas soterradas.

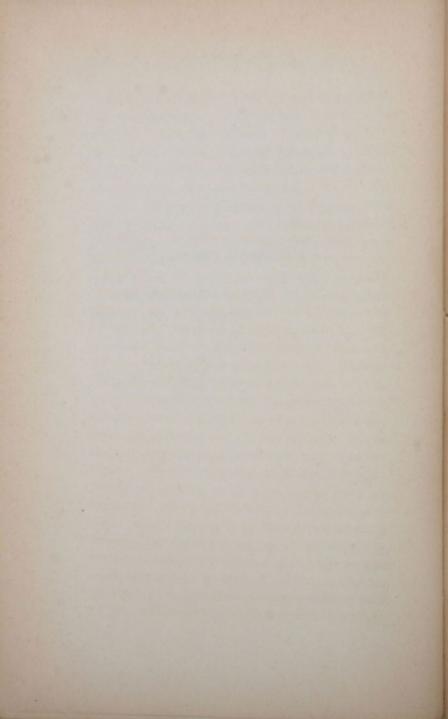
Mas houve um bocado cantante na exposição, o *Porto das bonitinhas*, de Baptista Junior. A agua é fresca, limpida, móbil e vêse-lhe palpitar atravez, com um ritmo de pulso adolescente, o seu meigo coração côr de berylo. O sr. Baptista Junior soube escapulir-se a um erro que consiste em dar á agua esse aspecto parado que, embora a certas horas do dia ella apresenta, é desagradavel na téla, tornando-a como um pedaço d'espelho cahido por um tapete. Ha no gesto das arvores reflectirem, a volupia subtil dum corpo de mulher mergulhando na agua duma tina.

Não me propuz falar dos professores. Abel Santos e Dias Serras, passo adeante. Quanto a Calderon oxalá que triumphe como procura. A impressão que sobrepaira nos seus quadros é a da muita luz, possuindo desde já uma pupila audaz de pagão p'ra mais tarde realisar coisas brilhantes.

1910.

A FOTOGRAFIA PSICHICA

A Albino de Menezes.



Annos atraz a fotografia era a creada bronca servindo desairosamente as manias exhibistas dos caixeiros e a vesga misantropia das senhoras - sós que pretendem ficar ao menos na lembrança eterna das amigas. Havia um estimado sapateiro que, sahido dos Martyres, nubente, entre os dichótes da sucia, se lembrava de posar mais a bem-amada hortaliceira - elle, pobre herbivoro, manco de aprumo, esgrouviando d'entre a sobrecasaca alugada trinta annos de miseria e pontapés, gebo pantin filiforme de chapeu alto que lhe assemelha o typo a esses espantalhos das quintas, cuja silhueta, vista a horas soturnas, acende na imaginação as pupilas verdes do medo; ella, uma rubia, cujos desabusados olhos, sob o alpendre branco da mantilha, fungam deliquios de cadéla e premeditações de façanhas extra-conjugaes: havia um féto blasé aprovado no seu exame do 1.º grau, a cujo bemestreado afan o ditoso pae, sagaz escriturario, resolveu dar recompensa barata e estimulativa? - O

fotografo ahi estava préstes com a maquina, o fotografo, essa figura chimerica d'estampa, pupila negra de carvão de pedra, sorriso obliquo de mongol e em todo o inconcebivel rosto uma caricaturisação de humanismo que nos recorda essas pobres efigies das moedas, recapituladoras do vazio mental dos soberanos.

0

Ibsen, inquizidor sombrio dos lodos hodiernos, o iluminista convulso dos trés-fonds grisalhos das almas, é mui propositalmente que cóla o mistér de chichésista ao « Hialmar » dum dos seus super-dramas: especie de prometheu-polichinélo jungido á montanha da vulgaridade, cujos arremedos quixotescos elle esnuda para ao depois avergoar de ridiculo, entre sarabandas de apupos e cóleras adustas de Jeovah vingador; papagaio domestico rabujando por ter o pé acorrentado mas que finge crises vulcanicas de condôr a quem mutilassem as asas orgulhosas...

... E como essa figura pícara vem a nós, foragida á terrivel fébre perniciosa dos demais personagens d'Ibsen — catastrophes que falam e respiram, paroxismos que contrascenam —! ah, como no tétanisála de grotesco parece que se apazigúa a hiper-dolorosa alma

do Scandinavo, feita de brumas e de incendios, histéro-epileptica de justiça! como, emfim, da sua bôca de titere lufa-lufam algaravias, jactancias cambaias, sobrancerias zanágas que repuxam risos ás nossas faces murchas de ratés!...

0

Certo é que entrar ainda as salas dum fotografo equivale percorrer um bazar chinez de deformidades, um *museu cluny* das infra-vesanias mais contundentes, liliputianas megalomanias, até então refolhadas, correndo a cortina e zapateando para nós impudicas, ao léo.

E é vêr, meus senhores:

Mães de familia que chez-soi, co'as visitas ou na vadia cóbra dos passeios, achinélam, fulas, todo o ideal, cuspinham fézes de sopeiras no quer que seja belo e voejante...—ei-las no cartão em poses d'elegiacas; terceiros amanuenses de cujo rosto fuinha, cá fóra, no bazar da rua, esbeiça o azedume da sua damnada subalternidade—avançam a perna, coitados! olho ancho, com beatitudes de chefes de repartição; pobres diabos « contemplados » com o premio de 100\$000 reis numa cautela, fazem-se enfocar, como Nucingens, num halo de milionarismo extra-celeste; viuvas de meses por esses cutés esfarrapando o véu entre ver-

melhos combates e spasmos ululantes de lôbas - outórgam-se atitudes pungitivas, ficélam propositos de rememorar os defunctos, Niobes da saudade conjugal; taurinas maniacas de catitismo atrouxemouxam os corpos-canastras em toda a sorte de estofos papel de forrar casas, macaqueando essas perturbantes toiletes - fim de raça com que as vans mulheres do tom dynamisam de seduções a tulipa nevropatha dos seus corpos; virgens malagueñam pela demoninharia dos olhos, rábidos delirios, perversidades, num soberbo intuito de cancans proprio a nos recordar essas imagens obcenas que os garotos oferecem de noite, ensaragoçados nas sombras, em vozes semi-fluidas; lagartixas da Barroca trocatintam uma expressão outônal de martirio, como essa Ophelia, melancolica irmã da bruma, em cuja memoria ultrapoética os burguezes dão patadas, sonegando-lhe o nome p'r'ás suas filhas; de longe a longe tambem algum rosto pulchro d'ephebo que constela a noss'alma d'evocações gregas, com a sua adolescencia doce de fructo loiro, gestos d'ave convalescente...

E a exhaustinada ronda de malucos cada vez mais se estorcéga, hilariando a vista, parecendo balançar-se, frenesiada, a um ácre charivari de castanholas:

São Julietas modernas suspirando por algum Romeo de cavalaria com bom soldo; mártes reformados que ouriçam de prágas e expectorações o olympo das aguas furtadas; minusculos napoleões... da victoria meditando a estratégia do atracão, planeando o assalto ás cozinheiras planturosas, até que tropeçam, misérrimos, no waterloo das blenorragias; chicharros da verborreia; mornys joanetudos que teem a phobia das banheiras e atulham os ventres serodios d'iscas de figado... é, emfim, toda esta crapulosa terra, cigana, fruste, miseravel, onde o amanuense pulúla e o brasileiro espapáça, impune, o idioma, torsionaria archibronca de toda a arte, marasmada sob o azul-e-oiro do ceu.

0

A fotografia, porém, deixou de ser a exclusiva interprete grosseira das extravagancias acima referidas para acompanhar as demais artes na sua ascenção hieratica, no seu alcandorado vôo para além; já não a preocupa sómente plasticisar as monomanias mansas, tics sem rosicler que filtram á sucapa, as almas grulhadoras. Vae até aos aspectos hamléticos da natureza (poentes de vitraes góticos, dias brumaticos suprasensiveis, paysagens endoloridas, dramaticas marinhas), vivendo-os com uma passionabilidade onde fréme, convulsa, não sei que subtilima psyché... e ensaúda

dizê-lo: o certamen de « fotografia moderna » que no mez pretérito fui vêr á «Ilustração portuguesa », no seu pequeno hall d'exposições, era um formoso vestibulo de ex-votos ao Sonho e á alegria apolinea da Arte, onde apenas um ou outro bocado indigno truncava com dedos tyranicos, a suave absorvencia em que os olhos iam, ameigados.

Claro que eu não acredito que (salvo mil vezes o artista-poeta Lopes Vieira) um unico dos expositores fosse capaz de sentir intensamente qualquer das amostras objectivadas e não cobrisse de vaias quem a seu lado, na feira da vida, se extasiasse ante um luar—essa angustiosa nevróse da noite, ou aos sons dum violino—vagabundos nostalgicos que plangem. Mas havia ali, confesso, um lampejante intuito dos assumptos, uma americana adivinhação do emocionante que chamava, baixinho, o nosso olhar.

Exemplos: o Pôr do sol, de Gabriel Bastos; o Pôr do sol á beira-mar e Choupana ao alvorecer, de Magalhães Junior; o Crepusculo, de Dias Grancha; e de D. Maria Lemos Magalhães: o Lar transmontano, Tarde d'inverno e Á lareira, em que um meigo lume soluçava a lithania christã da chamma fulva.

Pônho acima de todas a maravilhosa colheita de A. Lopes Vieira, internecido amante de penumbras, que tão bem sabe vestir tudo o que tóca de febricitantes púrpuras de Belleza.

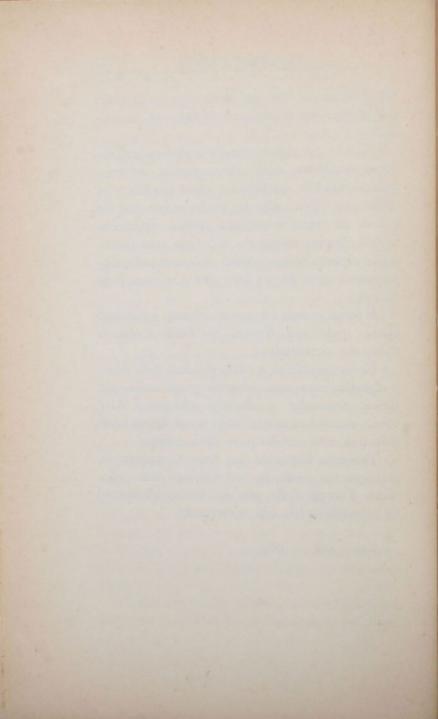
Mas se de algum modo os outros expositores resahiram, com este certamen, do mesquinho tan-tan quotidiano, onde queimam as vidas por florir, não ha senão jungir-lhes de louros as testas e dar-lhes palmas de incitamento; muito embora o seu belo acto represente alguma coisa o gesto de quem excepcionalmente enverga um fato rico p'ra uma cerimonia.

E termino com um aperto de mão a Alfredo Black, pelo seu *Retrato* de bébé. Como é suasivo e encantador!

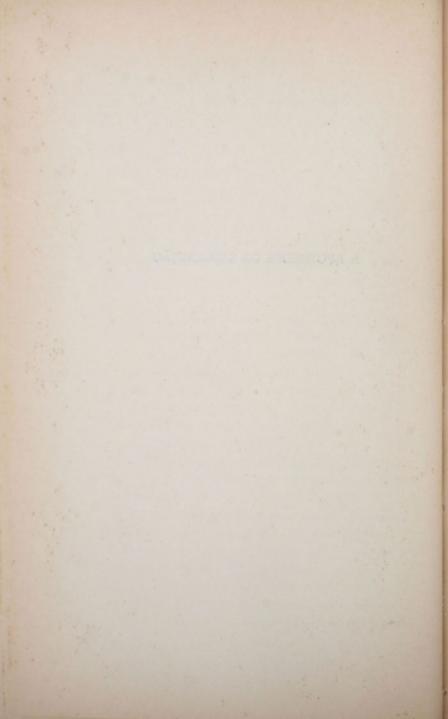
Como imobilisa a cabecita dum oiro flóco d'algodão, com uma mimosa graça sadia que dirieis rescender a *chocolat edelweiss!* Ah! como, suavisantemente, toda a sua figura loira matutina num sorriso puro de bambino!

Tem-se a ilusão de que respira, coberta de ar e que vae pedir, no seu babilage róseo, não sáiam d'ao pé d'elle, não no deixem ali só entre a moldura feia que o circunda.

Maio a junho de 1910.



A APOTHEOSE DA SAIA-CALÇÃO



Fins do mez das mascaras, frente á inestética vitrine do Tailleur Chiado, desde as manhans de tintas loiras á Malhôa ao columbanismo hamlético do entardecer e depois humilhando essa viciosa esphinge que é a Noite nas cidades, — ia um pélemele de basbaques, um carnaval de pincel imbuido em fébre, fundindo as «côres sociaes» mais desconexas: dedos d'idolo d'alcova e mãos entimidadas de pedinte; côcos e boinas lugubres; maquettes da miseria e do Amieiro; lenços pobres e boutades de carne dandy, perversa, elastica, — tudo facéciando no despeitoso frenesim dos sapos que a incomprehensão agatanha de furores.

A' porta o dôno da loja, trinta annos de velhacaria em que as táras do marçano barafustam d'entre a insolencia engomada do

patrão.

E cocáva os grupos com esse olhar de bruxo e d'animal de presa, que parece reforçado de muitas pupilas, com que os paes espreitam de bastidores as filhas em maillot conquistando com seus gestos ciosos e spasmicas volutas a animalidade ululante das plateias.

Os manequins expostos eram mediocres, como que detalhados por uma tesoura em camoéca d'inspiração, no solérte proposito d'escarnicar essa fulgural creação d'agora mesmo que os costureiros de Paris, argamassando sonho e sardonismo, phantasia e paradoxo mordente, esgoto nervoso e espuma de champagne, extase e baba de voyou, arremessaram, com dedos animicos, ao frenesim das ruas-manicomios, fazendo erguer das almas dos artistas as mãos postas do seu culto paralelamente ás vaias surdas-mudas da canalha.

Ah, mas devemos apotheotisar, por acção tão bela, esses poetas-musicos da Moda que, co'as suas mãos de mediuns evocando, têm conseguido tornar a bronca mulher portugueza—extranho animal mamudo, duma sornice inexpugnavel—num complexo ideal de espiritualidade, o quer que seja d'esguio caule e de molusco, de pantéra lasciva e aza nómade... inteligenciando-lhe o typo, galvanisando d'esveltas audacias, captivancias flexiveis, movimentos de veludo a sua carne quieta e lymphatica que sabe a gargarejo e a folhetins.

0

Huéisada pelo parisiense com o seu espirito tire la langue de cócóte, que ainda ha pouco navalhou d'insultos Bernstein; escarnecida pelo austriaco, pelo alemão e pelo italiano - lazzaroni de museus; casquinada pelo bromista hespanhol - por esse vasto anónimo miseravel. infra-animal de cujo infectante convivio cada vez mais, amigos, almas sózinhas como eu sou. devêmos exilar a literatura, a musica e a pintura: coberta de apupos, apoucada, a saiacalção alcandóra-se a halucinatorios cimos d'arte-frisson porque previsiona o advento da mulher-cerebral, afin do homem-espirito nas predileções, amoral e embevecida, sêr de raciocinio e clair-de-lune, duma sensibilidade nuvem que estas populaças atulhadas d'iscas ignoram o que sêja e Ibsen miguelangelisou em histéro-

0

Numa cidade-senhora vizinha como é Lisboa, lôrpa, espantadiça, virtuosa por desmazelo, onde apenas uma meia duzia de flexuosas mulheres pur sang (oh, mas pensando por carêtas e aphorismos!) se esforçam vincar-lhe certo rompante maquilhado d'urbe catita; numa cidade de vivós e centros democraticos possivel não era achar mulher que, com um petulantissimo desdem pela chacóta de 500:000 ché-chés, ousasse trazer ao escarcéu da rua a maravilha da jupe-culotte, a sintese mais bela deste século de Farman e Blériot, em que as almas aeroplanam, nostalgicas, na seducção de ser aza.

Não era possivel e valha-nos isso... porque a saia-calção reclama, pra merecer os salvés dos artistas, um corpo d'ondina voluptuoso, alto, sortilego, opiando gestos de vaga redolentes, um supremo potencial, emfim, de fórmas belas que só se fixa apóz quarenta gerações olympicas e era ridiculo pretender numa raça que ha um quarto de século amaleitava, em bailes de côrte, pelo seu maritornismo, o convidado estrangeiro.

A mulher portugueza, cavalheiros, a mulher desta época trocatintas em que uns velhacos de rabona substituiram deus no culto populacheiro; apesar das migrações constantes a Paris, nada tem da elegancia erudita, do estranho *charme* fim-de-século das demais e mui pouco se distanciou da vergastada fémea das Farpas—baixóta, morenóta, com um bigode estupor e dois olhitos que baforavam poucas vergonhas de cigarreiras.

0

Quando um jornal ganiu que Angela Pinto iria fazer, de saia-calção, a sua conferenciatroça no teatro ex-Dona Amelia, toda a Lisbôa folgada acorreu á bilheteira: gatas do nobiliario e ôcos pavões, prénhudas da democracia e seus rhinocerontes de maridos — amaltando-se, cerzindo-se num verdadeiro elan febricitante que não lograria Strindberg prás suas peças supremas.

Angela Pinto, que como actriz é uma grande strábica e cuja máscara d'hortaliceira pathetica, em que os olhos ruge-rugem malicia e os labios sugam cigarros acesos de humor; cujas ribalderias de fémea-garoto lhe conquistaram nome e clientéla entre os periquitos valetudinarios da critica e os grandes catracegos da opinião... Angela Pinto iria falar em jupeculotte! E esta ideia acendia fogaréus d'entusiasmos no cáco de toda aquela matula de balofos.

Viu-se, porém, que não passava a noticia dum méro pretexto de réclame, para atrair a credulidade besta da população; mas o facto colheu a provar como em coisas d'inovação, sempre antipáticas para elle, o portuguez acquiesce a vê-las, « uma vez, por pandega », nos mais; seja ao visinho, seja ao homem da

tenda, a um conhecido, té á Nana lasciva que estesia a Noite de vicios fulvos, co'a sua silhueta d'animal de cópula, tentador.

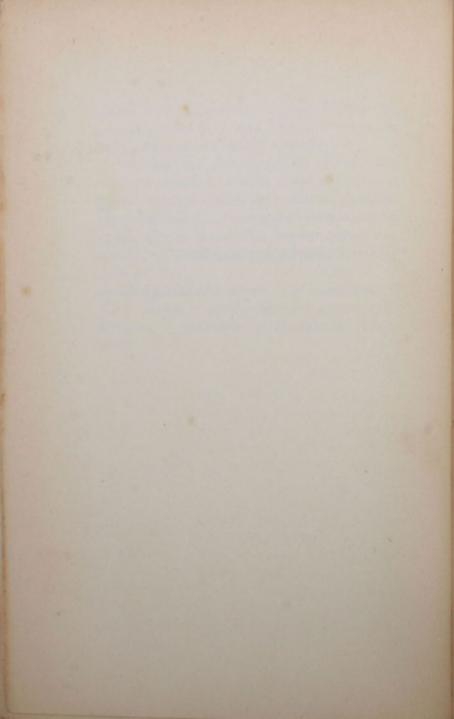
Ah, não me será concedido admirar nas ruas, vibratilisando o ar de graça arabe, essas figuras tão corrosivamente modernas dos caricaturistas, todas em contorsões paradoxaes de linhas, que os meus olhos seguem agora nas vitrines, comovidos, na sua delirante ataxia esthetica!

E por tamanho crime eu te condemno, ó fuinha cidade — au bois dormant, a seres, eternamente, o quebra-luz pudibundo da Civilisação.

1911.

MULHERES-ARTISTAS

Ao Veiga Simões



Meados d'abril passado té derradeiros poentes de maio, no salão da *Ilustração Portugueza* requestaram o olhar do visitante cincoenta e cinco télas de mulheres.

Fartas talvez de namoro e garden party estramalharam as dônas que as rubricam p'rás airosidades turbantes da arte, com o viso de armoriar d'insinuancia a quinquilharia dos seus lazeres de gomosas. Pois em seus arquejos de pincel como na delinquente aphrodisia dos duos o mesmo strabismo jingam as madamas.

Sóbe-se p'rá exposição entre vasos de plantas tão colmadas d'uso e de velhice que sugerem picarescas edições do sr. Brito Aranha em vegetal e á piedade concitam por assim as vêrmos pactuando com bugiarias de dedos sedentarios.

Á entrada, um porteiro inquire com ar temivelmente valsista, olhos louchando entre o bocejo e o agrado—se não querem inscrever o nomezinho...

Fazem-no quantos lá vão, burlescas vitimas

do piresismo, esse alcaloide tòxico de Lisboa que tudo dessóra, nanisa, desvirilisa: terceiros amanuenses com a bretoeia poetivora, que têm a reverencia ao chefe como um «tic» e a corcunda como um acessorio da vida... publica; estétas á flôr da pel'; dandys de perfil de veado, tão inchados de basofia que os diriamos asnos por direito divino ... Respeito mulheres: rostos alguns seraphinescos noitando olhos de spasmo e hipnóse, corpos-piciolos de insexuaes, duma poentina beleza, architecturas d'espuma, garbos arabes... no resto, belezas de morgue, giz-e-roxo: Bettinas gansas que com Goethes de missanga prevaricam; anatomias d'ossos esbrugados sobre que a maravilha pagã dos vestidos falcatrua outônos d'atitudes, gestos de sortilégio e perdição; condessas da hortalica, mam'zelles Focinhos, fémeas-úteros que lórgnam os quadros como os homens na espiral archi-doida das ruas, com momices de gatas e apelos sugantes de cadélas ...

0

Da malaria do café, aonde se apodrece nas patas d'aranha da verrina, leva-me um amigo a vêr a exposição. Acquiesço com uma voz de drama historico. E Chiado acima os dois seguimos a um sol que beija a vida numa suprema cópula zolaica.

Na platitude azafamada das ruas a sua máscara de vicios e desprezos soberanamente galvanisa hilariantes stops d'extranheza.

Ah, companheiro verdadeiramente espiritual! Delle aprendi a degustar o silencio como um alcool e a vêr no medo um signe d'histéroarte quintessencial.

Vicioso da Noite como duma turbadora Macbeth, a falar d'arte a sua conversa tem vôos d'azas dormidas, olhos vagalumando, tão musicos, na chimica da fébre...

E sabei-o, desses hiper-lucidos malucos que uma vez conheceram a Lady Ligea de Poe e ficaram perdidamente nostalgicos, não se resignando a amar essas que são o guincho estridente das ruas—obscenas poedoras ou nurembergs futiles que costureiros-Rossetis ógivam de amavios—; tornando-se, por isso, em irremissiveis impares da vida, sósinhos que se obstinam a suicidar-se com o pavor da morte a enfebrecê-los, tristes p'ra quem a alegria é a sua fome, mais: a consciencia de a não poder mascar, como os amigos e os irmãos, glutônamente, nos primeiros olhos que passam em atitudes d'espreita ou de fandango, com caricias de fonte, adormecentes...

0

Entramos, eu e o meu amigo que todo o caminho me encantou, Kirckoffer da ironia, a brandir contra os ridiculos que passavam queimando o seu cigarro alvar de pelintrismo, uma epèe française de humôr ultra-terceiro. Entra- cesta, mos e logo um facto esfusia para nós a sua mascarêta d'imprevisto (exactamente quando o meu amigo assim definia a pintura e a escultura: - essas ógivas góticas em que a alma se debruca p'rò misterio...): vem a ser que, devido, talvez, a essa lei pela qual o criador cvanoseia dos seus tics a carne sorvada ou espumea da creação, de cada um dos quadros ali expostos se desagréga como que um«convite á valsa» de semi-virgem vampirisante, uma aliciadora cita a fulvas coisas, evidentissimo guetápano, só p'ra nos delir a nitidez da visão, betumar o entendimento espevitando-nos o sexo; e conseguindo-o em mim, valha-me Deus! a pontos de eu, por instantes, só vêr as télas em dessous e jurar que chuchurrubia no anodino hall não sei que alôr estesico d'alcôva. Présto me esqueiro á seducção...

Ah, a dominante verdade é que todos esses desbaratos de lôna tagarélam a inaptidão pictural das suas auctoras.

Ninguem ahi procure as furibunderias, os tohu-bohus da cór, os incestos maravilhosos de

tons que os Independentes da Ponte d'Alma, Jeovahs em *delirium-tremens* de beleza, turbilhonam sobre o charco verde onde coaxam as artes premiadas; tão pouco os extases preraphaeliticos da linha que esparzem oiros-poentes sobre as sensibilidades lassas de vibrar.

A arte das madamas é uma arte sem medula, feita por dedos de luvas que jamais se crisparam em sedes grisalhas de revindictas, mais amorosos de trufas que de perfeição; um diabo duma arte cultivada por espiritos o mais possivel coin du feu nesta convulsiva epoca automovelesca e que ao saltarem da cama p'ró seu studium calçam ainda as chinélas de Van-Dick.

São (um exemplo) borra-tintas da figura. Ei-las ignorantes dos *cômos* e *porquês* anatomicos da expressão, incapazes de hamletizar um retrato, alcandorar *uma alma* té á altura dos olhos, de dar, em fim, pelo arabesco convulsivo das rugas, a significação dum pensamento que se desdobra.

Se o pincel das senhoritas é bucolico, se afeiçoam os verdes as bonécas, vêmo-los então horizontando mal, perspectivando peor, revelando, em summa, só conhecerem a natureza da pouca vergonha sorna dos pic-nics, com culbutes na herva ao fim da tarde, que alagartam azebres d'impudencia na réza oiro e violeta da paysagem.

Dahi acontece olharmos os seus pasteis

rosaraujinos ou os seus oleos... de ricino sem nenhuma espécie da hipnóse religiosa que as coisas verdadeiramente belas nos traspassam, como a certas arvores o crepusculo. Deante d'elles estamos a frio, palitando as preocupações mais terrenas: que faz um calor lá fóra de arrazar e as groselhas do *Montanha* são um apetite...—aquela libelula li estacada, em embevecimento visceral, ante um «ananaz e laranjas» ha-de escrever talvez curação e dizer com uma candura lorpa convalescencia, mas que dominatrix co'o seu galbo blasé de musa d'alcova e camarim!...

Songer—diz Regnier co'a sua arte ogival de compôr frases—c'est imposer aux choses, à travers l'âme, la grande transfiguration silencieuse; c'est faire du souvenir la rêverie; du bloc la statue; de la ligne l'arabesque; des larmes un philtre.

Ora o que transparece d'estes fulguraes dizeres na «furia» mais ou menos rua do ouvidor com que as damas expoedôras maxixeiam na lona os seus pinceis? Não transparece nada, por muito que se ponha a mão em oculo para vêr. O que pretendem, vamos, as janotas, quando os seus dedos pchuttosos vão, no violoncello das tintas, fazendo essa Maria Caxuxa de tons a que melhor caberia o designativo de —assôrda pictorica, dadas as suas provaveis

faculdades de ménagères? Pois o que pretendem senão—fazer ferro ás amigas que não pintam!

E' este o motivo supino, é este o motivo pandego, tintamarrêsco, que nos leva a desejar da parte de seus maridos mais vigor de pulso e a estabelecer, em summa, p'rás suas tendencias artisticas o juizo definitivo: ellas teem-nas por uma fatalidade prosaica, como a D. Felicidade, no *Primo Bazilio*, tinha gazes e outras avézam herpes e pedra na bexiga.

0

Succede-me ás vezes, em bagatélicas palestras de café, sobre que a verve dum ou outro poeira a patine d'oiro das ironias dandys e epigramas, succede-me ás vezes bóxar contra a mulher—artista ou só inteligente—as truculentas diatribes que são o bombon fondant sobre estésico das literaturas, desde Euripedes té esse histerico da prosa, Auguste Strindberg, especie de sombrio deus punico flagelador do «tôrpe feminino», em cuja obra convulsa impréca e uiva o odio milenario dos sexos.

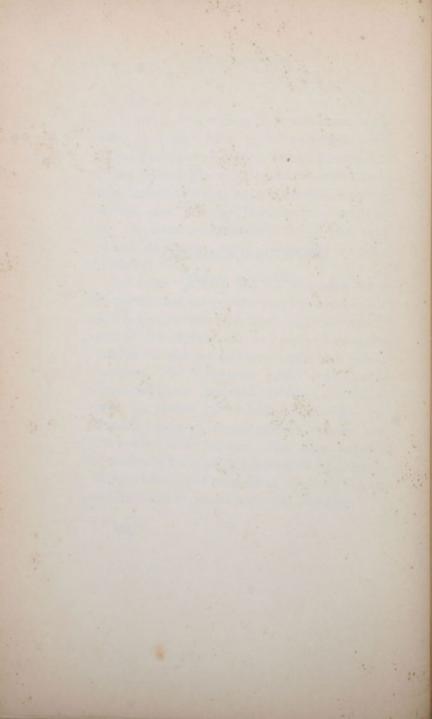
Investem p'ra mim, n'uma vaginophilia grotesca, os desfarelados títeres de Venus, reeditando-me o conhecido disparate—de numa velhaca não se dever tocar nem com uma flôr. Qual não se deve!

Os que a esta exposição fôram, como a um rendez-vous do chôco e do mediocre, esses podem dizer se não assiste justiça á sova que óra lhe damos, nós os que não lhe escrevemos cartas inflamadas com «anjo querido» e outros insultos, que não lhe fêtichamos a madeixa loira ou russa, cortada p'rós eleitos com uma tesoura de aparar calos... Amigos, os calos do Idolo!

De resto: desaire não ha p'ra uma dama em pintar mal um retrato ou uma arvore, e o caso é que eu não vim aqui negar talentos a uma só das expositôras, p'rá pintura dos seus cabellos ou das suas faces ou dos seus olhos. Confesso, p'lo contrario: põem quasi todas n'essa arte uma graça tão erudita, um videntismo de dedos tão subtil que perdem em extase o misógino rebelde que ha em mim, tornando-me num babádo p'los seus cabelos absurdos, p'las suas faces maquilhadas e p'la magia « feita » dos seus olhos, em cujo veludo sortilego bailam incestos de lua e violeta.

UM PINTOR D'AGUARELAS

(ESBOÇO EM ZIG-ZAG)



As exposições de paysagem servem a cinzelar na sensibilidade relapsa de quem lá vae tendencias p'ra um afalcoado bemquerer á feitiçaria beijante da Terra verde?

Creio que não servem. P'lo menos assim pensa um prósista mórbido, meu amigo, morrendo por mimar galbos de vaga múrmura ás suas outônerias de estilo e de quem eu procuro seguir na vida a máxima fulgural — Faz do desprezo o teu delirium-tremens.

« Taes — explica elle —, que smórzam os olhos duros ante uns centimetros de lona, onde uma incerta arvor' se atonisa no somno cataléptico das tintas, ai, nunca, nunca á paysagem real pediram ópios. Todos os dias atulham os comboios p'ra ir têr com ella, frequentá-la... myopes levam binóculo. Mas, verbi gratia, que pretendem cocár atravez d'elle? Corpos d'arvores coreicos, fusinando-se na grisalha dos «longes»? Não, amigo: simplesmente, o registo quase-mundano dos jornaes. Quantas vezes, tambem, o despeito cin-

zento-chumbo dos eternamente jungidos á mesquinhez do seu terceiro andar.

E « as adoraveis macácas Y » — chrômos de salinha burgueza ou *maquettes* do frivolo que galvanisam Paquins hemorröidarios? . . . Nenhuma que não diga dum *poente* : « E' muito fino », com o vazio emocional do refrem : — « mas se eu o amo, mamã! », pleitando as intenções contrariadas dum Alfredo pluri-asno.

A pintura devendo ser a eternisação da esphinge semi-fluida que espéctram num fascies certos minutos de spasmo conceptivo ou na paysagem a sombra — dôr do espaço —, quando as coisas começam o seu sonho, importa indagar o quantum de fé mediéva, paroxistica, contracturante que, no seu afan, pôz o artista de que ora trato.

Folheio o catalogo: assumptos neutros, gibosos assumptos, táboa duma sensação parecendo amar da natureza, em especial, o seu execravel « dia claro », grazina, acutilante, martirisante, metálico, reverberando, voluptuado, o óxido do sol. Vão exemplos: Barcos de pesca (Tejo), ao nascer do sol: Nascer do sol (Tejo).

O vento, horas mortas, crepusculos d'outôno estrebuchantes, mãos da penumbra, tão profundamente maternaes, em que os pobres e os timidos se esquecem — p'ra ser deuses, certas arvores em transe no adeus da tarde, a chuva — vóz de seda caindo e orando... todo o hamlético mundo que nos plange o seu murmurio de nuvem vagabunda, em que ha beijos, súplicas, ameaças, remorsos de Lady Macbeth, soluçando... ah, eu duvido que o aguarelista o sinta, bem nas suas artérias, profundamente, como um *mors-amor* filtrando-selhe no sangue.

E' certo: aqui, alem, a elle se refére (Pôr de sol no Tejo, Doca Grande de Santos ao pôr do sol); mas fá-lo-ha em gentil-homem galhardo, epicureano em bom tom, por fina cortezia para com o uso que dictatoriou indispensavel, num catalogo d'exposições, a menção de assumptos — mais ou menos tristes, o seu

bocado carregados.

«A febre chamada viver», de Edgar Poe que, como uma tatuagem sinistra, assignala todos os que fazem arte com uma especie de autosadismo obsecante, talvez não passe em Alves de Sá dum estado de sezão, diga-se, pouco pernicioso de caracter e com magnanimos claros de plenitude... visceral. O seu pincel é discreto, um pincel de confidencia e demi-jour—tons de syncope da ante-manhan beijando, tristissima, o corpo morto da noite—musa do Medo.

Pela tympaneria óptica que produz, á aguarela recai o papel de fixar a fémea que passa com o seu contemporaneo typo de mulher-téla que as toiletes clarescuram de sortilégio, a sua vehemente cabeça de *pochade*, olhos ideando, spasmicos, torsos nús, mãos de marfim respirante; beleza vesanica de cidade, feita de asymetria e elypses de laguna...

Não se preocupou de tal o pinturista quando escolhia motivos p'r'ós seus «Estudos».

Pois bem: apezar de tanta negligencia, sobrepticiamente contravindo a repuxar a minha antipathia, alguma coisa faz que eu sinta por elle ternura e admiração: o facto de ser um artista que usa ainda cabeleira!

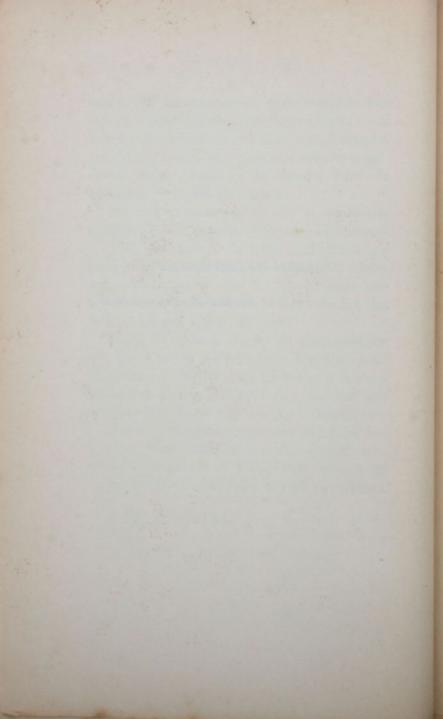
Neste strugleano século de descuiamento, em que é mister cultivar, com ardorosa assiduidade, a Chiméra e um barbeiro, a sua cavalheirosa obstinação radia dum encanto que amolece e, nobremente, faz jús a apotheóse.

Assim o compreendesse um jornalista batrachio, como todos os jornalistas, que, com evidente sarcasmo de gânimedes, apodou de — romantica — a cabeleira do meu aguarelista.

Lisbôa, junho de 1912.

"O JARDIM DO CREPÚSCULO"

Por Martinho Nobre de Melo



O autor dêste livro é simpático ao meu espírito. E eu não hesitaria em dizê-lo meu irmão em arte, se acaso ser irmão socialmente representasse mais alguma coisa do que uma acobreada guerreia de caracteres, bóxando raivosos contrastes, divergindo em tudo: no andar, nas superstições, no sentido das nuances, no modo de laçar a gravata, de tirar o lenço do bolso, até no relevo do nariz, na tinta dos olhos, desenho das mãos e pigmento dos cabelos.

... simpático ao meu espírito porque neste século do aéroplano militar e das máquinas de escrever, poude por um momento arrancar-se á tóxina dos cafés — onde, nas cidades, a vida apodrece sem horas nem ar livre — e com dedos litúrgicos resuscitar o Simbolismo no seu sepulcro de marmore, procissionandolhe depois, em 130 páginas, o esqueleto de púrpura e legenda, com góticos cerimoniais de págem caudatario.

Mallarmé, Gustave Kahn, Artur Rimbaud,

Charles Morice, André Ghil, Jean Moreas, Henri de Régnier, Jules Laforgue, todos os grandes magos-videntes da Escola Simbolista, que no Paris naturalista de 1886 anunciaram a «religião nova», vinda a sensibilisar as almas com a sua estética de murmúrios e penumbras, maravilhosa como uma rosácea de catedral ao poente; todos o sr. Nobre de Melo conhece, todos lhe devem ser tão familiares como aos nossos criados o escaninho onde pretendemos guardar os cigarros, da sua rapina, os nossos dias de humor cinzento ou oiro-sol, as predilecções e antipatias por isto ou por aquilo.

As provas do que afirmamos fazem bloco. Abrimos o livro: o autor dá razão de um outro já publicado: Ritmos do amôr e do silêncio, epigrafe que, é evidente, foi tracejada com a memória no título: Conte de l'or et du silence, do livro de Gustave Kahn, o arquitecto estranho dos Palácios nómades.

O crédo em prosa que lá vem, formando desgracioso vestíbulo ás cincoenta poesias do texto, não passa de uma grosseira maquette em grêda do impressionante baixo relêvo, talhado no bronze convulso de Miguel Angelo, que é o longo prefácio do livro: «Simbolistas e decadentes» do mesmo escritor. As poesias: Volupia morena, Elegia violêta e Balada dos teus olhos negros e das tuas mãos pálidas podiam ser vociferadas em qualquer esfumacenta

brasserie da Rive gauche, por algum fumista em falencia do sentir, com muito mais cabeleira do que emoção, títere filiforme do artificial, dromedário errante do fóra-d'horas, pondo nas ruas hilariantes stops de estranheza.

Mas não só os simbolistas francezes merecem ao sr. Martinho disvélos de copia. Fialho de Almeida, o escultor-músico das frases delírios, o Milet-poeta das paysagens, rezando angelus de hiperborea beleza, Fialho de Almeida tambem ilumina uma outra página dêste livro com os seus perturbantes fogos de berilo. Na Elegia violeta, já citada, o verso:

as marfilenas mãos cadaverosas

é, quasi inteira, uma imagem do *Barbear*, *Pentear*... brancos de marfilenas mãos cadaverosas...

Mais além, no *Poema da Saudade* o alexandrino inicial:

Fui hoje visitar o jardimsinho rústico...

e os décasilabos que lhe fazem cauda:

Sob o caramanchel, aonde o luar tanta vez nos beijou e acariciou...

já foram escritos sob a sugestão de outro icone favorito: Cesário Verde, morto na ante-

manhã da gloria, a esculpir Sonho. Lê-los é evocar o Artista admiravel, com a sua harmoniosa cabeça de baby loiro, declamando na sua voz de claro-escuro ao amigo querido — Silva Pinto, — a um desses poentes de folha sêca que magnificam Lisboa, a estrófe primeira das Flôres Velhas:

Fui hontem visitar o jardimsinho agreste Aonde tanta vez a lua nos beijou, E em tudo vi sorrir o amôr que me tu deste, Soberba como um sol, serena como um vôo.

Tem impressionabilidade o sr. Nobre de Melo? Furibundamente lh'a querem negar, pelo livro adiante, horriveis amostras como estas:

No soneto Poente:

... Um silencio de louza, Hora surpreendente Em que a alma quer chorar, gritar e não o ousa.

Este último verso faria ulular, se lh'o atribuíssem, o mais esmadrigado rimador de bugiarias.

Na Filha de el-rei dormindo na floresta (êle afeiçõa os títulos quilométricos que tornaram imorredoiros na memória das cosinheiras os adiposos tratados de romanesco de Dumas pai) estes versinhos ridiculos de

NE NEWS

cégo, que parecem ritmados por der-lindons de arame em viola rouca.

> Ouvide agora, gente ruim, Esta lição da Natureza Que vai caminho do seu fim:

Apenas era lá chegada A numerosa cavalgada...

Ah, mas ha nótulas verdadeiramente fulgurais no *Jardim do Crepúsculo*, tufando da banalidade do resto com japonezerias de crisântemos entre silvas. Vão exemplos: na *Elegia violeta*, o verso:

Cai nos teus olhos de ébano o sol-pôr . . . ;

na Balada da infanta que nunca viu o mar:

O silêncio arrastava-se, solene, Como um cadaver de águia sôbre as águas...

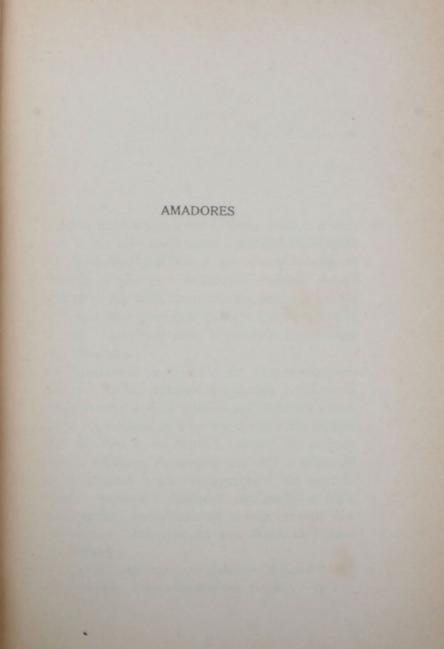
o 2.º terceto do soneto Quia pulvis es... e toda a poesia que começa:

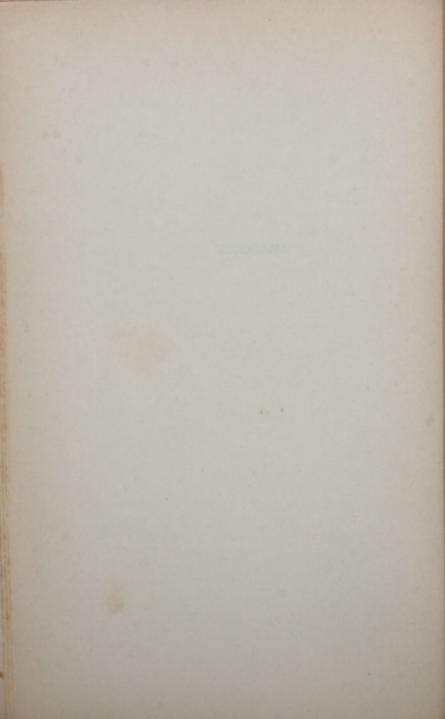
Ouço a chuva, miúda, sôbre as arvores...

Mile FA

Isto lhe basta para merecer dos artistas as mãos-postas do seu culto e o tornar inacessivel á compreensão dos homens práticos e dos homens gordos — que é, quanto a mim, a victória suprema do escritor.

Março de 1914.





Há quatro anos, em Lisboa, quando a vida ainda me não condenara á gehena idiotisante do emprego público e eu descuidosamente feriava o meu jour le jour de cariatide de esquina e de café, perguntado por um amigo sôbre o que pensava do amador, esvasiando o meu bock, respondi: o amador é o oïdium da literatura.

Estavamos uma roda de «esperançosos» em evidência, petulantes gascões do sucesso, idolatrando a Arte como uma Dulcinêa esculpida em bruma, que tivesse o vago das mulheres de Poe e de Nerval, capazes de por ela sair a terreiro, de soneto em riste e afixando a ignorância mais desprezadora do sentido destas palavras: defender um partido; cada um, emfim, queimando na chama ardente dos cavacos a borboleta da sua ância de sonho ou fantasia.

Lembro-me que um deles — flexúoso perfil de choupo, cujas enigmáticas pupilas reverberavam ao mesmo tempo kermesses e lutos — lembro-me que um deles acrescentou:

-E não só da literatura, mas tambêm da pintura, da escultura, da música, da comédia. de todas as artes...e a sociedade torpe que ás noites enverga a casimira solene, espeta em mitaines claras os dedos congestionados de soldado e, diante do espelho, súa e tressúa, range os dentes, tortura de pontapés o reps do tapete, a querer circunvalar um metro de cintura de dois palmos de espartilho, para ir ouvi-lo eructar, com ares bestiagas, monólogos desenxabidos; a sociedade execrável que lhe noticia os anos e as operações do apêndice ou do quisto sebáceo na orelha, que lhe soletra os volumes de rimas, aguádamente etiquetados de Vozes d'alma, lhe compra as telas, onde, quási sempre, dois alperces copulam com um indigestivo cacho de bananas (natureza morta), lhe cantaróla as valsas lentas que, quando não são Ondinas se enletreiram de Devaneios; a sociedade chinfrim que o convida aos seus jantares, o deixa sentar-se, com uma pompa obsoleta, na cambraia dos seus divans, se interessa pelos furunculos que lhe esvurmam do pescoço, lhe oferece cigarros, conversa com êle sôbre o bom tempo ou os encantos murchos dalguma desnalgada maritornes da rua da Barroca; essa sociedade vêsga, bronca, grazina o que é senão um pretexto para o lapis-látego dos grandes caricaturistas?!...

Foi isto em Lisboa, há quatro anos, por um dêsses fins de tarde de novembro, côr de absinto pálido nos longes, os compridos passeios molhados, em que o reflexo vermelho dos globos vai hieroglifando legendas trágicas de crimes; tristes, chuvosos, que lembram, pela esfaceladora melancolia, existências humildes, ulceradas de fomes e misérias, atirando-se a um canto pr'a morrer...

Pois agora mesmo, aqui onde estou, nesta fusca vilória dançarina, em que o isolamento é um insulto e a altivez motivo de esconjuro, pois agora mesmo essas palavras se me perfilam nos nevoaceiros da memória e acho que eram justas e bem cabidas.

Com effeito: há o amador dramático, ha o amador-poeta, há o amador-jornalista (e quantos outros!), mas, de facto, só porque — Fulaninho está convencido de que jamais a sua cabeça andrógina de garçon d'hotel e o seu opinioso ventre de comadre se conduzirão com garbo em papeis de conde ou de galan; o insignificante Z. desconfia de que mais o marcaram os fados para o metro burguês das seriguilhas do que para o metro doudejante dos decassílabos; o anódino X., redactor da Folha... d'alface, não compreende que a missão da imprensa moderna não é ser utilitária

mas zargunchadora, cascalhadora, vibrando á orelha tabetica das multidões o halali dos san-

grentos paradoxos.

Todos êstes arrazoados vindos a propósito do livro «Minha Terra», recentemente feito editar em Lisboa pelo sr. José Santos Luz, insulso rimamífero de berundangas. As lombrigas torporosas que empápam o brancoleite das suas páginas pensa o autor que são versos. Sim, mas que qualquer urdiria — o mais ignaro caixeiro, em bretoeja de lirismo, numa noite de lua, rente ao mar, ouvindo, longe, queixas nostálgicas de guitarra.

Ah, vou apostar que êle os escreveu em papel almasso comercial, ôlho fixo, premindo a lingua, caracolando êsse belo cursivo que na burocracia aeroplana um larvado a altitudes inimaginaveis de semi-deus e é a cocanha nunca ultrapassada do mérito.

Amostra da pobrinha emoção pictural do sr. José Luz:

É madrugada. Rente às oliveiras Passa um sopro de outono. As cotovias Cantam na terra branca das clareiras. Ao longe ouvem-se as vozes lentas, frias Dum sino matinal...

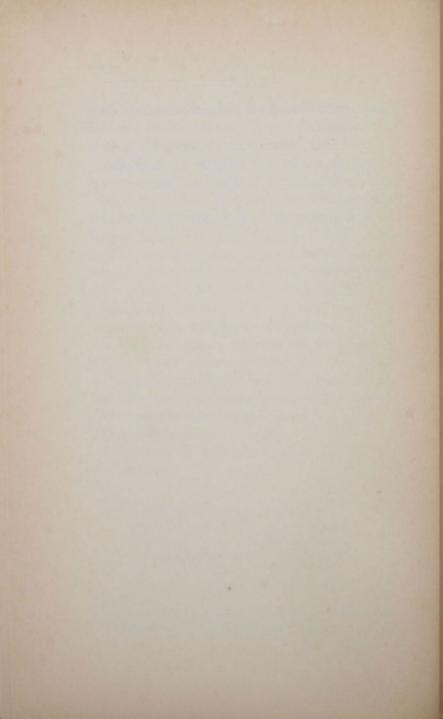
Traz o título: Dia de outono. Se fosse, por exemplo: dia de verão, ou dia de azar ou dia

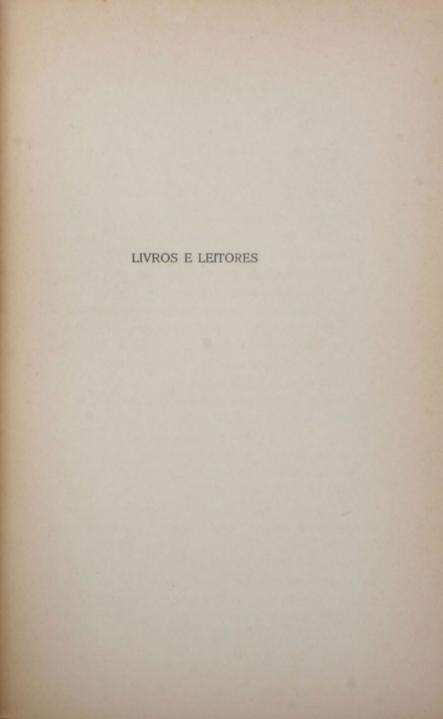
de S. Crisôstomo era a mesma ridicularia de tintas no pincel.

Concluindo: dêste livro se pode, talvez, dizer que a edição é escorreita e a capa discreta, se bem que o *ex-libris* um pouco aterrorisante.

Verbi gratia, eis o que posso garantir ao editor.

Março, 1914.







Folhear o caderno de requisições de livros duma biblioteca é sentir vibrar nas arterias duma população o sangue das curiosidades mentaes em que reférve e para logo adquirir a certeza de como escrever palpitante, impressivo, luminoso, ter, em suma, um estilo d'azas e arestas — estilo de pintor e sinfonista, — mordente, sonóro, fibroso, pulsando de força neurica, clarescurado de simbolos, goticisado de imagens, todo em maravilhosos crepusculos de estranhêsa, sêja um pecado, de que só bem raros extráem o bonbon-fondant das suas predilecções quotidianas.

É assistir, com pachorras de grafólogo, ao picaresco desfile de assinaturas e rubricas que lá veem... Ah, que procissão á Goya de burlescos, que sol-e-dó de asylo e de hospital patinhando na lama o irrisorio trofeu das suas

Gôrdos enfunam as letras com uma serodia petulancia, onde se adivinha a preocupação dum ventre que quer passar por cerebro... gágá; perdigueiros amanuenses cortam os tt. esgalgam os ll com rigidezes balôfas de chefes de repartição; capitães anódinos espapacam os hh, numa falencia guerreira, tão evidente, que estão a pedir reforma com um quarto de soldo; poetas bacôcos caracolam os aa com tanto donaire que parece que mais os marcou o destino para écuyères do que para Romeus do acrostico e da redondilha; madônas de papel pintado, bonécas de olhos de noite e mãos de saragôça, virgens de malaguenha espojam os ii com um inquietante meneio, onde se desnuda o frenesim de um útero á cata de lábios viris em que esculpir a ogiva spasmica dos beijos; boticarios diafanos, trazendo nos rostos o bolôr dos emplastros, espatúlam os ff com emphases de Homais, p'ra quem o universo é pequeno p'rá difusão das suas bostélas e «preparos», caixeirêtes lividos hieroglifam pattes de mouche com o desgárre triumphal de quem se sente comandita desses «reis do petróleo» que a verve yankee a todo o momento inventa, oferecendo milhões pela Mona Lisa e com uma dispepsia atróz a esverdinhá-los...

Mas que livros solicitam os pobres invertebrados? de que leituras ingurgitam o cáco as tristes rãs? que voluminhos preferem que lhes amansem os borborigmos da sua sentimentálica insulsez? — Obrinhas trôpegas, decrépitas, estioladas, mumificações de prosa, arrastando a côta dos periodos sediços, cuspinhando a saliva dos logares-comuns, entre um ambiente de carneiro do Santo Oficio. A paysagem que nesses mostruarios do hediondo caretêa dirse-ia cortada em madeira por algum bronco negralház, manipulador de feiticos. As arvores, os rios, as nuvens - esculturas de pensamentos -, os pôres de sol, a noite, os ventos, as chuvas, todo esse vasto mundo em que ha consciencia e atitudes respirantes de creaturas, está ahi imovel, cataléptico, não nos diz as suas cóleras, os seus gritos, os seus crucitos, as suas duvidas de Hamlet e os seus deslumbramentos de Veroneso, as suas ternuras luarentas de Julieta ou os seus pesadêlos de Macbeth; não nos interessa conhecer a sua historia de penumbras e misterios ou as inflexões da sua vóz de náiade num búzio. E porquê, bom Deus? Porque é naquelas paginas mero truc de scenografia, não passa de decoração, neutra, hirta, ossea, produzindo o efeito merencóreo desses vasos de plantas sobre um plinto, desses velhos contadôres tanto quanto possivel hispano-arabes, desses reposteiros côr de calda bordalêsa que num palco servem de sentinelas dormidas á confissão ardorosa dum velhaquete hermafrodita — que é barão, a um rabanete escarlate - que é a prima condessa.

O entrecho então zangarreia entre trez pólos:

Se o livro é d'amor vêmos uma Maria Chica hemorroidaria debrucar-se todas as tardes, com romanticismos visceraes, na sua janelinha de sacada, á espera do «principe loiro» que é quase sempre um aspirante de cavalaria, com bôas notas no curso, é verdade, mas devendo ao galego da esquina 2 tostões. Para ilucidamento do leitor se garante que a menina borda chinélas, estramálha polkas de ouvido ao piano. tem um perfil dolente de estatua de jardim entre sombras e preguiças de alga marinha nos movimentos; ocultando-se, todavia, por parecer mal, o seu férreo apetite pelos molhos rascantes e os pimentos de Hespanha. Ela, emfim, despósa o aspirante que, logicamente, é promovido a alferes, tendo ambos um bezerro de filho, pasto da escrofula.

Se é romance historico preenche-o um marrão apocaliptico, de barbuna russa, em latidos de mando e sobrecênho de crépe inquisitorial, que, com seus desváiros de hidrocéfalo ideota, acende o fogaréu da revolta na alma dos seus subditos, mais incaracteristicos de figura que bonécos a giz num fundo de vermelhão. Tudo isto colmado de astmas de anachronismos tão gebas, servido no prato côvo duma indumentária tão nauseante que vingança magnifica seria obrigar o autor a, depois de impresso, digerir, pagina por pagina, o que estercou.

Se o romance é d'aventuras ha nelle, pelo

menos, trinta assassinatos; «monstros» passam, angulosos e tôrvos, a escorrer ferezas de açougue; milhões inverosimeis entrechocam-se, alagam tudo, devastam tudo, como essas fatidicas epidemias que na Edade-Media eram flagelo de servos e senhores.

Estes são os livros com que o chamado grande publico delira.

Que visão lucida da vida, que antipatias serias, estructuraes, medulares por tudo o que é chinfrim, por tudo o que é vulgar, por tudo o que é usual e consagrado, fechando a noss'alma-crisálida louca—num casulo de sonhos e desdens, que ideaes apolineos de beleza se podem exigir do tal publico?

Zola, Balzac, os dois Goncourt, Fialho, Oscar Wilde, Huysmans, Henri Heine, Poe e Dostoiewsky, Ibsen, Strindberg e quantos outros! — todos os grandes deuses da linguagem escripta, possessos de Desprezo, tetanisados de perfeição... pronunciem-lhes os nomes a seu lado e elle permanecerá alheio, átono, indiferente, como um surdo ante a Sinfonia Heroica de Beethoven.

Um gôrdo confessou-me uma tarde, polucionando os olhos reboludos de Ganimedes, que «o seu fráco» eram os romances de capa-e-espada, onde Lovelaces esveltos escalam velhos castelos com a ajuda duma escada de seda, envoltos no tabardo da Noite, sob o fel-

tro derrubado do ceu e espadas tilintam, abrindo súbitos rasgões no burel tragico do escuro...

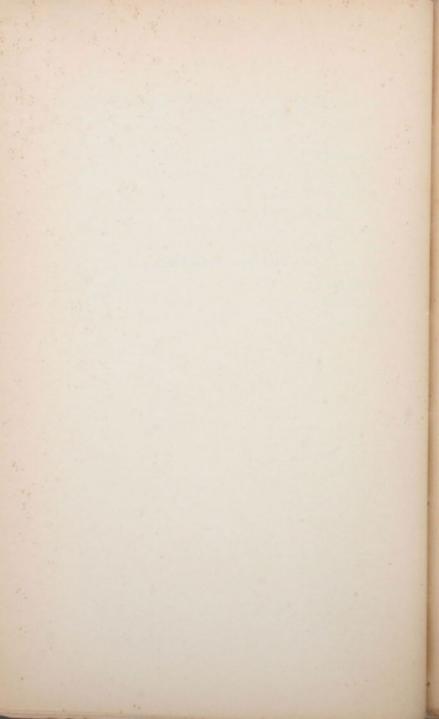
Ah, jamais esquecerei o divertido contraste, a crêspa dissonancia que as suas palavras, apoteótisando a acção, a audacia, a desinvoltura, estabeleciam com a sua espessa silhueta apudingada, de gestos móles, pastósos, pêrros, andorisando-se pelas ruas com lentidões de aventesma grávida de «um par», em quem a menor picada de alfinete põe suóres álgidos!

Pois esse gôrdo, esse ganimedes, esse títere é o resumo da multidão leitôra que apontei.

Maio, 1914.

MULHERES E TOILETTES

Ao Abreu Torres.



Quem em Lisboa poude assistir à evolução que desde de 1908 veiu magnificando a arte vulgarmente dita de toilette, uma coisa constatou, evidentissima, certeira, aforismal: que cada vez mais a beleza é um acessorio inutil na mulher.

É vê-la passar nas ruas, à la tombée du jour, à hora violeta em que os horizontes são pálidos como fundos de Rafael, as árvores não são árvores mas os seus fantasmas, e até nos pobres amanuenses que recolhem do cêpo das suas ocupações há um livôr de sêres de além-mundo; à hora-sôpro, à hora-núbil em que por toda a cidade, no fecundar das luzes, se esculpe o maravilhamento supersticioso que devia sentir a Virgem ao conceber a graça de Jesus, e as noites veem lentas, das suas landes de mistério, como se já receassem o travo das ignominias e corrupções, das sodomias e estupros, dos esfalecimentos e dos pânicos em que as multidões as crucificam,

grandes maters-dolorosas das Visões...; é vê-la passar nas ruas, esguia, desenvolta, com movimentos de libélula e passos quiméricos de musmė, seu pálido perfil de colunélo, o nankim hipnótico dos seus olhos, em que penumbras dormem como em nichos fumosos de catedral; é vê-la passar num dêsses vestidos côr d'alga marinha ou folha sêca, côr de bronze oxidado e velha úlcera, em cujo estofo, que parece feito de morbidezza e esgoto nervoso, copúlam, esmaecidas, todas as nuances de musgo e vitral gótico; é vê-la passar com sua aigrette de rei pérsico no chapeu, quando não é uma aza que se abate sôbre um riso de fivéla pratafôsca, - ríspida, frenética, crispações de gula nas remiges, como as dos milhafres quando descem a pilhar frangos nas herdades ...

Olhem-lhe p'ró rosto: feia quasi sempre, dessa fealdade gesticulante, agitante, suasiva, capciosa, que é um repto triunfal aos insignificantes crômos bestiágas, que os *ukases* dos povos, na sua milenária cegueira, teimam em classificar de « caras bonitas »; dessa fealdade sortílega, composta de infinitesimais encantos, despolarizados pelo capricho de alguma ciosa fada maléfica e que aos nossos olhos faz um hino de todas as catividades bárbaras em apotéose.

Mulheres bonitas... eis, contemporâneamente, uma scie de velhos quinquilheiros, um

ideal de bric-à-brac que desapareceu com o chouto das liteiras e as novelas hidromelósas de Camilo, em que o grande Adúltero, esfuriado de génio e bexigas, depois de as desgrenhar, lôbas heraldicas cobrindo-se do oiropurpura das suas fráses, pelo Yosiwhara das torpitudes mais lôbregas, as acompanhava a convento, repêzas, com galanterias versalhêscas de Rei-Sol...; um bacôco lugar-comum do tempo em que o vestido era num corpo o apagado incidente ameijoento, rigido, hirto, espécie de criado bronco servindo a olhos tábidos pudins de fórmas planturosas, sem imprevisto, sem enigma ou rosiclér de audácia nos contornos; quando a dispepsia era privilégio de alguns raros, a que estourados folhetinistas colavam o apôdo sediço de - philisteus; ainda a nevróse não mostrára ao mundo a sua horrivel cabeca de sombrio deus púnico hermafrodita, espalhando nas artes o pesadêlo mediévo da sua Noite, onde azas farpadas de morcêgos circuitam vôos, pupilas oblongas estagnam loucuras e hálitos suspirosos de fantasmas acampam nos cérebros as larvas disformes do Medo; ainda na literatura não tinham aparecido Verlaine e Wilde, com o seu dualismo de Jéovahs e monstros, de infancia e incesto, crucificando-se, convulsos, entre auroras e hecatombes...

Ser bonita... mas é quási sempre ser es-

túpida!

A euritmia das linhas fisionómicas — diagnosticou Lombroso — mui raro é arauto de excelencias recónditas de intelecto; o galbo heleno dum perfil só esporádicamente forma vestíbulo adequado ao lampadário crepitante

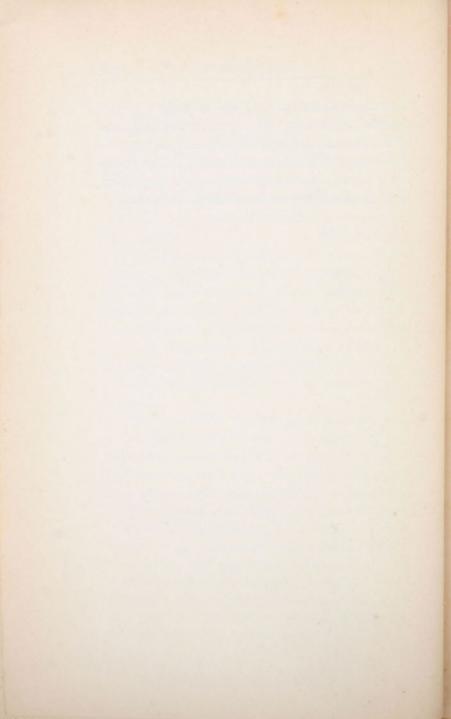
dum espírito.

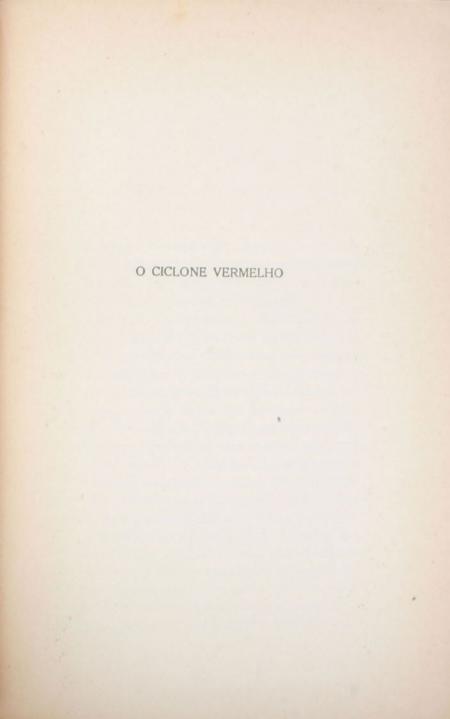
Sois charmante et tais-toi... resumiu Baudelaire, o sagitário dandi do Epigrama, numa das suas sinteses-luzeiros, como querendo significar que o papel da formosa é não abrir bico, limitando-se a irradiar, calada, no seu trono de vulgaridade, quinquilharia exótica de mostruário, bôca de ídolo maquilhado, olhos de uva e um coração inquietadoramente poligamo.

Nas sociedades de hoje, atáxicas, delirantes, desviadas dos seus eixos pela guerra russojaponeza que criou o assombro pelo flamejante país dos dragões e das quimeras e o impreterível extase pela sua estética de Apocalipse, vinda a escavacar no chão as noções europeias da Beleza,— nas sociedades de hoje o que é preciso é que os corpos sejam esveltos, afuzados, corpos de vaga alta, esfolhando-se em morrentes espreguiçamentos... As toilettes veem depois, e ei-los transformados, êsses complexos sistemas de nervos tenuíssimos, numa Grand'Opera da carne, maravilhosa, única,

instrumentando as ruas de estranho...— as toilettes hodiernas, com a sua perturbante magia outonal, tão opiada de seduções prerafaélitas, que parece que Rosseti, Burne Jones ou Holman Hunt sugeriram o tom nevrálgico dos estofos e a etereal asimetria da Linha!

Maio, 1914.







No carnet de notes do capitão de fragata Sémenoff, referindo a travessia da esquadra Rojestvensky até Tsoushima, na guerra russo-

japonêza, ha só uma figura grotesca.

Desde a do almirante, especie de rei Oedipo moderno, espiando a solercia d'uma culpada ronda de gorilas-o Almirantado-, entretidos a escabichar o problema de garrotar á ignominia 100 milhões de energias; desde a do almirante, enorme como um mármore ao crepusculo, em cuja alma antiga como que ulúlam as siberianas desolações das steppes, sentindo como um moujik a volupia, tão requintadamente slava, do sacrificio, com a filosofia nazarena do perdão e essa obstinação suicida dos que o Destino abocanha e estorcéga; desde a do chefe supremo, em cujo olhar marinho, tão liricamente azul, érra como um virus lethal, a certeza antecipada do insucesso, vigiando, resolvendo, ordenando com palavras dir-se-iam tauxiadas de mortes e derrotas, articuladas por labios de pedra ao ritmo das tempestades...;

desde a do mais alto de todos até á do matelot mais fantil, as outras figuras sobrepairam, divinisam-se, esculpem-se em lava de desgraça, ardem na febre perniciosa das personagens shakespereanas, peróram, imprécam, gesticuculam, sarabandam escarneos, falham manobras, cachimbam, jungem as mãos: passam na crypta frigida das páginas como n'um pesadelo de Poe traduzido pelo pincel mediévo de Odilon Redon, debruçam o espirito sobre a ogiva perturbante dos livros spiritas, e a um simoun de espantos e hecatombes atropélam-se, turbilhónam—course à l'abime do desespero, colossal baixo-relevo que um Meunier detalhasse com um cinzel de cóleras e gritos.

Já o disse: ha só uma figura grotesca. Ela só, morde um parentesis de chacóta no dies irae convulso da narrativa. Como alguem que n'uma procissão de penitencia agita um Judas de trapo, espetado n'um pau de vassoura, o russo detem-se, parte nas mãos ardidas a corda de soluços em que anda a amarrar as suas frases e faz-nos uma visagem de clown, bem-humorada, d'uma irreprimivel plenitude bufôna, para nos mostrar—querem saber quem?

O comandante da canhoneira *Limpôpo* que na Bahia dos Tigres, a trez mil milhas de toda a costa, «com um formidavel armamento de um 65 milimetros e duas metralhadôras», intima 39 navios de alto bordo a que prosi-

gam na sua marcha erratica de Ashaverus, sem descanço, sempre, sempre... como um Deus da Biblia flagelador, de bonésinho irado de ordenança, a bôca fula, e despedindo em vez de raios—objurgatórias. Descáso de Rojestvensky ante tão insólita intimativa a pontos do matamouros se fâcher tout rouge, declarando ir professar a Benguela.

...e lá vae...

Ah, como este incidente fecunda de resurreições a argila morta de toda aquela *chair à canon*, rolando, átona, sem sensação, entre as phantasmagorias crepusculares do ceu e os desmaios da agua—naiade núbil, que os navios—tritões de ferro—vão violando! ah, como se reacende nas pupilas tôrvas de presagios o braseiro apagado do riso!...

Grotesco e féro, o portuguez sempre assim foi.

Um alquilador dizia-me uma vez, mostrando-me uma esvelta estampa anglo-normanda:

—Muitos braços, muita phantasia, mas, meu caro senhor, pouca resistencia.

Brusco de gestos, grazina, pirotechnisante de maneiras, todo *em paráda*, galhardo por vezes como uma cinta de *toreador*, com sessenta deliberações n'um minuto e outras tantas paresias no imediato, senhor d'uma vontade *vozeante*, sim, mas sem finca-pé, pouco

resistente em suma, ei-lo que plasticisa o dito do meu marchante.

O seu marasmo d'agora justifica-o elle pelo enorme esforço que dispendeu ha quatrocentos annos—descobrindo o caminho maritimo p'rá India. Dêem-lhe, porém, «um grande acontecimento» a comentar, que inauditismos de inepcias desenvolve!

Vae em tres mêses que nas cidades multitudinarias, que na alegria rubenesca dos campos os rálos da soldadêsca espotejada vieram substituir a canção dyonisiaca das fabricas, o fulvo triólet das festas, a pulsação poly-arquejante da Vida moderna, e que o velho mundo, possesso de sangue como um sacerdote de Belona, desfralda aos ventos o troféu das sinistras reprezálias...

Percôrram-se os jornaes... Nem um artigo falando acertado, mordente, incisivo, traduzindo em tintas de delirio, repintando com febre, com nervos, com desdem, a electrica vibração de espirito de quem o escreveu, a aura convulsiva em que ele se produziu.

Quem os lêr benze-se ao depois, perplexo com a vacuidade mental dos chamados mandarins da opinião. São tudo bravatas, jactancias, espadachinadas, coisas frustes, neutras, sem sexo.

Sujeitos gordos que estamos a vêr enfaixados em flanela, por via das correntes d'ar,

com suas pantufas de feltro, barretinho andrógino no tôpo d'uma cabeça de vitelo, langorosa, tremendo a um olhar mais duro de madame, decretam a avançada a Berlim com a sem-cerimonia com que os patriotas dizem que «vão ali ao Martinho» ou em sucia á Rabicha; negam o espirito alemão, a arte, a música, a literatura dramatica, a industria alemas, com o desplante d'um lacaio a quem acusassem de ter empalmado uma caixa de charutos; bonifrates amalaguetados que, por livre-pensadeirismo, escavacariam a frio as figuras scismáticas dos nichos, as sentinélas caladas dos pórticos, os Christos dolorosos, gárgulas e chiméras, - mis-en-scénam lágrimas de grande efeito ante o bombardeamento de Louvain: fieis patifes que, a acreditar no depoimento dos vizinhos, chez-soi «levam tudo razo»,crispam os dedos, coitados! geremisam lamurias por terem arrazado a cathedral de Reims!

E no entanto é certo: Louvain, a cidade-Memória, Louvain, a cidade-Reliquia foi destruida. Arrazada a cathedral de Reims. Essa maravilhosa chorál de pedra que a Fé dos seculos entoára a toda a gama vertiginosa dos seus arcos-botantes, que tanto luar ungira de misterios, ei-la estendida no chão como um enorme corpo morto, de cujas feridas golfam rosaceas, tapeçarias, vitraes chorando côres, ogivas pondo as mãos, colunêlos surprêsos no seu vôo...

Ao fenecer das tardes, nos campos de batalha, entre as disputas roucas dos córvos, ha-de erguer-se, angustiosissimo, o grito walkyriano das paysagens sentindo-se poluidas pelo estrepito dos milhares de guelas de ferro e os uivos da gentussa tripudiando ébria de chacinas.

Um homem apenas faz rodopiar toda esta farandóle lubrica de carnagem que é a guerra actual.

Esse homem é Guilherme II, Rex-Imperator que a historia, já'gora justiceira, terá de ferretear com o designativo estigmatisante de—kaiser negro.

Especie de Caliban do exterminio, a sua loucura homicida tem uma portentosa vis conturbadôra, fundente e tão suasiva que os escritôres deixam os seus livros, os sabios as suas abstrações, os symphonistas os seus lieds, os operarios despem as suas blusas de trabalho, depõem o ultimo beijo nos olhos côr de pervinca das Gretchens loiras, —só para segui-lo, marasmados.

Tendo na alma todas as impulsões verdetôrvas que tornaram odiado Philipe II, ele é supersticioso como o mais bisonho dos seus campónios wurtemburguêses. Assim, á frente do seu estado-maior coloca von Moltke, por ser sobrinho do outro, do grande. Será vencido o kaiser e o seu pan-germanismo.

Mau poeta, mau libretista, mau discursador, mau critico d'arte, os artistas não guardarão o seu nome.

Do pesadêlo francez de 1870, de todo esse naufragio d'um pôvo submergindo-se n'um esquife scénico de lôdos e heroismos, d'esgares e arranques — ficou a *Débacle*, — delirio de condôr vencido, réptando, obsecado d'arte, o vencedor.

Foragido do seu trôno-tablado, como o ultimo dos cabotinos, poderá Guilherme de Hohenzolern escrever outra *Débacle?*

Não o creio.

Outubro de 1914.



O VISCONDE DE VILA-MOURA SUA PROSA E SUA SENSIBILIDADE



Foi em Sainte-Beuve — essa alma aburelada de perfidia num corpo de sachristão, hiper-liturgico, — foi em Sainte-Beuve que os meus olhos, admirados, viram um dia a iriante orchidea desta phrase: «Não se deve falar de um escritor sem que se possua o seu estilo.»

Sempre que Vila-Moura edita in-8.º o super drama iluminante da sua estesia e o meu entusiasmo o sente de mãos juntas como um morsamor de beleza, oiro-em-ocáso, quero dizê-lo e aquela phrase vem paresiar-me, com uma obstinação silvante, fulgural de sardonismos, pondo titubiamentos onde eu quizéra púrpuras e vôos.

Porque a minha prosa é aspera, plebeia, monocórdia, sem penumbra, achando-se no meio do convulso dizer contemporaneo, orchestrado de ineditas músicas, e em cuja trama fascinante coagúlam crepusculos, luzeiros, desfalecentes aquatintas; achando-se no meio desse sumptuoso Versailles Luiz-quatorzeano,

que é a literatura moderna, um pouco como o Goujat vêtu de satin, do quadro de Rubens.

E p'ra falar de Vila-Moura torna-se preciso possuir um estilo, tal o seu estilo, ao mesmo tempo dandy e enternecido, ora em sobriedades d'écloga latina, ora cheio de irisações e reflexos, como uma dalmatica de arcebispo, agora murmurante, cristalino como uma vóz d'agua sobre musgos, logo em atitudes chimericas de febre, de assombro, de delirio, como essas figuras — pedra e alma — que os escultores mediévos espectravam, perorantes de expressão, na sagrada noite dos nichos, alando-se fluidas, no archi-fervoroso hossana das catedraes...

Podesse eu revelar-lhes o encanto dos seus livros! ser o muhezin iniciado chamando ao extranho angelus das suas phrases as almas caprichosas e sosinhas!

A sua prosa tem isto: fala-nos dum poente e todo o seu oiro desce a apasiguar-nos; fala-nos da tempestade e ouvimos os gritos, os regougos, os lascivos soluços e imprecações em que a esfinge das ventanias se revela; fala-nos da noite e árvores e figuras silhuetam os seus phantasmas de Hamlets pensierosos, veem-nos dizer, sobre um proscenio spásmico de escuridão, as suas tragedias de nervos, de folhas, de raízes; diz-nos das frias manhans gelando em grandes albornozes árabes de

cinza e, brancas de syncope, as horas plangem o Tempo; da portada gótica dum velho palacio e as carcomidas pedras são mousselines da mais hiperborea tessitura; descreve-nos uma praia do Norte, á hora dos sinos, e vêmos os musgos - cadaveres de outônos pela areia. bronzes hirsutos recolhendo as redes, a agua religiosa de letargo, barcos varando, velas abatendo, como feridas, no funeral da tarde e por cima de tudo silencio e penumbra como médiuns evocando do coração das coisas, vózes de naufragos, roucas a chamar num nevoeiro: mostra-nos uma rua crapulosa de Londres e todo o seu impudor-crime nos conturba como um regelo de crypta; angulos de predios recortam na bruma os seus horriveis ventres, prenhes de torpezas, grandes olhos ophtalmicos de candieiros coruscam, enojados de tantas historias tôrvas devassarem e nos passeios, onde a tréva poisa, como um hediondo fetus colossal, fatidicamente sôam os passos da creatura esquálida, de labios pintados e riso pintado, musa de morgue e de hospital, dando aos noitibós do baixo vicio volupia a preço, tarifada.

Ella é assim soberanamente plástica, viva, respirante, como a quizeram os Goncourt e Victor Hugo a presentiu em certos capitulos desvairados da sua *Nôtre Dame*. Marmorea, protocolar, cavalheirêsca, mimando poses de

Grande Trianon, ourivesada de joias, como a Salomé de Moreau, feita do lôdo das ruas, de lava corrosiva, da pedra dorida das rochas, consoante a idêa ou a emoção de que é o

sortilego refletôr...

D'Annunzio, os dois Goncourt, Karl Huysmans, o delicioso psalmista das catedraes, eis em arte os que o seu sobrepairante espirito hermanisa. Porque tem, como o primeiro, a voluptuosa pompa de certas phrases, o fulgural instinto veronesico no arranjo de certos periodos. Exemplos, tirados do seu ultimo livro — Bohemios: « Nas tardes quentes, quando o sol queima as horas, ha no ar verdadeiras labaredas, setins fluidos, misteriosos, onde turbilhona poeira acêsa...» « A Bazilica era uma sombra de côr, boiada dos vitraes em que estremecia, transfigurada, a agonia do Sol...»

Como os aquafortistas da Germinie Lacerteux e da Madame Gervaisais, Vila-Moura possue o dom de interpretar das coisas do universo a sua psyché idilica ou torturada, amaviosa, lôbrega, inquietante. Para elle cada forma da materia tem uma consciencia. É um organismo vivo, comparsa primario do sombrio drama do Homem, com as suas horas de gloria e as suas horas de tédio, os seus marasmos e as suas volições, os seus sofrimentos e os seus gritos, as suas cobardias e os seus

desencantos, traindo, beijando, odiando, esperecendo, tal faz o Homem na infamante gehena das formulas sociaes.

Folheio o livro já citado: «As ultimas flores eram como aves catalepticas, suspensas, magnetisadas da haste, azas que o vento arrancava da sua atitude sonambula, arrebatando-as.»

Á maneira do autor do A Rebours e do Là-Bas, elle é um apaixonado dos temperamentos extravagantes, dos typos mórbidos, phantasticos, anormaes, em que ciclónam táras, velhas de seculos; especies de esfinges andróginas morrendo do mal da Beleza e de cuja inviolabilidade se vingam os Oedipos de missanga apontando-os de paranöicos.

A revelar-nos uma figura, de modo a no-la espectrar na camara escura da memoria, p'ra sempre, com alma, nervos, verve, expressão, sangue arterial, cercada d'ar, em suma, a sua óptica dispõe d'uma maravilhosa acuidade adivinhadora que o torna um Velasquez do traço escrito, um irmão gémeo, em litteratura, dos artistas sublimes da escóla de Flandres. Retrato do pae de Carlos nos Bohemios: «Iluminava-lhe a face d'um livôr de sol-morto o traço-roxo e sumido da bôca, especie de cicatriz a cerrar.» Maria Joana—personagem mestra na novela, de cuja conducta amoral se projecta a pungitiva beleza dum fim de tarde, tem «uns olhos humidos, côr de ribeira, sombrios das curvas

voadas das pestanas longas, onde érra a expressão indecisa da sua alma de perdida...»

Em Paris, na espiral exhaustiva da vida de Montmartre, na faúlhante pan-vertigem dos cabarets, fixou Vila-Moura «o artista lendario, sombrio, abstrato no fumo do cachimbo onde parece queimar o olhar a lêr destinos...»

Compreende-se como uma arte assim ogivada de perturbantes seduções, assim chancelada de raro e de imprevisto, sêja inacessi-

vel ao gosto caraïba do publico...

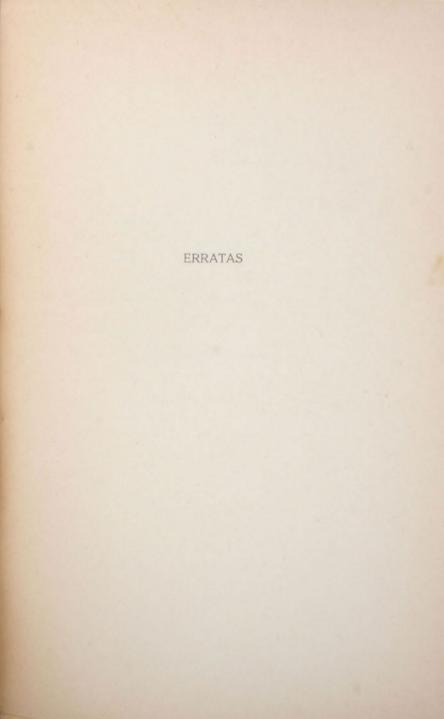
Como a Teixeira de Pascoaes e a Mario Beirão, os Rembrandts da moderna poesia portuguesa, a Vila-Moura está reservada a gloria de jamais ser citado nas selectas—esses museus de monstros surdos-mudos. O seu nome não será babujado etiquetando—trechos escolhidos.

Releio o que diz no seu ultimo livro a bailarina Natalia: «Ha uma coisa que me perturba e irrita extraordinariamente. É acordar d'aquele nevoeiro de movimento e encontrar-me com a plateia. Ah, feliz de quem não atende plateias!»

Afirmando isto, Vila-Moura fala por si mes-

mo, pela bôca do seu Desdem.

Novembro de 1914.



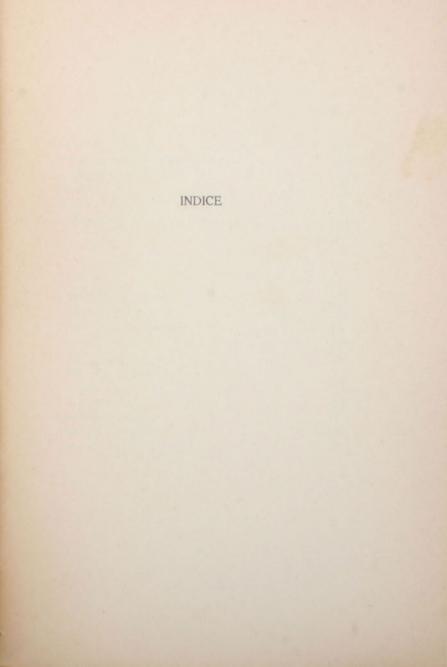


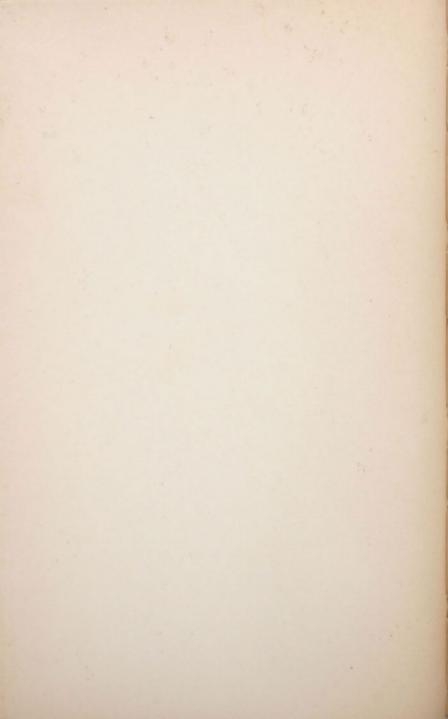
A paginas 116, onde está: Não ser qual criminosa lei leia-se:

Não sei qual criminosa lei A paginas 124, onde se lê: nada disto elles possuam leia-se:

nada disto elles possuem







Tése sobre o humor								11
Por um crepusculo sentime	nta	1						23
A apologia do cinzento .								47
Outono				*-				61
A Vida				*	*			
Estudo para o vamento de				*				67
Estudo para o romance de	do	IS	car	act	er	es		83
1	I							
A exposição Silva Porto .		-						121
A fotografia psichica								131
A apotheose da saia-calção						-		141
Mulheres-artistas								149
Um pintor d'aguarelas								159
O jardim do crepúsculo .	*							165
Amadores								173
Livros e leitores								181
Mulheres e toilettes								189
O ciclone vermelho						10		197
O Visconde de Vila-Moura								207



ACABOU DE SE IMPRIMIR

NA TIPOGRAFIA DA "RENASCENÇA PORTUGUESA,
PRAÇA DA REPUBLICA, 160, 161, 162, PORTO,
AOS 20 DE ABRIL DE 1915,
TIRANDO-SE DEZ EXEMPLARES
EM PAPEL COUCHÉ
NUMERADOS E RUBRICADOS PELO AUTOR.





